

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Carolina Monteiro

*"A escrita na escola primária" :
repercussões da obra de Orminda Marques
nas décadas de 30 a 60 do século XX*

Porto Alegre

2012

Carolina Monteiro

" A escrita na escola primária" :
repercussões da obra de Orminda Marques
nas décadas de 30 a 60 do século XX

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Educação da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre em
Educação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Stephanou

Porto Alegre

2012

CIP - Catalogação na Publicação

Monteiro, Carolina
\"A escrita na escola primária\": repercussões da
obra de Ormindia Marques nas décadas de 30 a 60 do
século XX / Carolina Monteiro. -- 2012.
118 f.

Orientadora: Maria Stephanou.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. História da Educação. 2. Ensino da escrita. 3.
Caligrafia. 4. Ormindia Marques. 5. Formação de
professores. I. Stephanou, Maria, orient. II. Título.

Agradecimentos

Ao longo destes dois anos de mestrado contei com o apoio de muitas pessoas. De algumas delas com contribuições diretas ao trabalho por meio de sugestões, indicações a partir da leitura atenta de meus escritos; de outras através da motivação e do acompanhamento nesta trajetória. Por essa razão, neste momento de conclusão do curso, presto minha gratidão a cada uma destas pessoas.

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora Maria Stephanou, com quem tive o privilégio de trabalhar desde a graduação e aprender tantas coisas, pela orientação cuidadosa e competente. No decorrer destes anos ela me ensinou o que é ser uma boa educadora e pesquisadora da melhor forma que se pode ensinar algo: através do exemplo. E por isso, tem minha admiração e respeito.

Às professoras Zita Possamai, Maria Helena Camara Bastos, Eliane Peres e Luciana Piccoli pela leitura atenta, pelas contribuições ao trabalho, pelas sugestões, orientações e acompanhamento em diversos momentos da minha formação.

À professora Dóris Bittencourt Almeida pela enriquecedora experiência no estágio docente realizado na turma de calouros 2011/1 do curso de Pedagogia. A eles, também, meu agradecimento pela acolhida.

Aos funcionários da Biblioteca da Faculdade de Educação da UFRGS que permitiram a pesquisa em seu Acervo Histórico.

À bibliotecária Mônica Ladeira do Centro de Memória Institucional do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (CEMI/ISERJ) que, com muita disponibilidade e atenção, possibilitou o acesso a preciosos documentos para esta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, que por meio de seus professores e funcionários garante a qualidade da formação de seus alunos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agência que financiou esta pesquisa por meio de concessão de bolsa de estudos.

Aos colegas do grupo de orientação Andréa, Carine, Cassiano, Edison, Larissa, Márcio, Maurício, Regiane e Vinícius, além das bolsistas Patrícia, Celine, Roberta e Letícia, pelo convívio e pela companhia em disciplinas e eventos acadêmicos, pelas trocas e pela amizade construída neste período.

Aos meus pais, Renato e Cristina, pelo carinho, pelo apoio, pelo incentivo, e por sempre valorizarem minha educação.

À minha irmã, Mariana, pela companhia nas horas de estudo e por compartilhar aspirações e anseios da vida acadêmica.

E por fim, ao Alessandro, companheiro de sempre, com quem os dias são mais felizes, pela compreensão nas ausências e pela motivação em todos os momentos.

A todos, o meu profundo agradecimento!

A história da escrita não se pode compreender se não se decifrarem, ao mesmo tempo, os interesses que a movem e as interpretações que os sustentam.

Roland Barthes

Resumo

O estudo, inspirado nos pressupostos da História Cultural, se insere no campo da História da Educação e tem como objetivo problematizar em que medida a obra de Orminda Marques, tomada como um marco histórico do ensino da escrita no Brasil e por se constituir em um instrumento de divulgação dos preceitos da Escola Nova em nosso país, persistiu, por mais de três décadas após sua publicação, como referência para a formação de professores. Orminda Isabel Marques nasceu em 19 de dezembro de 1887 no interior do Rio de Janeiro, ingressou na Escola Normal em 1904 na capital do Estado e em março de 1932 assumiu a direção da Escola Primária do Instituto de Educação do Distrito Federal. Neste instituto a educadora dedicou-se à realização de um estudo da boa escrita, entre os anos de 1933 e 1936. Para demonstrar sua importância, a pesquisa empírica se vale de documentos que representam as publicações baseadas no referido estudo, tanto no periódico *Arquivos do Instituto de Educação* (1934 e 1936), quanto no livro de sua autoria, *A escrita na escola primária* (1936), bem como a coleção de cadernos de caligrafia *Escrita Brasileira* (1940-1960), também elaborada pela autora. Além disso, são tomados como documentos de pesquisa impressos que se valem das publicações de Orminda Marques como referência, tais como manuais de linguagem de diversos autores e de circulação nacional, artigos sobre o ensino da escrita publicados na *Revista do Ensino* (RS) nas décadas de 50 e 60 e comunicados dos anos 1963 e 1967 elaborados e emitidos pelo *Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul* (CPOE/RS). Nestes documentos foram identificadas, de modo geral, as seguintes aproximações com as proposições de Orminda: referências ao sistema muscular por meio da recomendação do trabalho com o ritmo, utilizando o jogo, a música e a contagem para o desenvolvimento dos movimentos caligráficos; apresentação dos objetivos a serem alcançados no ensino da escrita – legibilidade e velocidade – e a verificação da aquisição destas características; ecos dos princípios da Escola Nova, em especial, na incorporação da motivação no ensino, na valorização dos interesses da criança e sua centralidade no processo de ensino-aprendizagem. O estudo concebe que tais aproximações consistem em repercussões da obra da autora no tempo a partir da reflexão sobre os conceitos de produção, circulação e apropriação do texto. Deste modo, tem como aporte teórico estudos sobre a história do livro e da leitura, particularmente do pesquisador francês Roger Chartier, a fim de refletir sobre as intencionalidades dos autores, a materialidade dos impressos, e os modos de ler estes materiais. Constata que as proposições disseminadas por Orminda Marques nos anos 30, efetivamente repercutiram até pelo menos os anos 60 do século XX. Seu texto, produzido em um contexto de crescentes pesquisas no campo educacional e fundamentado nos princípios escolanovistas, circulou entre o professorado em formação e igualmente entre os professores em exercício, e foi apropriado não somente por educadores-leitores, mas também por educadores-autores.

Palavras-chave: História da Educação. Ensino da escrita. Caligrafia. Orminda Marques. Formação de professores.

Resumen

El estudio, inspirado en los supuestos de la Historia Cultural, pertenece al campo de la Historia de la Educación y tiene como objetivo analizar en qué medida la obra de Ormindia Marques, tomada como un hito en la enseñanza de la escritura en Brasil y constituyen un instrumento de difusión de los preceptos de la Escuela Nueva en nuestro país, persistió por más de tres décadas después de su publicación como referencia para la formación de profesores. Ormindia Isabel Marques nació el 19 de diciembre 1887 en el interior de Río de Janeiro, ingresó en la Escuela Normal en 1904 en la capital del estado en marzo de 1932 y se convirtió en director del Instituto de Educación Primaria en el Distrito Federal. En este instituto se dedicó a un estudio de la buena escritura, entre los años 1933 y 1936. Para mostrar su importancia, la investigación empírica se basa en documentos que representan las publicaciones basadas en este estudio, tanto en la revista *Arquivos do Instituto* (1934 y 1936), y el libro de su propia autoría *A escrita na escola primária* (1936) así como la colección de libros de caligrafía *Escrita Brasileira* (1940-1960), también desarrollado por el autor. Por otra parte, se toman como trabajos de investigación que se basan en publicaciones impresas Ormindia Marques como referencia, tales como manuales de enseñanza de la lectura y la escritura de varios autores y de circulación nacional, artículos sobre la enseñanza de la escritura publicados en la *Revista do Ensino (RS)* en las décadas 50 y 60 e informó de los años 1963 y 1967 producidos y emitidos por el *Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul (CPOE/RS)*. En estos documentos fueron identificados, en general, los siguientes enfoques de las proposiciones de Ormindia: las referencias al sistema muscular a través de la recomendación del ritmo de trabajo, utilizando el juego y la música para el desarrollo de movimientos caligráficos; declaración de objetivos que deben alcanzarse en la enseñanza de la escritura - la claridad y la velocidad - la adquisición y verificación de estas características, se hace eco de los principios de la Escuela Nueva, en particular, la incorporación de la motivación en la educación, la importancia de los intereses del niño y su centralidad en el proceso de enseñanza- aprendizaje. El estudio reconoce que estos enfoques son para impactar en la obra del autor en el tiempo de la reflexión sobre los conceptos de producción, circulación y apropiación del texto. Por lo tanto, tiene como estudios teóricos sobre la historia del libro y la lectura, en particular del investigador francés Roger Chartier, para reflexionar sobre las intenciones de los autores, la materialidad de la imprenta, y las formas de la lectura de estos materiales. Toma nota de que las propuestas difundidas por Ormindia Marques en los años 30, en realidad el eco de al menos 60 años del siglo XX. Su texto, producido en un contexto de aumento de la investigación en el campo educativo y con base en los de la Escuela Nueva, que se distribuyó entre los maestros en formación y también entre los profesores en ejercicio, y que era apropiado no sólo por los educadores-lectores, sino también por los educadores-autores.

Palabras clave: Historia de la Educación. La enseñanza de la escritura. Caligrafía. Ormindia Marques. Formación de profesores.

Lista de Figuras

Figura 1 – Capa do livro <i>Introdução ao Estudo da Escola Nova</i> , de M. B. Lourenço Filho (1930).....	36
Figura 2 – Capa do periódico <i>Arquivos do Instituto de Educação</i> – v. 1, n. 2 (1936).....	46
Figura 3 – Capa do livro <i>A Escrita na Escola Primária</i> , de Ormindia Marques (1936).....	49
Figura 4 – Boa posição para a escrita (MARQUES, 1936b, s. p.).....	54
Figura 5 – Adequação da posição para a escrita (MARQUES, 1936b, s. p.).....	55
Figura 6 – Exercícios preparatórios (MARQUES, 1936b, p. 166-167).....	56
Figura 7 – Exercício para o 1º ano (MARQUES, 1936b, p. 100).....	57
Figura 8 – Grupos para iniciação do traçado das letras (MARQUES, 1936b, p. 104-105).....	57
Figura 9 – Exercício para o 2º ano (MARQUES, 1936b, p. 109).....	58
Figura 10 – Exercício para o 3º ano (MARQUES, 1936b, p. 118).....	58
Figura 11 – Plano para dramatização para o 4º e 5º ano (MARQUES, 1936b, p. 149).....	59
Figura 12 – Capa do caderno nº 1 da coleção <i>Escrita Brasileira</i> , de Ormindia Marques (1953).....	61
Figura 13 – Contracapa do caderno nº 3 da coleção <i>Escrita Brasileira</i> , de Ormindia Marques (1953c).....	62
Figura 14 – Página de verificação (MARQUES, 1953b, p. 2).....	64
Figura 15 – Exercício de escrita para o 1º ano (MARQUES, 1953a, p. 4).....	65
Figura 16 – Exercício de escrita para o 2º ano (MARQUES, 1953b, p. 10).....	66
Figura 17 – Exercício de escrita para o 3º ano (MARQUES, 1953c, p. 8).....	67
Figura 18 – Exercício de escrita para o 4º ano (MARQUES, 1955, s.p.).....	68
Figura 19 – Exercício de escrita para o 5º ano (MARQUES, 1952, p. 12).....	69
Figura 20 – Capa do livro <i>Metodologia da Linguagem</i> , de J. Bundin (1949).....	74
Figura 21 – Capa do livro <i>Metodologia da Linguagem</i> , de Orlando Leal Carneiro (1951).....	78
Figura 22 – Capa do livro <i>Metodologia do Ensino Primário</i> , de Afro do Amaral Fontoura (1963).....	81
Figura 23 – Dedicatória de Afro do Amaral Fontoura (FONTOURA, 1963, s.p.).....	82
Figura 24 – Exercícios para aprendizagem da escrita (FONTOURA, 1963, p. 124).....	84
Figura 25 – “Termômetro de letras” (FONTOURA, 1963, p. 142).....	86
Figura 26 – Movimentos caligráficos (SILVA, 1956, p. 17).....	90

Figura 27 – Atividade com o movimento do pêndulo (SILVA, 1956, p. 17).....	91
Figura 28 – Atividade com o movimento de subida e descida (SILVA, 1956, p. 18).....	91
Figura 29 – Atividade com o traçado de ovais (SILVA, 1956, p. 18).....	92
Figura 30 – Página do artigo <i>A escrita na escola primária</i> (MOTA; LEITE; ARMELLINI, 1969, p. 16).....	97
Figura 31 – Grupos de letras por traçado (MOTA; LEITE; ARMELLINI, 1969, p. 19).....	100

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	10
1. O ENSINO DA ESCRITA E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....	13
1.1 ESTUDOS SOBRE O ENSINO DA ESCRITA.....	16
1.2 ACERCA DA METODOLOGIA DO ESTUDO.....	26
2. A ESCOLA NOVA, O PENSAMENTO DE LOURENÇO FILHO E A PRODUÇÃO DE ORMINDA MARQUES: O ENSINO DA ESCRITA NA EDUCAÇÃO RENOVADA.....	33
2.1 LOURENÇO FILHO E A ESCOLA NOVA NO BRASIL.....	34
2.2 A PRODUÇÃO DE ORMINDA MARQUES.....	41
2.2.1 <i>Arquivos do Instituto de Educação</i>	43
2.2.2 <i>A escrita na escola primária</i>	48
2.2.3 <i>Escrita Brasileira</i>	61
2.3 CONSIDERAÇÕES.....	70
3. REPERCUSSÕES DA OBRA DE ORMINDA MARQUES: CIRCULAÇÃO E APROPRIAÇÃO DO TEXTO.....	72
3.1 MANUAIS DE LINGUAGEM.....	73
3.2 <i>REVISTA DO ENSINO/RS</i>	89
3.3 COMUNICADOS DO CPOE/RS.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS.....	112

Apresentação

O ensino da escrita na escola primária, sobretudo a história da caligrafia, seu ensino, suas teorias, difusão e práticas na escola brasileira constituem o tema central desta dissertação de mestrado¹. O estudo tem origem em minha experiência com pesquisa no campo da História da Educação, consolidada ao longo de minha formação como bolsista de Iniciação Científica, de agosto de 2007 a fevereiro de 2010, sob a orientação da Prof^a Maria Stephanou, em um projeto mais amplo que investiga a história das práticas de escrita na escola brasileira².

Além disso, o tema da escrita na escola também se fez presente entre as atenções que dirigi à experiência do estágio docente curricular realizado junto a uma turma de 3^a série do ensino fundamental de uma escola estadual, no 1^o semestre do ano de 2009.

O interesse resultou em um aprofundamento da pesquisa para o desenvolvimento do trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob o título *Letra bonita, letra legível: uma mirada histórica à caligrafia como exercício escolar* (MONTEIRO, 2009). No referido trabalho, analiso as proposições de Ormindia Isabel Marques na obra *A escrita na escola primária* (1936) em um contraste com exercícios presentes em livros didáticos de caligrafia atuais e sua aplicação em sala de aula na atualidade.

Inserido no campo da história da educação e inspirado nos postulados da história cultural, este estudo propõe-se a problematizar em que medida a obra *A escrita na escola primária*, tomada como um marco histórico no ensino da escrita no Brasil, por se constituir em um instrumento de divulgação dos preceitos da Escola Nova em nosso país, persistiu como obra de referência para a formação de professores.

Para isso, utiliza documentos que representam as publicações de Ormindia Marques, tanto no periódico *Arquivos do Instituto*, quanto no livro de sua autoria, *A escrita na escola primária*, antes mencionado, bem como a coleção de cadernos de caligrafia *Escrita Brasileira*, também

¹ A pesquisa contou com o apoio financeiro da CAPES por meio de bolsa de estudo concedida no período entre julho de 2010 e fevereiro de 2012.

² O projeto referido intitula-se “Educar a escrita: os sentidos da caligrafia na História da Educação no Brasil (séculos XIX e XX)” e é coordenado pela Prof^a Dra Maria Stephanou (UFRGS) e pela Prof^a. Dra Maria Helena Camara Bastos (PUCRS). Este projeto teve início em agosto de 2009, com o apoio do CNPq e da FAPERGS, e no período anterior fui bolsista de outro projeto, também inserido no campo da História da Educação.

elaborada pela autora. Além disso, são tomados como documentos de pesquisa publicações que se valem de Ormindia Marques como referência, tais como manuais de linguagem de diversos autores, artigos sobre o ensino da escrita publicados na *Revista do Ensino (RS)* e comunicados elaborados e emitidos pelo *Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul (CPOE/RS)*. Importa salientar que tanto a *Revista do Ensino/RS* quanto o CPOE/RS eram vinculados à Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul (SEC/RS)³, daí a relevância desses documentos para esta pesquisa que examina as repercussões das proposições de Ormindia Marques em especial neste Estado da federação brasileira.

Faz-se necessário assinalar que, inspirado em estudos de historiadores da cultura escrita, em especial do francês Roger Chartier, esta dissertação analisa tais repercussões a partir de três conceitos centrais: produção, circulação e apropriação. Sob esse aspecto é possível compreender o contexto e as condições que levaram à publicação da obra que é o objeto principal deste trabalho, o que auxilia a identificar as razões pelas quais as ideias da autora, seu livro e demais publicações circularam entre o professorado e como foram apropriados para a produção de novos materiais de orientação para o ensino da escrita.

A primeira seção deste trabalho apresenta uma breve introdução à temática do ensino da escrita, trata das mudanças de concepções e dos debates referentes a essa prática até a introdução do ideário da Escola Nova no Brasil. A seção apresenta ainda uma revisão bibliográfica a partir de outros estudos e pesquisas desenvolvidas sobre o ensino da escrita e que fazem referência à obra *A escrita na escola primária*, em particular aqueles que evidenciam sua importância para a história da alfabetização. Para concluir a seção são destacados os procedimentos metodológicos da pesquisa e os preceitos que fundamentam o estudo com a descrição do corpus empírico, do problema de pesquisa e do aporte teórico da investigação.

³ Neste trabalho refere-se a esta Secretaria como *Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul (SEC/RS)*, pois esta foi a nomenclatura adotada nas fontes consultadas. No entanto, se faz necessário ressaltar que em grande parte do período estudado a nomenclatura era diferente. Conforme decreto n.º 19.402, de 14 de novembro de 1930, criado pelo então presidente Getúlio Vargas, tal Secretaria tinha o nome de *Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública* e era encarregado pelo estudo e despacho de todos os assuntos relativos ao ensino, saúde pública e assistência hospitalar. Em 13 de janeiro de 1937, passou a se chamar *Ministério da Educação e Saúde* e suas atividades passaram a ser limitadas à administração da educação escolar, educação extra-escolar e da saúde pública e assistência médico-social. Em 1953, o governo federal criou o *Ministério da Saúde* e retira do *Ministério da Educação e Saúde* as responsabilidades de administração destinadas a ela. A partir desse momento, passa a se chamar oficialmente de *Ministério da Educação e Cultura (MEC)* pela lei n.º 1.920, de 25 de julho de 1953. Em 15 de março de 1985, foi criado o *Ministério da Cultura (MinC)* pelo decreto n.º 91.144. Curiosamente a sigla MEC continua, porém passa a se chamar *Ministério da Educação* - como é conhecido até hoje.

Na segunda seção é delimitado o contexto histórico no qual se insere o objeto desta pesquisa. Considerando a introdução do ideário da Escola Nova no Brasil como ponto central, são destacadas as principais ideias publicadas por Lourenço Filho no livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. Além disso, a seção apresenta uma descrição das proposições elaboradas pela professora Ormindia Marques, enquanto ocupou o cargo de diretora da Escola Primária do Instituto de Educação do Distrito Federal (Rio de Janeiro) e foi professora da Escola Normal deste Instituto. São detalhadamente apresentadas as publicações mencionadas anteriormente: dois artigos publicados nos *Arquivos do Instituto*, sob o título *Contribuição para o ensino da escrita na escola primária*, o livro *A escrita na escola primária* e a coleção de cadernos *Escrita Brasileira*. Os documentos de pesquisa são relevantes para análise por agregar importantes preceitos do ideário da Escola Nova, corrente pedagógica que se propagou no Brasil nesse período, notadamente através de reformas educacionais em diversos estados. Neles, a autora apresenta tais preceitos adaptados especificamente para o ensino da escrita através da caligrafia.

A terceira seção trata das repercussões do estudo desenvolvido por Ormindia Marques. Para isso, são apresentados documentos que utilizam a educadora como referência para o ensino da escrita. São destacados três manuais de metodologia da linguagem, quatro artigos publicados na *Revista do Ensino* e dois comunicados do CPOE/RS. A análise de tais documentos está vinculada à intenção de estabelecer a circulação da obra e dos preceitos elaborados pela autora além de deter-se sobre alguns indícios acerca de como se deu a apropriação das idéias publicizadas pela autora, sua obra propriamente dita.

Por fim, as considerações finais apresentam uma apreciação geral das reflexões tecidas ao longo do trabalho, demonstrando que efetivamente a obra de Ormindia Marques repercutiu em diversas outras publicações sobre o tema da escrita, em ações implementadas pelo CPOE, e através dos objetos oferecidos à leitura de professores, possivelmente nas ações pedagógicas em sala de aula por parte de alguns desses docentes.

1. O Ensino da Escrita e a História da Educação

A escrita, especificamente a caligrafia, já foi considerada uma arte, seu ensino era reservado a poucas pessoas e tinha como finalidade formar bons hábitos para a escrita. Muitas vezes era caracterizada como um castigo, pois exigia extrema disciplina do corpo e da postura além de também ser dirigida à correção moral.

A prática da caligrafia é uma das ações que integram o ensino da escrita. Busca aperfeiçoar e afinar os sentidos da mão e a ortopedia do corpo, condições fundamentais para desenvolver hábitos de ordem, disciplina e estética do texto. Tal processo de regulação da escrita é, também, mecanismo de regulação do corpo e instrumentalização do social. (BASTOS; STEPHANOU, 2008, p.2)

Juntamente com a leitura e o cálculo, a escrita constituía o conjunto de matérias a serem ensinadas na *escola tradicional* e seu objetivo ou ideal, como afirma Viñao Frago (2002a, p. 333), era o de “formar bons calígrafos”. No entanto, a modernidade, trazendo consigo a escassez do tempo, cuja repercussão no âmbito escolar significou a redução da carga horária e o aumento do número de alunos nas turmas, afastou as crianças do exercício da caligrafia, pois tal treino exigia condições bastante específicas com relação a tempo e espaço.

No Brasil, os materiais e as posturas corporais adotadas para a escrita eram condicionados não só por preceitos da área da educação, mas também por aqueles da fisiologia e da higiene. Exemplo disso é a caligrafia inclinada, dita elegante, graciosa e pessoal, utilizada durante o século XIX, e que passou a ser criticada pelos higienistas, que pregavam a saúde do corpo e consideravam ser este tipo de escrita a causa de problemas de miopia e escoliose nas crianças, devido à má postura que seu exercício implicava. Assim, a escrita vertical, defendida como rápida, econômica e higiênica, passou a ser indicada, apoiada no discurso do *papel direito, corpo direito, escrita direita*. Esta mudança corresponde à “racionalização das práticas pedagógicas escolares” (FARIA FILHO, 1998, p.35), e nesse período, além de envolver prescrições corporais que diziam respeito à saúde dos alunos, a nova escrita “trazia para o universo escolar a legibilidade e a simplicidade do texto produzido em máquina de escrever” (VIDAL, 1998).

Nos anos 1930, mais especificamente no Rio de Janeiro, no Instituto de Educação do Distrito Federal, tiveram lugar experiências com a caligrafia muscular⁴ que geraram discussões no Brasil sobre o tipo ideal de escrita adaptado à modernidade. Essas experiências deram visibilidade aos pressupostos escolanovistas⁵ e contribuíram à produção de um novo ideal estético, no qual a eficiência e a otimização do traçado são prioritárias na busca de uma escrita legível, clara, veloz e elegante, com vistas à construção da modernidade escolar.

As reflexões sobre o modelo ideal de escrita estão relacionadas à preocupação com a adaptação da escola em relação às transformações que ocorrem na sociedade. Importa destacar que a escrita é um meio de comunicação e que, como ressalta Castillo Gómez (2002), “o sentido e o alcance das práticas de escrita e de leitura, historicamente consideradas, dependem muito das condições sociais de sua possibilidade e, em consequência, da situação da cultura escrita no compendio das formas da comunicação social” (p. 18) [livre tradução]. Deste modo, as mudanças ocorridas com relação ao tipo de letra adotado nas escolas somente foram possíveis com as reformas educacionais, de modo que, segundo estudo de Viñao Frago (2002a), no contexto da Espanha “as propostas de reforma alcançaram também os instrumentos utilizados” (p. 334) [livre tradução].

Nesse sentido, Ossana (2002), ao examinar o tema em relação ao caso da Argentina no mesmo período histórico, destaca a relevância do debate sobre tais mudanças:

O tipo de letra a ensinar-aprender, que a primeira vista pode parecer um tanto trivial, anódino ou formal como objeto de estudo, constitui uma via de entrada – não a única e talvez não a mais relevante – ao campo das configurações pedagógicas vinculadas com os processos de ensino da escrita, da leitura, do desenho, da caligrafia, da higiene e da disciplina. (p. 217) [livre tradução]

A afirmação do autor destaca como ideia central que a análise da caligrafia não se subsume à questão da letra em si, seja quanto ao melhor tipo ou quanto à rapidez, mas permite a reflexão sobre a prática da caligrafia como uma prática escolar, como um exercício pedagógico

⁴ “A caligrafia muscular é a caligrafia baseada nos movimentos ritmados do ante-braço; letra inclinada e sem talhe”. (MARQUES, 1934, p. 11)

⁵ O chamado movimento da Escola Nova emergiu entre os anos 1920 e 1930 com a proposta de revisão dos métodos e das finalidades da educação. A principal contribuição com relação ao ensino foi a centralização do aluno no processo educativo, partindo o ensino, deste modo, dos interesses dos educandos. Os preceitos que envolvem esta corrente pedagógica serão apresentados com maior detalhamento na seção seguinte deste trabalho.

de conformação social e de regulação do corpo. Em outras palavras, a escolha de um tipo de letra ao invés de outro, aponta para preceitos vigentes em determinados períodos históricos e possibilita, a partir de suas complexas relações com o contexto no qual se insere, a compreensão das mudanças, mas também das persistências no ensino da escrita.

Além das discussões sobre o melhor tipo de letra a ser adotado para o ensino da escrita nas escolas, um dos grandes debates da história da educação com relação ao ensino da escrita é a cópia de modelos. Nas palavras de Roger Chartier, analisando a escola primária francesa,

O ensino da escrita é também objeto de grandes conflitos que se travavam ao redor do exercício fundamental de qualquer aprendizagem, até mesmo de qualquer prática da escrita: a cópia. O procedimento está situado no cerne do ensino dos mestres de escrita cujo instrumento fundamental é a coleta de modelos onde se encontram, grafadas à mão, as linhas de exemplos que seus alunos devem imitar. (2002, p. 88-89)

O autor acrescenta que a cópia de um modelo ensinado e imitado é o “exercício que melhor exprime a autoridade sobre a escrita” (*Ibid.*, p. 89). Podemos fazer uso dessa afirmação do autor, mesmo que em um registro temporal diverso, uma vez que, de fato, a cópia é uma prática comum em exercícios de escrita, especialmente da caligrafia na escola moderna e no caso do Brasil. Possivelmente uma das linhas de pensamento que mais fortemente criticou tal prática tenha sido a *Escola Nova*⁶, ideário pedagógico que propôs a associação da cópia à *escola tradicional*. No entanto, de acordo com Viñao Frago (2002a), “os usos escolares da escrita, por mais que se diga, sobretudo no ensino primário, que deve-se prestar atenção aos usos cotidianos e ordinários da mesma, implicam, em sua quase totalidade, atividades de cópia e de reprodução do memorizado” (p. 335) [livre tradução].

A partir da temática da história do ensino da escrita, o objeto de estudo aqui apresentado parte, inicialmente e de modo destacado como foi anunciado, da obra *A escrita na escola primária*, de Ormindia Marques, publicada pela primeira vez em 1936 com segunda edição em 1950. O livro é considerado, por sua importância histórica, uma obra de referência para o ensino da escrita no Brasil. Isto porque foi elaborado no contexto de reforma da instrução pública do Distrito Federal – RJ, integrando o conjunto de ações de renovação da educação brasileira. Consiste em um manual de ensino da escrita para professores/as e agrega de modo exemplar – também com a finalidade de divulgação – os preceitos do movimento da Escola Nova.

⁶ Ver nota anterior.

Deste modo, a dissertação problematiza em que medida esta obra persistiu no tempo, mesmo decorridos mais de 60 anos de sua primeira edição, como referência para a formação de professores e suas práticas pedagógicas. Isto porque a investigação empreendida identificou repercussões do estudo coordenado por Ormindia Marques, que culminou na publicação de referências a sua obra, em outros manuais de linguagem destinados à formação de professores/as, em periódicos educacionais e orientações ao professorado da rede pública de ensino do país.

1.1 Estudos sobre o ensino da escrita

A obra *A escrita na escola primária* (1936), de Ormindia Marques se insere em um momento de profundas mudanças no sistema de instrução pública brasileiro a partir da difusão do ideário da Escola Nova no país. Tal obra expressa reflexões e considerações sobre as novas exigências impostas ao ensino da escrita neste contexto, o que a caracteriza como um marco na história da alfabetização. Em boa medida, tal marco fica demonstrado nas repercussões desta obra em diversos estudos acadêmicos sobre o tema no decorrer de várias décadas após sua primeira edição.

Com a intenção de inscrever a dissertação no horizonte de alguns destes estudos, realizou-se uma revisão bibliográfica a partir de pesquisas que destacam, justamente, a relevância da obra de Ormindia Marques para a história do ensino da escrita no Brasil. Deste modo, serão apresentados oito estudos que foram selecionados tendo em vista o fato de fazerem menção explícita ao estudo desenvolvido pela autora. Para tal apresentação, os trabalhos foram organizados de acordo com as temáticas desenvolvidas, sendo destacados, primeiramente, aqueles mais abrangentes, que tratam da alfabetização no contexto da Escola Nova (MORTATTI, 2000; 2004), passando por aqueles que enfatizam os aspectos relacionados ao ensino da escrita na escola primária (VIDAL; ESTEVES, 2003; VIDAL; GVIRTZ, 1999; VIDAL, 1998), para finalizar com os estudos que tratam com maior especificidade da produção de Ormindia Marques e do programa proposto por ela para o ensino da escrita (BRAGA, 2008a; 2008b), com destaque para o caso específico do Rio Grande do Sul (PERES, 2003).

Embora apresentem semelhanças, e em alguns momentos sejam evidentes algumas recorrências, optou-se por destacar as principais indicações ao objeto de estudo desta dissertação

em cada um dos trabalhos, com o propósito de salientar o que já foi dito sobre o tema. Buscou-se, assim, evidenciar as possíveis contribuições da dissertação para as reflexões acerca da temática do ensino da escrita na História da Educação no Brasil.

No livro *Os sentidos da alfabetização* (São Paulo / 1876-1994), Maria do Rosário Longo Mortatti discute a educação renovada como uma reforma educacional. Segundo ela, tal reforma estava

diretamente relacionada à necessidade de renovação e inovação intelectuais e de uma reforma ampla em todos os setores da sociedade brasileira, [...] pressupunha, dentre outros aspectos, difusão da instrução elementar e redefinição e aumento das escolas superiores, como forma de democratização da sociedade. (2000, p. 143)

Mortatti enfatiza, ainda, a atenção aos aspectos psicológicos no ensino da leitura e da escrita com vistas a um caráter funcional e instrumental da alfabetização. Desse modo, para a autora,

Os novos fins passam a demandar soluções voltadas para a função socializadora e adaptadora da alfabetização no âmbito da educação popular, a ser realizada de maneira rápida, econômica e eficaz, a fim de integrar o elemento estrangeiro, fixar o homem no campo e nacionalizar a educação e a cultura, ou seja, visando a uma educação renovada, centrada na psicologia aplicada à organização escolar e adequada ao projeto político de planificação e racionalização em todos os setores da sociedade brasileira. (2000, p. 144)

Para a autora, assim como para diversos pesquisadores⁷ que se debruçam sobre esse período, Lourenço Filho foi uma das principais figuras do movimento de renovação da educação brasileira, devido à “ocupação de cargos estratégicos na administração educacional e ao pioneirismo de suas formulações” (MORTATTI, 2000, p. 145), uma vez que o educador obteve grande prestígio no Brasil e no exterior, o que “reforça o caráter inovador e catalisador de seu pensamento escolanovista em relação ao ensino da leitura e da escrita” (*Ibid.*).

Mortatti ainda menciona a relação entre Lourenço Filho e o aprendizado da leitura e escrita, para o que apresenta três publicações daquele autor, um ensaio e duas cartilhas, a saber: *Testes ABC* para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita, *Cartilha do povo* para ensinar a ler rapidamente e cartilha *Upa, Cavalinho!*⁸ Destaca-se, dentre

⁷ BRAGA, 2008a; MONARCHA, 1997; VEIGA, 2007.

estas publicações, a obra *Testes ABC*, por ser parte integrante da coleção *Bibliotheca de Educação* organizada pelo próprio Lourenço Filho.

Por essa aproximação, Mortatti faz menção ao trabalho de Ormindia Marques em dois momentos: em primeiro lugar destaca que essa coleção, pioneira no país e sintonizada com o movimento de renovação educacional, contou com a publicação de outras duas obras relacionadas ao ensino da leitura e da escrita, além de *Testes ABC*, com prefácios de Lourenço Filho. Uma delas, *A escrita na escola primária*, de autoria de Ormindia Marques; a outra, intitulada *Como ensinar linguagem*, de Firmino Costa. Em segundo lugar, Mortatti observa um novo tipo de produção dos educadores brasileiros no que tange as questões pedagógicas, contexto em que se insere a obra de Ormindia: “livros de divulgação, contendo ensaios, relatórios de pesquisas experimentais ou propostas de ensino originais; e manuais de ensino para uso especialmente em escolas normais e institutos de educação” (2000, p. 197).

Ao dissertar sobre a alfabetização na educação renovada, também no livro *Educação e letramento*, Mortatti (2004) enfatiza a conjunção de aspectos que cercam a produção de Ormindia Marques nos anos 1930. Reformas na instrução pública em diferentes estados, a Revolução de 30 e os decorrentes processos de reorganização do Brasil, são fatores que acarretaram a unificação de diretrizes no âmbito da educação e do ensino. Além disso, Mortatti (2004, p. 63) ainda destaca que “a Constituição de 1934 voltou a estabelecer a gratuidade e a obrigatoriedade, em âmbito nacional, do ensino primário”. Assim, com a influência dos princípios e práticas da Escola Nova, há uma mudança significativa na concepção de escrita na escola primária, como assinalado pela autora:

A escrita passou a ser entendida não mais como questão exclusiva de caligrafia, mas como um meio de comunicação e instrumento de linguagem. Seu ensino deveria ser orientado adequadamente, a fim de despertar o interesse da criança e proporcionar um aprendizado eficiente e funcional, garantindo clareza, legibilidade e rapidez à escrita, tanto para quem escrevia quanto para quem lia. (MORTATTI, 2004, p. 64)

⁸ A Cartilha *Upa Cavalinho!* integra a Série de Leitura Graduada Pedrinho, publicada por Lourenço Filho, que conta com cinco volumes além da já mencionada cartilha: *Pedrinho* (v. 1); *Pedrinho e seus amigos* (v. 2); *Aventuras de Pedrinho* (v. 3); *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* (v. 4); e *Pedrinho e o mundo* (v. 5). Sobre esta Série, a Prof.^a Dra. Maria Teresa Santos Cunha (UDESC) desenvolveu entre os anos 2006 e 2008 o projeto de pesquisa intitulado *SABERES IMPRESSOS: Imagens de civilidade em textos escolares (Série Pedrinho de Lourenço Filho) e textos não escolares: composição e circulação. (Décadas de 50 a 70 do século XX)*, que originou diversas publicações sobre o assunto.

A esse respeito, refere-se explicitamente aos textos de Ormindia Marques e afirma que “uma das propostas em que se condensavam esses novos preceitos fundamentava-se na caligrafia muscular” (2004, p. 65), formulada a partir de 1936 e resultante de suas experiências no Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ). Por fim, Mortatti faz uma breve apresentação dos pressupostos do sistema muscular, com destaque para a gradação e seriação do ensino da escrita e os exercícios preparatórios para o desenvolvimento do controle e do ritmo para o traçado por parte da criança.

Com relação à difusão da caligrafia muscular, Diana Gonçalves Vidal e Isabel de Lourdes Esteves, no artigo *Modelos caligráficos concorrentes: as prescrições para a escrita na escola primária paulista (1910-1940)* (2003), enfatizam a relevância do estudo desenvolvido por Ormindia Marques quando afirmam que “a divulgação mais ampla desse modelo só se deu no final dos anos 1920 em São Paulo e nos anos 1930, no Rio de Janeiro, quando Ormindia Isabel Marques o aplicou no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, entre 1933 e 1936” (p. 125).

Um aspecto importante apontado pelas autoras é a diferença deste modelo frente aos demais no que diz respeito à postura para escrever, que, embora “recomendasse uma posição correta do corpo, não exigia uma posição rígida” (*Ibid.*, p. 126). Ainda, segundo Vidal e Esteves (2003), os defensores da caligrafia muscular afirmavam que o ensino da escrita era favorecido, pois a tornava:

legível, fácil e rápida; [protegia] o desenvolvimento físico das crianças, uma vez que evitava posições defeituosas que acarretavam distúrbios respiratórios e desvios na coluna vertebral; além disso, sua base teórica partia de estudos da fisiologia do movimento das mãos e da psicologia da aprendizagem da criança. (*Ibid.*, p.129)

Importa referir o destaque dado pelas autoras ao apoio conferido por Lourenço Filho ao trabalho de Ormindia Marques e, por essa proximidade, a educadora associava em seu discurso um modelo caligráfico, a *caligrafia muscular*, a um método, a *escola nova*. Entretanto, Vidal e Esteves (2003) apontam o caminho que seguiram as publicações da autora nos anos subsequentes ao desenvolvimento de seu estudo.

Mesmo sendo apresentada como a consolidação das práticas escolares de escrita pelo aval da ciência pedagógica e dos estudos fisiológicos e com o respaldo do discurso da *escola nova*, o modelo muscular teve vida breve na escola primária. As prescrições para seu uso desapareceram das leis, manuais pedagógicos e revistas educacionais nos anos 1960, bem como pararam de ser impressos, pela Cia. Melhoramentos, os cadernos caligráficos Brincando com lápis: trabalho preliminar da série “Escrita brasileira” e Escrita brasileira (caligrafia

muscular) números 1, 2, 3, 4 e 5, todos de autoria de Ormindia Marques, cuja edição foi iniciada em 1940. (Ibid., p. 134).

Com a intenção de refletir sobre a diversidade de métodos para o ensino da “boa letra” na construção da modernidade escolar, Diana Gonçalves Vidal e Silvina Gvirtz (1999), no artigo intitulado *História da Educação Comparada na América Latina: um caso para repensar algumas suposições (o ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar no Brasil e na Argentina, 1880-1940)*, observam que

As experiências realizadas no Instituto de Educação do Distrito Federal deram visibilidade às discussões escolanovistas sobre o ensino da escrita. Para além do cuidado com a posição do corpo do escolar, do papel e da pena, e do reforço à unidade entre oral e escrito na linguagem, pretendiam constituir uma *didática racional da escrita* que, respeitando o ato de escrever como *expressão do pensamento*, oferecesse ao aluno uma *técnica de otimização* do traçado da letra: legibilidade, clareza, velocidade e elegância. À disciplina do traço se associaria o disciplinamento mental. (1999, p. 79)

Deste modo, para as autoras, os novos objetivos do ensino da escrita trazidos à tona pelo ideário escolanovista, clareza e velocidade, anunciavam uma preocupação com a eficiência da escrita, ou seja, “não se tratava mais de fazer uma letra ‘bela’, mas de realizar uma letra ‘legível” (VIDAL; GVIRTZ, 1999, p. 82).

Sob o título *Da caligrafia à escrita: experiências escolanovistas com caligrafia muscular nos anos 30*, Diana Gonçalves Vidal (1998) discute a constituição de uma didática racional da escrita no Brasil a partir da análise da experiência realizada no Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ) em conformidade com o ideário da Escola Nova. Para isso, utiliza como base o trabalho de Ormindia Marques com o sistema de caligrafia muscular. A autora faz uma síntese da obra apontando as motivações de sua produção, sua fundamentação teórica, seus pressupostos, as exigências para cada ano de ensino e a forma de avaliação da evolução da escrita dos alunos. Destacam-se as indicações quanto à utilização da música nos exercícios para marcação do ritmo da escrita e a preocupação com a funcionalidade da mesma, como por exemplo, através da confecção de cartazes, convites, da elaboração de cartas, dentre outros. Além disso, importa mencionar, segundo a autora, a ampla repercussão dos experimentos desenvolvidos por Ormindia no Instituto de Educação através de publicações de sua autoria. A respeito disso, Vidal ressalta que

As experiências com a caligrafia muscular, apesar de divulgadas a todo território nacional, não conseguiram impor um novo formato de letra, inclinado, permanecendo o uso do tipo vertical, nas escolas brasileiras. Mas, deram visibilidade às discussões escolanovistas sobre o ensino da escrita e introduziram novas preocupações com respeito ao ato de escrever ainda presentes no espaço escolar. (1998, p. 5)

Motivada pela pesquisa de Diana Gonçalves Vidal, Rosa Maria Souza Braga reserva em sua dissertação de mestrado, intitulada *Caligrafia em pauta: a legitimação de Ormindia Marques no campo educacional* (2008a), um capítulo para descrever e analisar as publicações de autoria de Ormindia Marques na condição de professora no curso de formação do Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ) e diretora da Escola Primária desta mesma instituição.

Rosa Braga (2008a) destaca a publicação de artigos de autoria da professora Ormindia e do livro *A escrita na escola primária*, como desdobramentos dos experimentos desenvolvidos pela mesma no Instituto de Educação. Além disso, informa a autoria de Ormindia em outras duas publicações, melhor dizendo, duas coleções de cadernos de caligrafia, uma preparatória para o ensino da caligrafia, intitulada *Brincando com lápis*, e outra destinada ao ensino elementar, sob o título *Escrita brasileira*. Todas essas publicações visavam à divulgação do processo que Ormindia considerava o mais apropriado para o ensino da escrita: a caligrafia muscular. Por esse motivo, Braga (2008a) ressalta, essencialmente, os princípios que norteiam tal processo, centralizados na necessidade de motivação dos alunos para a aprendizagem da escrita e inseridos em um momento de profundas mudanças na sociedade e na educação brasileira.

A educadora [em referência à Ormindia Marques] organizou os exercícios de caligrafia muscular na intenção de elaborar uma metodologia que correspondesse às exigências impostas pela sociedade, de maior velocidade na tarefa de escrita. Para ela, as atividades deveriam estar relacionadas à construção do pensamento, bem como à aquisição da sensibilidade estética. Os exercícios de escrita deveriam ser funcionais, e utilizados na vida cotidiana do pequeno aprendiz, tornando-se uma atividade natural. Era preciso deixar no passado a fatigante atividade de cópia, em que os pupilos despendiam de enorme tempo para executar e que não tinham nenhuma utilidade em sua vida. (BRAGA, 2008a, p. 136)

Deste modo, Ormindia Marques apresenta em *A escrita na escola primária* um programa para o ensino da escrita com orientações para cada ano, exemplos de exercícios e sugestões de atividades. Os objetivos e as propostas de trabalho para cada um dos cinco anos do ensino primário são apresentados de forma detalhada por Rosa Braga, tal como indicados por Ormindia.

No artigo “*A boa letra tem grande importância*”: *Ormindia Marques e as prescrições sobre a escrita*, Rosa Maria Souza Braga (2008b) atenta, em especial, para as seguintes

produções da autora: o livro *A escrita na escola primária* e a coleção de cadernos de caligrafia *Escrita Brasileira*, evidenciando no recorte de sua dissertação, aspectos mais relacionados às publicações de Ormindá. Inicialmente, Braga apresenta as principais proposições da educadora para o ensino da escrita em cada ano da progressão escolar primária. Em seguida, expressa a relação entre tais proposições e o contexto histórico no qual se inseria a obra.

Em *A escrita na escola primária*, encontramos a marca do ideal moderno, que se fundamentou na construção de um novo homem, dotado da habilidade em lidar com as novas informações trazidas pelo desenvolvimento tecnológico. [...] Os novos tempos anunciavam que o progresso viria pela utilização do menor esforço em conformidade com a redução de tempo, como ocorreu nas fábricas, nas invenções domésticas ou nas práticas pedagógicas. (BRAGA, 2008b, p. 119)

Assim, os exercícios propostos por Ormindá Marques visavam à utilização do menor tempo possível para a execução da boa escrita, o que Braga aponta como uma *racionalização da escrita* “através do disciplinamento do corpo e da conformação em relação à execução das técnicas, cuja intenção era fabricar um corpo escolarizado, capaz de se apropriar das transformações sociais em direção ao progresso” (2008b, p. 119-120). Tal proposta estava em sintonia com as perspectivas da época, o auge da industrialização e a consequente preocupação em preparar os estudantes para a vida e o mundo do trabalho, como foi destacado também por Vidal e Esteves (2003) ao tratarem da postura para escrever de acordo com o modelo da caligrafia muscular.

A autora ressalta ainda que, para o desenvolvimento do programa que apresenta, a professora Ormindá, imbuída dos princípios da escola ativa, defendia a funcionalidade da escrita, ou seja, as propostas deveriam ter uma finalidade significativa para as crianças como forma de motivá-las. Segundo Braga,

[...] a educadora justifica a escolha do modelo [caligrafia muscular] utilizado por se fundamentar no comportamento natural da criança, cabendo ao educador aproveitar esses conhecimentos e transformá-los em interesse para ela. Ao elaborar exercícios voltados para a natureza dela [criança], isto é, que privilegiem as fases do desenvolvimento da aprendizagem e tenham um caráter formativo, mostra sinais do rompimento com a caligrafia de repetição. (2008b, p.120)

Assim, segundo Ormindá, os exercícios de caligrafia não seriam mais vistos pelos alunos como atividades monótonas, repetidas à exaustão, pois haveria uma relação entre o interesse da criança e o prazer da escrita. Neste ponto, o trabalho da educadora, como afirma Rosa Braga,

“ficou sob a égide do ideário escolanovista, que propunha a atividade da criança no centro da produção da escola [...] ao sugerir uma escrita ativa, ao alcance dos interesses dos alunos, Orminda incorpora a idéia da educação renovadora” (2008b, p. 120), no que Braga concorda com Mortatti (2004) e Vidal e Esteves (2003), conforme mencionado anteriormente.

Braga (2008b) enfatiza ainda que o ato de escrever estava diretamente relacionado com a modernização da escola com base nos principais objetivos do ensino da escrita: a legibilidade e a rapidez; ou seja, a escrita como meio de comunicação. Nas palavras de Braga,

O trabalho de Orminda visava ampliar o ensino da caligrafia, na medida em que deixava de ser uma seqüência repetitiva, prevendo aquisição da linguagem, alcançando através da adequação do método as diversas fases do desenvolvimento da criança. Assim, a educadora tentava contribuir para o processo de alfabetização. (BRAGA, 2008b, p. 124)

Rosa Braga conclui seu artigo assinalando, mais uma vez, a proximidade entre o experimento de Orminda Marques e as preocupações escolanovistas no sentido de “sistematizar os currículos para garantir o acesso das classes menos privilegiadas à escola” (*Ibid.*). Ainda de acordo com Braga (2008b), “tal modificação [sistematização dos conteúdos] se daria como forma de ampliar o sistema escolar, por meio do conhecimento dos problemas educacionais” (p. 124-125) e o trabalho de Orminda Marques expressa essa busca pelo conhecimento e resolução dos problemas relativos à infância e à educação e, especialmente, à escrita.

Circunscrevendo o tema, Eliane Peres (2003), por sua vez, aborda algumas repercussões da obra de Orminda Marques no Rio Grande do Sul a partir da análise de documentos do *Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais* (CPOE), órgão vinculado à Secretaria de Educação do Estado e criado em 1943. No artigo intitulado *O ensino da linguagem na escola pública primária gaúcha no período da renovação pedagógica (1930-1950)*, Peres destaca a aprovação do *Programa mínimo a ser adotado nas escolas primárias do Estado*, em 1939, apontado por ela como “um marco da adoção dos princípios da Escola Renovada” (2003, p. 76), a partir do qual a autora aborda os conhecimentos lingüísticos. Peres assinala que o CPOE

procurou organizar e controlar o processo escolar desde a sua fase inicial até a fase final, uma vez que previa, em primeiro lugar, as determinações em relação à organização das classes; em segundo, a orientação do ensino [...] e, por fim, o controle do rendimento escolar [...]. (2003, p. 78)

E afirma que “o CPOE foi, também, fundamentalmente, um espaço de divulgação dos fundamentos da Escola Renovada” (*Ibid.*, p. 79). Para Peres, alguns dos princípios defendidos pelo Centro consistiam na “implantação de métodos ativos, a centralidade da criança no processo de aprendizagem, a escola como espaço de exercício da criatividade, o desenvolvimento da autodisciplina, da liberdade individual, do espírito criador, da consciência moral dos educandos” (*Ibid.*). Especificamente na seção de Linguagem, do Programa de Ensino de 1939, elaborado pelo CPOE, são apresentados os objetivos e conteúdos para cada ano escolar com relação à leitura, literatura, escrita e caligrafia, composição, gramática e ortografia. Na exposição dos objetivos e conteúdos referentes à escrita e caligrafia há indícios das aproximações com o programa proposto por Ormindia Marques em 1936. Eliane Peres (2003) assinala aquelas orientações do CPOE que enfatizavam a utilização da música, da dramatização, de jogos e de exercícios ritmados com palmas e contagens para os trabalhos com a escrita em sala de aula. Além disso, mostra que o principal objetivo do ensino da escrita era a legibilidade, mantendo as crianças em posição correta e domínio dos movimentos, o que esperava que se desenvolvesse no 1º ano e se aprimorasse nos anos seguintes.

Assim como Ormindia Marques em seu estudo publicado em 1936, o CPOE aborda as mudanças nas exigências da escrita, da escola tradicional para a renovada, que deveriam acompanhar as transformações ocorridas na sociedade, de modo geral, inseridas em um contexto de “modernidade”. O excerto citado a seguir, destacado de um Comunicado do CPOE distribuído aos professores, é emblemático quanto ao ensino da caligrafia.

A caligrafia mereceu, na escola tradicional, especial cuidado dos professores que a consideravam uma arte como o desenho, a pintura e a música.

Modernamente, sem se pretender que a escola descure a tarefa de zelar pela caligrafia da criança, outros são os objetivos a alcançar no ensino da ‘Escrita’, considerando-se as condições fisiológicas e psicológicas da criança, o ritmo e as exigências da vida atual e o conceito moderno de arte. (...) Pode-se agrupar nos seguintes os objetivos da ‘Escrita’ na escola primária:

1. permitir legibilidade, isto é, clareza, uniformidade no traçado de modo a facilitar a leitura, considerando-se ser a Escrita meio de comunicação;
2. desenvolver rapidez, atendendo, assim, às exigências da vida moderna;
3. dar o hábito da disposição elegante e apresentação cuidadosa dos títulos e textos, o que virá a concorrer para a educação estética da criança.

(CPOE. Comunicado nº 4, 15/04/1950 *apud* PERES, 2003, p. 83)

Nota-se, a partir do excerto acima referido, sintonias e possíveis repercussões da obra de Ormindia Marques em um comunicado divulgado entre o professorado gaúcho no ano de 1950. A

próxima seção deste trabalho, que contará com uma apresentação detalhada da produção desta autora, permitirá a identificação destas sintonias, em especial, no que diz respeito aos objetivos com o ensino da escrita, a defesa da escrita como um meio de comunicação e a fundamentação deste ensino a partir da psicologia da aprendizagem e da fisiologia do movimento, culminando na importância do ritmo para o exercício da escrita.

Segundo Eliane Peres (2003), o livro *A escrita na escola primária*, de Ormindia Marques, teve ampla circulação no estado do Rio Grande do Sul. Fundamenta sua afirmação no fato de ter identificado em registros nos Boletins do CPOE/RS referências à obra em discussões nas *Horas Pedagógicas* – sessões de leitura obrigatória para todas as professoras e diretoras das escolas ligadas à rede estadual de ensino (PERES, 2003, p. 79) – em diversas escolas gaúchas.

Peres (2003) também explana brevemente sobre os aspectos que motivaram a escrita de Ormindia e preceitos que nortearam seu estudo, ressaltando a importância da aquisição do ritmo no sistema de caligrafia muscular, a utilização de exercícios preparatórios em um trabalho de seriação e gradação e as medidas de avaliação da escrita das crianças, através da qualidade e da velocidade da escrita. Para finalizar, Peres (2003) salienta que *escrever melhor em menos tempo*, ou seja, a exigência de rapidez da escrita estava de acordo com um dos principais pressupostos do movimento renovador – a economia de tempo em consonância com a sociedade moderna.

A partir das considerações apresentadas nos diferentes estudos, aqui indicados porque considerados os mais relevantes na revisão bibliográfica realizada, foi possível identificar aspectos que sinalizaram possibilidades à investigação. Com vistas às repercussões da obra de Ormindia Marques no tempo, Mortatti (2000; 2004), Vidal e Esteves (2003), Vidal e Gvirtz (1999), Vidal (1998), Braga (2008a; 2008b) e Peres (2003) apontam a relevância da experiência desenvolvida no Rio de Janeiro nos anos 30, afirmada como inovadora.

Os estudos destacam, fundamentalmente, aspectos do estudo de Ormindia relacionados à sua proximidade com o ideário da Escola Nova; características que definem o modelo de ensino da caligrafia muscular, disseminado no Brasil pela educadora; mudanças sofridas nas propostas para o ensino da escrita em consonância com a renovação da educação e a divulgação da experiência com a caligrafia muscular, que culminaram na racionalização da escrita, tomada como meio de comunicação e que, por isso, exigia essencialmente legibilidade e velocidade.

O que se pretende como contribuição desta dissertação para a reflexão sobre a temática é a compreensão da importância da obra de Ormindia Marques não somente a partir de sua produção,

inscrita no contexto do movimento de renovação educacional e fortemente ligada ao pensamento de Lourenço Filho, mas, justamente, a partir de suas repercussões no tempo. A identificação de referências e menções ao estudo por ela desenvolvido é a comprovação da relevância de seus experimentos, mas sobretudo de sua produção, publicada em uma coleção que obteve reconhecimento e circulou pelo país. Para isso, a análise sob a ótica do estudo das práticas de leitura e escrita permite apreender a importância da produção de Ormindá como impresso, como objeto dado a ler, que circulou e que foi apropriado por seu público leitor.

1.2 Acerca da metodologia de estudo

O mínimo que se exige de um historiador é que seja capaz de pensar a história, interrogando os problemas do presente através das ferramentas próprias do seu ofício. O mínimo que se exige de um educador é que seja capaz de pensar a sua ação nas continuidades e mudanças do tempo, participando criticamente na renovação da escola e da pedagogia.

Ao historiador da educação pede-se que junte os dois termos desta equação. Não há história da educação sem a mobilização rigorosa dos instrumentos teóricos e metodológicos da investigação histórica. Mas também não há história da educação sem um pensamento e um olhar específicos sobre a realidade educativa e pedagógica. Uma moeda tem sempre dois lados. (NÓVOA, 2009, p. 9)

O excerto acima evidencia o direcionamento adotado nesta dissertação que consiste em refletir acerca das idéias e práticas pedagógicas, em suas mudanças e permanências no tempo, a partir da análise, fundamentada teórica e metodologicamente no campo da história, de uma obra tomada como marco histórico.

Dessa maneira, se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, de cunho histórico, inspirada nos pressupostos da história cultural. Importa destacar que história é aqui entendida como um “campo de produção de conhecimentos, que se nutre de teorias explicativas e de fontes, pistas, indícios, vestígios que auxiliam a compreender as ações humanas no tempo e no espaço” (STEPHANOU; BASTOS, 2009, p. 417). Segundo Roger Chartier (2009), uma “intenção de verdade constitui o discurso histórico” (p. 14) e, por isso, “a história como escritura desdobrada tem, então, a tripla tarefa de convocar o passado, que já não está num discurso no presente; mostrar as competências do historiador, dono das fontes; e convencer o leitor” (*Ibid.* p. 15). Embora os documentos ou vestígios não possuam uma verdade inerente, por meio de sua transformação em dados de pesquisa, nas palavras de Stephanou e Bastos (2009), “o

historiador/pesquisador produz um discurso, uma narrativa que constitui sua leitura do passado” (p. 417-418).

Devem ser mencionadas algumas características das mudanças sofridas pela história que culminaram no surgimento da história cultural, perspectiva teórica adotada neste estudo, a saber: a valorização do cotidiano; o questionamento às macro-interpretações, em outras palavras, a busca pela compreensão do particular na sua relação com a sociedade mais ampla; a desnaturalização das fontes, ou seja, a reflexão sobre a produção de documentos segundo interesses e intenções particulares que conferem incertezas aos documentos e impõem a necessidade de buscar novas maneiras de interrogar os objetos adequadamente; o rompimento com a hierarquização dos documentos; e a emergência de novos objetos de pesquisa (STEPHANOU; BASTOS, 2009).

Peter Burke (2008) aponta a *história das práticas* como um dos paradigmas da história cultural, na qual se inscreve a história da escrita. Nesse sentido, Viñao Frago (2002b) analisa a cultura escolar, caracterizando-a como um

conjunto de teorias, ideias, princípios, normas, pautas, rituais, inércias, hábitos e práticas (formas de fazer e pensar, mentalidades e comportamentos) sedimentados ao longo do tempo em forma de tradições, regularidades e regras de jogo não postas em questão, e compartilhadas por seus atores, no seio das instituições educativas. [livre tradução] (p. 73)

Os estudos do campo da história da educação, não mais centrados exclusivamente nos assim chamados “documentos oficiais”, vêm valorizando os diversos artefatos utilizados no âmbito escolar tomados como fontes. De acordo com Galvão e Lopes (2010), “esses objetos podem fornecer ao pesquisador indícios de como eram os métodos de ensino, as disciplinas, o currículo, os saberes escolares, a formação de professores etc.” (p. 71). Tais objetos, segundo as autoras, podem ser: “carteiras, utensílios, cadernetas de professores, exercícios, provas, boletins escolares, livros de ocorrência, cadernos e trabalhos de alunos, uniformes, quadros-negros, bibliotecas escolares, livros dirigidos ao estudante ou ao professor...” (*Ibid.*)

No entanto, pesquisadores que trabalham com este tipo de documentação enfatizam a necessidade de problematizá-las, considerando relevante questionar, por exemplo, os motivos pelos quais alguns objetos foram guardados e não outros. Por isso, “o passado nunca será plenamente conhecido e compreendido” (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 65), ou, em outras

palavras, segundo as autoras, “a história [...] só conta aquilo que foi possível saber a respeito do que se quer saber” (*Ibid.*, p. 67).

Levando em conta a forte tendência de ampliação das fontes nas pesquisas em história da educação, uma vez que “a pluralidade de documentos oferece ao historiador mais possibilidades de explorá-los, compreendê-los e produzir conhecimento sobre o tema de pesquisa” (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 79), e englobando a cultura escolar em seus múltiplos vestígios no tempo, o estudo aqui apresentado direcionou seu foco para as diversas possibilidades de constituição do corpus empírico da pesquisa. Assim, se faz necessário ressaltar que no campo da história cultural os documentos são uma produção e não a realidade, pois a realidade é inapreensível. Cabe ao pesquisador indagar como funcionam estes documentos, quem os escreveu ou produziu, para quem, a partir de que lugar, etc., pois é o historiador quem transforma os traços, os vestígios do passado em documentos, a partir das perguntas que faz a eles.

Portanto, importa mencionar os documentos que constituem o corpus empírico desta pesquisa. Além do estudo sobre o livro *A escrita na escola primária*, procurou-se ampliar o corpus empírico no que se refere à obra de Ormindia Marques. Desta maneira, por meio de pesquisa realizada junto ao Centro de Memória Institucional do Instituto Superior de Ensino do Rio de Janeiro (CEMI/ISERJ), situado no prédio do antigo Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ), foi possível localizar os dois artigos publicados pela educadora no periódico *Arquivos do Instituto*, sob o título *Contribuição para o ensino da escrita na escola primária* (1934 e 1936), publicações anteriores ao seu livro, acima mencionado. Ainda, destaca-se a publicação posterior a este livro, identificada em pesquisa junto ao Acervo Histórico da Biblioteca Setorial de Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da coleção de cinco cadernos de caligrafia intitulada *Escrita Brasileira*.

Em um projeto de pesquisa desenvolvido como parte da experiência de Iniciação Científica, Patrícia Vieira (2010), sob a orientação da Prof^a Maria Stephanou⁹, identificou manuais de formação de professores para o ensino da escrita que defendem a prática de exercícios de caligrafia. Vieira apresenta e analisa os discursos dos autores destes manuais, evidenciando certa influência das proposições de Ormindia Marques e dos preceitos da Escola

⁹ Importa salientar que o referido estudo e esta dissertação fazem parte de um projeto maior intitulado *Educar a escrita: os sentidos da caligrafia na História da Educação no Brasil (séculos XIX e XX)* [conforme nota 2]. Este projeto teve início em agosto de 2009 com o apoio financeiro do CNPq e da FAPERGS e está vinculado à linha de pesquisa *História, Memória e Educação* do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Nova. As semelhanças referem-se às finalidades da boa escrita, com destaque para a legibilidade e a velocidade, aos objetivos a serem alcançados em cada ano do ensino primário, à importância da motivação dos educandos para os exercícios de escrita e a ideia de que estes levariam a um aperfeiçoamento da letra, além da crítica à repetição de modelos. Tais recorrências são tomadas aqui como exemplos da repercussão que a obra teve no tempo, inspirando e orientando outros educadores/autores na produção de manuais de formação de professores e, por consequência, seu público leitor.

A partir de análise junto aos manuais localizados pela pesquisa acima citada, foi possível identificar rastros de repercussões da obra *A escrita na escola primária*. São listados abaixo os manuais localizados que integram, juntamente a outros documentos a seguir descritos, o corpus empírico deste trabalho¹⁰:

- *Metodologia da Linguagem*, de J. Bundin (1949);
- *Metodologia da Linguagem*, de Orlando Carneiro (1951);
- *Metodologia do Ensino Primário*, de Amaral Fontoura (1963).

A *Revista do Ensino/RS*, publicação vinculada à Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, outro importante documento, integra o corpus empírico da dissertação, pois representa um relevante periódico de propagação de ideias e modelos pedagógicos. Nas palavras de Bastos (2005),

A *Revista do Ensino* constitui-se como uma tribuna de diferentes especialistas, que expressaram suas ideias e pensamentos refletindo o movimento de ideias em nível regional e nacional. Ao mesmo tempo, pretendeu ser um veículo de divulgação da política educacional, procurando mobilizar e integrar o professor no projeto de reconstrução nacional e renovação educacional, pela normatização e homogeneização de determinados princípios e práticas escolares. (p. 114)

Por esta razão, realizou-se uma pesquisa junto aos números da *Revista do Ensino/RS* que compreendem o período das décadas de 1930 a 1960 de modo a identificar artigos que tratassem do ensino da escrita na escola primária e que fizessem menção ao estudo de Ormindia Marques¹¹. Abaixo são listados os artigos localizados, abrangendo os números da *Revista do Ensino/RS* dos anos de 1930 a 1960, conforme recorte temporal estabelecido para a pesquisa:

¹⁰ Vale destacar aqui que representam três décadas de circulação como manuais de ensino da escrita.

¹¹ Destaca-se que a pesquisa junto à *Revista de Ensino/RS* foi sugerida pelas professoras Eliane Peres e Maria Helena Camara Bastos por ocasião da defesa do projeto de dissertação.

- *Exercícios caligráficos baseados no ritmo* (In: Preparando para ler), de Arlette Pinto de Oliveira e Silva (mar./1956);
- *A caligrafia na escola*, de Afrânio Coutinho (mar./1956);
- *Escrita na escola primária*, de Adélia de Campos Carregal (s.m./1964);
- *A escrita na escola primária*, de Doris Ramos da Mota, Vera Paes Leite e Neuza Junqueira Armellini (s.m./1969).

Por fim, importa destacar a relevância de estudar um conjunto documental constituído pelos comunicados do Centro de Pesquisa e Orientações Educacionais (CPOE) vinculado à Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. A ação deste Centro, entre os anos de 1943 e 1971, se insere no contexto de reformas do estado e da educação gaúcha. De acordo com Claudemir de Quadros,

Os Comunicados exarados pelos técnicos do CPOE/RS se constituem em objetos impressos que abordam temáticas variadas, desde assuntos administrativos, da gestão dos espaços e dos tempos escolares, até acerca da formação continuada dos professores, no que se destacam prescrições sobre as metodologias de ensino, conteúdo e avaliação. (2006, p. 268)

Por isso, a incorporação desses comunicados ao corpus empírico do estudo foi fundamental para compreender o processo de renovação educacional ocorrido no Rio Grande do Sul em consonância com o restante do país. Analisar as orientações quanto ao ensino da escrita nestes documentos aproximou do conhecimento acerca do que era divulgado e, em alguma medida, posto em prática nas escolas gaúchas deste período. Foram identificados dois comunicados deste órgão publicados em números da *Revista do Ensino/RS*:

- *A escrita*, Comunicado do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (CPOE) da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul (abr./1963);
- *Orientações bibliográficas para o ensino primário – III: Obras indicadas ao professor*, Comunicado do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (CPOE) da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul (s.m./1967);

A partir do corpus empírico apresentado acima, é possível afirmar que a obra *A escrita na escola primária* obteve importante circulação no país e inspirou educadores na produção de outras obras sobre o tema. Desse modo, o texto deste livro, tomado como discurso, não se reduz

às suas duas edições. Algumas condições lhe atribuíram o estatuto de obra de referência, impedindo-a de cair no esquecimento como outras obras da mesma Coleção organizada por Lourenço Filho (MONARCHA, 1997), a saber: a vinculação da autora ao Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ); a participação de Lourenço Filho, um dos principais intelectuais do movimento da Escola Nova no Brasil, como uma espécie de orientador do trabalho e a comprovação de suas proposições através da experimentação. Desse modo, tais aspectos são aqui considerados fundamentais para a produção e circulação da obra de Ormindia Marques em âmbito nacional.

No entanto, sua relevância também está associada a outro importante conceito proposto pelo historiador Roger Chartier, inspirado em Michel De Certeau: o conceito de apropriação. Apesar de afirmar que “cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular” (CHARTIER, 1998, p. 91), o autor ressalta que “as experiências individuais são sempre inscritas no interior de modelos e normas compartilhadas” (*Ibidem*). Exemplo disso é o fato de que pessoas diferentes, em diferentes contextos, mas em um mesmo momento histórico, em geral compartilham o mesmo sistema de escolarização, e por isso compartilham modelos e normas de leitura, apesar de suas experiências individuais (que podem também ser compartilhadas). Chartier (2001) constata, portanto, que “cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria” (p. 20).

Desta maneira, para Chartier, o conceito de apropriação está associado aos diferentes usos que o leitor faz de um texto, considerando que “uma vez escrito e saído das prensas, o livro, seja ele qual for, está suscetível a uma multiplicidade de usos. Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são, elas próprias, múltiplas, diferentes segundo as épocas, os lugares, os ambientes” (CHARTIER, 2004, p. 173). O que ler, onde ler, quando ler, por que ler, como ler variam no tempo, no espaço, na cultura, no contexto sócio-cultural, etc. Como afirma o autor, a leitura “não é uma invariante histórica, mas um gesto, individual ou coletivo, dependente das formas de sociabilidade, das representações do saber” (*Ibidem*).

Então, interessa aqui perscrutar diferentes usos da obra de Ormindia Marques, mas, sobretudo, diferentes registros que apontem indícios de apropriação da mesma – seja em estudos de cursos de formação, seja em leituras coletivas nas escolas, ou ainda em estudos individuais para a escrita de novas obras, etc. Considera-se que a oferta à leitura de um texto, integral ou

parcialmente, em diferentes impressos ou diferentes suportes, indica diferentes processos de apropriação. Os processos de apropriação, ou em outras palavras, a relação prática entre objetos impressos e leitores, são muito difíceis de serem acessadas pelo pesquisador, como adverte o próprio Chartier (2004, p.48). Em geral, a operação de leitura, diferente da escrita, não deixa marcas, ou estas são quase imperceptíveis e no mais das vezes passam despercebidas. Há uma dificuldade mais acentuada que consiste na impossibilidade de determinação dos sentidos, múltiplos e instáveis, atribuídos a um texto (CHARTIER, 2004, p.47). Em suma, a cada emprego, a cada uso das proposições de um texto a determinação do sentido a ele atribuído advém de fora, como adverte Chartier, “no cruzamento de uma disposição, uma intenção, que são do enunciador [neste caso da autora], e de uma situação de um público, de um ‘mercado’ sobre o qual o enunciado proposto adquire sentido ao ser apreciado em relação a outros e socialmente avaliado” (*Ibidem.*).

No caso deste estudo, a apropriação se relaciona, também, aos movimentos em que a circulação do livro de Ormindia reverbera em outros textos, impressos, artefatos em que os postulados difundidos em suas publicações se mostram presentes.

Analisar o triângulo proposto por Chartier – produção, circulação, apropriação – do livro *A escrita na escola primária*, permite compreender a obra em sua totalidade, contando com produções da mesma autora anteriores e posteriores ao seu livro, como os artigos publicados no periódico *Arquivos do Instituto* e a coleção de cadernos *Escrita Brasileira*, além de produções de outros autores que a tomam como referência, como os manuais de linguagem, os artigos publicados na *Revista do Ensino/RS* e os comunicados do CPOE/RS, com a finalidade de identificar as repercussões no tempo dessa importante obra para a história do ensino da escrita.

2. A Escola Nova, o pensamento de Laurence Filha e a produção de Orminda Marques: o ensino da escrita na educação renovada

O movimento da Escola Nova emergiu com maior força nas primeiras décadas do século XX, a partir das proposições teóricas de John Dewey, em resposta a problemas identificados na relação escola e sociedade do período. Vera Teresa Valdemarin ressalta que tais proposições de Dewey

tiveram como referência a experiência pedagógica por ele dirigida na escola elementar da Universidade de Chicago (1896-1904) a partir da qual estabeleceu novas bases epistemológicas sobre o conhecimento, articuladas a procedimentos didáticos experimentados em situação. (2010, p. 24)

A fim de delimitar o contexto no qual se insere o objeto desta pesquisa, se faz necessário descrever em que consiste a Escola Nova. As principais ideias de renovação da educação e dos métodos de ensino propostas pelo movimento consistem em: o trabalho em grupo; a aprendizagem ativa; a importância da psicologia na educação, pois os escolanovistas pretendiam tratar a educação como ciência¹²; a crítica à divisão do ensino em disciplinas; e, um dos mais importantes pontos, o ensino centrado no aluno, ou seja, a criança não mais vista como objeto da educação e sim como seu sujeito. Deste modo, como assinala Di Giorgi (1986, p. 22), “a curiosidade e a sensibilidade infantis são estimuladas. Atividades como desenhos, brincadeiras, trabalhos em argila, teatro, jogos, excursões devem vir a fazer parte do dia-a-dia da escola”. Nota-se a preocupação com os trabalhos manuais e a importância da criança no processo de ensino e aprendizagem.

Algumas das experiências desenvolvidas a partir dos métodos da Escola Nova e aplicadas em escolas de diferentes países são destacadas por Di Giorgi (1986), como o *sistema de contratos* no Plano Dalton, de Helena Parkhurst, os *centros de interesse* de Ovide Decroly, a valorização da

¹² Segundo Stephanou (1999, p. 407) houve uma espécie de disputa pela “verdade” da Pedagogia a partir das críticas do discurso médico dirigidos à educação. A autora afirma ainda que “uma nova leitura médica dos fenômenos educacionais, [...] possibilitou a formulação de algumas críticas à Pedagogia, propondo uma espécie de ‘pedagogia fisiológica’ preocupada com a forma, a educação física nas escolas, a prevenção dos estados mórbidos, enfim, a Educação como processo de viver”. Nesse contexto, por se considerar que *educação é vida*, Stephanou (1999) identificou referências à Dewey, Ferrière, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo por médicos que se ocupavam da educação escolar.

criança através da preocupação com ambiente e materiais favoráveis às necessidades físicas e psíquicas da criança por parte de Maria Montessori e o *sistema de projetos* de John Dewey baseado na ideia de aprender a aprender. Além destes, podem ser destacados outros representantes: Kilpatrick, Claparède, Ferrière e Freinet. Tais experiências não serão descritas em detalhes aqui, porém, se faz necessário ressaltar que todas são baseadas, em diferentes graus, nos princípios gerais que norteiam o movimento da escola ativa ou escola nova. Em relação a esse aspecto, deve-se fazer uma ressalva: ao destacar os principais reformadores brasileiros, tais como Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Sampaio Dória, entre outros, Carlos Monarcha (1989) salienta que na literatura sobre a Escola Nova não há uma unidade do pensamento escolanovista entre seus intelectuais, pois apesar de compartilharem ideais, apresentavam individualizações em seus estudos; em outras palavras, “as ideias não estavam nos sujeitos, mas os sujeitos nas ideias” (p. 128).

2.1 Lourenço Filho e a Escola Nova no Brasil

Considerando o foco deste trabalho, a atenção maior será dada à introdução do ideário da Escola Nova no Brasil, localizada temporalmente por Valdemarin (2010) entre 1926 e 1935, devido a importantes eventos educacionais de renovação, sendo eles “o Inquérito sobre a Educação realizado em 1926 por Fernando de Azevedo, as edições da revista Escola Nova, nos anos 1930 e 1931, o Manifesto dos Pioneiros, de 1932, a organização das coleções pedagógicas e a reforma educacional do Distrito Federal.” (p. 25). Importa mencionar o destaque dado por Monarcha à origem do Manifesto dos Pioneiros:

[...] pode-se afirmar que a sua origem imediata está em uma das agitadas conferências promovidas pela Associação Brasileira de Educação que, desde 1924, vinha-se destacando pelo debate intenso e publicidade das questões educacionais analisadas em perspectiva nacional, através de publicações de revistas, realização de cursos especializados e promoção de conferências nacionais. (1998, p. 77)

Neste contexto, Monarcha (1989) refere-se à Escola Nova como um movimento de “revisão dos métodos pedagógicos e finalidades sociais da educação” (p. 17), ou seja, a escola deixaria de ser responsável apenas pela alfabetização para se tornar um organismo formador de

cidadãos capazes de se ajustarem às novas condições de vida da sociedade moderna. E, para atingir este objetivo, o meio apontado foi a instrução pública, pois era preciso alfabetizar para civilizar, considerando que, como ressalta Veiga (2007), “em 1920, aproximadamente 75% dos brasileiros eram analfabetos” (p. 253). A respeito disso, Mortatti (1998) afirma que a alfabetização é “índice de medida e testagem da eficiência da ação modernizadora da educação contra a barbárie e rito de iniciação na passagem do mundo privado para o público da cultura” (p. 55). A autora lembra que “a alfabetização é apresentada como um dos instrumentos privilegiados de aquisição do saber, portanto, de esclarecimento das ‘massas’ [...]” (p. 56), o que explica o destaque dado à alfabetização para a modernização da sociedade brasileira.

Entre os anos de 1920 e 1930 ocorreram significativas reformas educacionais no Brasil, apoiadas nos ideais da Escola Nova, em especial nos estados de São Paulo, Ceará, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco e Distrito Federal (RJ). De acordo com Eliane Peres, este movimento “pretendia, entre outras coisas, estabelecer uma nova ordem social via escola, reformar a sociedade pela educação, em outras palavras, renovar a escola para renovar a sociedade” (2009, p. 115).

Por meio destas reformas, Lourenço Filho¹³ destaca-se como um dos principais personagens do movimento de renovação da educação. Sua atuação teve origem por volta de 1914, em São Paulo, quando trabalhou ao lado de Sampaio Dória, catedrático de Psicologia e Pedagogia na Escola Normal Secundária. Por designação do governo do estado, Sampaio Dória iniciou um ciclo de reformas na educação paulista, que, mais tarde, adquiriu prestígio nacional. Assim, por interesse do governo do Ceará em realizar trabalho semelhante no ensino primário local, em 1922 Lourenço Filho foi indicado por seu mestre para assumir a tarefa. Devido às condições do ensino neste Estado na época e por desenvolver-se quase que unicamente através dos esforços do próprio educador, esta reforma é considerada pioneira na educação brasileira, no sentido de representação dos princípios da Escola Nova (NAGLE, 1976). Depois disso, retornou a São Paulo para mais tarde, já em 1932, assumir o cargo de diretor do Instituto de Educação do Distrito Federal, no Rio de Janeiro.

Com base nas aulas de psicologia e pedagogia ministradas por Lourenço Filho na Escola Normal da Praça da República, em São Paulo, o livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova*

¹³ Sobre Lourenço Filho e a reforma da educação no Ceará ver Bastos e Cavalcante (2009; 2011).

(1930) foi elaborado e publicado como volume integrante da coleção *Bibliotheca de Educação*¹⁴ organizada pelo próprio Lourenço Filho. Este livro, que teve treze edições entre os anos 1930 e 1979¹⁵, com uma 14ª edição publicada no ano de 2002 em homenagem ao centenário do autor, “tornou-se a mais importante fonte de divulgação das bases científicas e filosóficas da perspectiva escolanovista em língua portuguesa” (CAMPOS; ASSIS; LOURENÇO, 2002, p. 17).

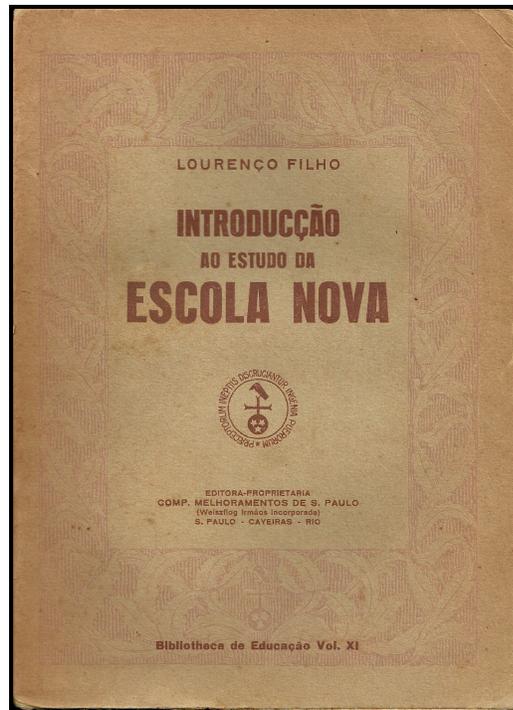


Figura 1: Capa do livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, de M. B. Lourenço Filho (1930).

¹⁴ “Projeto editorial organizado e implementado, a partir de 1927 – ano do Centenário do Ensino Primário no Brasil – , pelo professor normalista Manoel Bergström Lourenço Filho, a coleção publicou traduções de títulos estrangeiros e originais de autores brasileiros, explicitando uma corrente de idéias então ascendentes, conhecida como Escola Nova” (MONARCHA, 1997, p. 27). É possível citar alguns títulos que se destacam na Coleção: entre as traduções feitas por Lourenço Filho estão *A escola e a psychologia experimental*, de Edouard Claparède, *Educação e sociologia*, de Émile Durkheim, *A lei biogenética e a escola ativa*, de Adolpho Ferrière; entre os títulos que tratam da prática pedagógica estão *Como se ensina Geografia*, de Antonio Firmino Proença, *A escola ativa e os trabalhos manuais*, de Coryntho da Fonseca, *Como se ensina linguagem*, de Firmino Costa, *Testes ABC para a verificação da maturidade necessária ao aprendizado da leitura e da escrita*, de M. B. Lourenço Filho, *Como se ensina História*, de Jonathas Serrano, *A escrita na escola primária*, de Ormindia Marques, todos com prefácios assinados por Lourenço Filho.

¹⁵ “Da primeira à sexta edição do livro, Lourenço Filho acrescentou muitos comentários em forma de notas de rodapé. Assim, quando se fez necessária uma sétima edição, atualizou a obra não mais com o intuito de apenas elaborar uma ‘topografia geral’ e segura das diversas teorias escolanovistas, mas com a finalidade de ajudar na reflexão sobre práticas e métodos educativos” (CAMPOS; ASSIS; LOURENÇO, 2002, p. 20-21)

A partir de um levantamento da tiragem e do ano de publicação de cada edição do livro, Carlos Monarcha (1997, p. 49-50) apresenta o quadro abaixo, evidência da expressividade da obra em um período que abrange cinco décadas:

Edição	Tiragem	Data
1	12.000	jul. 1930
2	?	?
3	?	?
4	?	?
5	2.000	jan. 1943
6	3.000	nov. 1948
7	6.000	abr. 1961
8	5.000	out. 1963
9	5.000	jun. 1967
10	3.000	dez. 1969
11	3.000	abr. 1974
12	14.000	jun. 1978
13	2.000	ago. 1979

Monarcha (1997) reforça que, entre 1927 e 1979, o livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, de Lourenço Filho, foi o terceiro livro mais difundido da coleção *Bibliotheca de Educação*, com aproximadamente 57.000 exemplares publicados.¹⁶ Tal dado aponta para a permanência dessa obra no tempo, “guardando o frescor do novo perante um público escolar cativo: as diferentes gerações de estudantes normalistas e licenciandos” (*Ibid.*, p. 35). Os dados apresentados acima já bastam para justificar o estudo da obra a fim de compreender o desenvolvimento do movimento de renovação educacional no Brasil. No entanto, importa salientar que o livro tem destaque neste trabalho devido à proximidade de seu autor com o estudo

¹⁶ O autor lista os cinco livros mais difundidos nesse período, a saber: *Educação para uma civilização em mudança*, de W. H. Kilpatrick, com 16 edições e 74.100 exemplares; *Testes ABC para a verificação da maturidade necessária ao aprendizado da leitura e da escrita*, de M. B. Lourenço Filho, com 12 edições e 62.000 exemplares; *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, de M. B. Lourenço Filho, com 13 edições e 57.000 exemplares; *Educação e Sociologia*, de E. Durkheim, com 12 edições e 55.500 exemplares; *Vida e Educação*, de J. Dewey, com 11 edições e 52.500 exemplares (valores aproximados).

coordenado por Ormindia Marques, objeto desta dissertação, além de ser referido na bibliografia da autora¹⁷. Desta maneira, se faz necessário destacar os principais aspectos da obra de Lourenço Filho para uma maior aproximação com o pensamento que fundamentou a experimentação e as proposições elaboradas por Ormindia Marques.

O objetivo central da publicação, conforme demanda identificada por seu autor, Lourenço Filho, foi sistematizar os princípios gerais da Escola Nova possibilitando um acesso mais amplo e fácil ao método, em especial por parte dos professores primários, a partir de uma visão geral e completa da questão, o que não era encontrado nas obras européias e americanas. Neste sentido, o autor salienta que

aos mestres primários especialmente, [o livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova*] demonstrará o muito que temos a caminhar, o muito que temos a realizar. Do ponto de vista técnico, em particular, poderá concorrer para a coordenação de informações dispersas, para o estímulo ao estudo de certos problemas de organização e eficiência do trabalho escolar. (LOURENÇO FILHO, 1930, p. 9)

Considerando a preocupação de Lourenço Filho com os aspectos dos processos pedagógicos, sob a influência da psicologia experimental, nota-se, a partir da citação acima, o pensamento que contribuiu para o desenvolvimento do trabalho de Ormindia Marques. Conforme será apresentado adiante nesta mesma seção, a educadora coordenou um trabalho de experimentação sobre o ensino da escrita na escola primária do Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ), sob a orientação do professor Lourenço Filho. Com base na psicologia, Ormindia Marques defendeu, por exemplo: o ensino graduado, de acordo com os níveis de desenvolvimento da criança; a motivação a partir do interesse da criança na aprendizagem com atividades de jogo, brincadeira, música e dramatização; a verificação do rendimento dos alunos através de testes e escalas, etc. Além disso, se faz necessário ressaltar a importância da organização de um livro que sistematizou e divulgou a pesquisa realizada por Ormindia Marques que, desta maneira, influenciou e fundamentou outras propostas para o ensino da escrita. E este era o sentido fundamental da Coleção *Bibliotheca de Educação*, vinculado ao propósito do movimento da Escola Nova: divulgar e disseminar os preceitos de renovação educacional.

¹⁷ Na bibliografia do livro *A escrita na escola primária*, Ormindia Marques faz referência à 3ª edição de *Introdução ao Estudo da Escola Nova* (1933).

No prefácio do livro de Marques, Lourenço Filho trata, brevemente, da necessidade de mudanças na educação brasileira, apoiadas nas ideias de educadores de outros países. O autor menciona ainda as reformas já em desenvolvimento, no período de produção e publicação da obra, em outros estados, com destaque para o Distrito Federal, sob a liderança de Fernando de Azevedo. Neste sentido, Lourenço Filho justifica a elaboração deste livro, que a partir das propostas dos educadores escolanovistas estrangeiros, procura organizar os aspectos fundamentais para a compreensão da Escola Nova.

O livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova* (1930) apresenta-se dividido em cinco lições a partir de três assuntos:

Lição I: Que se deve entender por escola nova?

Lições II, III e IV: Os sistemas da educação renovada

Lição V: Questões gerais de aplicação

Tomando a Escola Nova como um “conjunto de doutrinas e princípios tendentes a rever, de um lado, os fundamentos da finalidade da educação, de outro, as bases de aplicação da ciência à técnica educativa” (LOURENÇO FILHO, 1930, p. 77), o autor trata, na primeira lição, dos pontos essenciais que definem as novas doutrinas:

Do ponto de vista dos *fins da educação*, a escola nova entende que a escola deve ser órgão de reforçamento e coordenação de toda a ação educativa da comunidade: a educação é a socialização da criança. Do ponto de vista político, pretende a *escola única*, e a *paz pela escola*. Do ponto de vista filosófico, admite mais geralmente as bases do neo-vitalismo e do neo-espiritualismo, que as do mecanicismo empírico. [grifos do autor] (*Ibid.* p. 77-78)

Com efeito, no livro são propostos novos meios de aplicação científica, primeiramente, através da “transformação da *organização estática* dos estabelecimentos de ensino, pelo emprego do estudo objetivo da criança, para classificação racional; e pela verificação objetiva do trabalho escolar (testes), para avaliação objetiva do que foi aprendido” [grifo do autor] (LOURENÇO FILHO, 1930, p. 78). Em segundo lugar, através da “transformação da *dinâmica* do ensino, a reforma dos processos” [grifo do autor] (*Ibid.*), sendo algumas mudanças apontadas pelo autor, tais como: do ensino passivo ao ensino ativo, baseado na expansão dos interesses naturais da criança; do trabalho individual ao trabalho em comunidade, por meio da cooperação; da discriminação de matérias ao ensino em situação total ou globalizado; da escola de ouvir à escola

de fazer, de praticar a vida; da autoridade externa à reunião de condições que permitam desenvolver-se, em cada indivíduo, a autoridade interna.

Na Lição II, Lourenço Filho apresenta os *sistemas de experimentação e ensaio* e narra o percurso de propagação da Escola Nova, que passa por países como Inglaterra, Alemanha, França, Estados Unidos, entre outros. A partir da análise destes sistemas, o autor destaca seu caráter de universalidade, que permite que a escola acompanhe as mudanças sofridas pela civilização.

Os *sistemas de mais rigorosa aplicação científica* são apresentados nas lições III, com os sistemas Montessori e Decroly, e IV, através do sistema de projetos de Dewey. Tais sistemas não serão apresentados aqui, porém, se faz necessário ressaltar que Lourenço Filho procura indicar as semelhanças entre os processos, sendo a mais evidente, a relação estreita entre educação e ciência.

Já na Lição V, o autor faz alguns arremates do que já foi apresentado, com base, em especial, nas contribuições dos educadores acima citados. Segundo ele, estes programas baseiam-se na evolução afetiva da criança, e por esse motivo as matérias são globalizadas, através de problemas de desenvolvimento, centros de interesse ou projetos. Em outras palavras, há uma atenção aos interesses das crianças. Em decorrência dessa concepção, há mudanças no andamento do trabalho escolar, ou seja, do horário escolar. No lugar de “horários mosaicos, com discriminação de lições por minutos, surgem planos flexíveis, para o ensino diário ou semanal, em que os impulsos naturais das crianças passam a ser aproveitados com eficácia, no sentido do trabalho criador” (LOURENÇO FILHO, 1930, p. 222-223). Conseqüentemente, surgem como recursos na prática pedagógica a situação de jogo ou brinquedo, a questão do interesse e do esforço, a questão da liberdade e da autoridade.

Por fim, o autor compara a escola tradicional, caracterizada pela autoridade externa, com a imposição de normas de fora para dentro, com a escola nova, caracterizada pela liberdade interior, com a formação de dentro para fora, ou seja, a educação vista como auto-educação. No entanto, Lourenço Filho ressalta que liberdade não significa abandono, pois “cada exercício, cada atividade funcional possui, na medida dos interesses despertados, as próprias normas de sua disciplina” (1930, p. 224).

Nesta seção da dissertação, foram destacados os princípios gerais do movimento da Escola Nova, as condições que contribuíram para a introdução deste ideário no Brasil, os

principais representantes do movimento e suas concepções, enfim, de forma breve, foi traçado um panorama do escolanovismo. Reservou-se especial atenção ao pensamento de Lourenço Filho, um dos mais importantes reformadores brasileiros, fundamentalmente através da apresentação do livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova* (1930), com a finalidade de compreender o que o autor considerava essencial para a leitura dos professores primários sobre o movimento. Tal escolha se pautou, ainda, na proximidade entre este texto e o texto de Orminda Marques, considerando que ambos integram a mesma Coleção de educação.

O propósito da explanação voltou-se à necessidade de identificar os pressupostos nos quais se assentaram a experimentação e as proposições elaboradas por Orminda Marques acerca do ensino da escrita. Em outras palavras, há uma linha comum de pensamento em relação à concepção de Lourenço Filho, diretor do Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ), e de Orminda Marques, professora deste mesmo Instituto, no que diz respeito à Escola Nova, justamente devido à proximidade entre os educadores. Sabe-se, por exemplo, que Lourenço Filho dedicou-se a estudar aspectos da prática educativa sob a ótica da psicologia e tal perspectiva poderá ser constatada na apresentação da produção da autora, apresentada nas páginas seguintes deste trabalho.

2.2 A Produção de Orminda Marques

Como foi dito anteriormente, sob a escola renovada a educação centra-se em uma nova concepção de infância e de ensino, segundo a qual o aluno deveria participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem e a motivação para a realização das atividades emergiria de sua significação para as crianças.

Sendo assim, a escrita deveria deixar de ser entendida meramente como a prática da caligrafia, passando a ser vista como meio de comunicação e instrumento de linguagem. Lourenço Filho, que assumiu a direção do Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ) em 1932 e se destacou como um dos grandes reformadores da educação no Brasil, tendo sido um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, afirma que “pouco a pouco, percebeu-se que o ensino da caligrafia, propriamente dita, não tinha mais sentido, e que o ensino a fazer-se

seria o da escrita, instrumento real de uma unidade mais complexa, que é a linguagem” (1936, p. 4-5).

Inserida no contexto da reforma da instrução pública do Rio de Janeiro, que agregava os princípios do movimento da Escola Nova dos anos 30, ao identificar uma espécie de decadência no nível de escrita dos alunos, a professora Ormindia Marques, então diretora da Escola Primária do Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ), dedicou-se à realização de um estudo da boa escrita, entre os anos de 1933 e 1936. De acordo com pesquisa realizada por Braga (2008a), Ormindia Isabel Marques nasceu em 19 de dezembro de 1887 na cidade de Campos no interior do Rio de Janeiro. Ingressou na Escola Normal em 1904 na capital do Estado e em março de 1932 assumiu a direção da Escola Primária do Instituto de Educação do Distrito Federal. Valdemarin (2010), em referência à tese de doutorado de Karina Pinto¹⁸, aponta o Instituto de Educação do Distrito Federal

como instituição modelar, estabelecendo apropriações práticas da concepção renovada de educação, documentadas em relatórios das atividades, normas oficiais, Programas e Guias de Ensino que evidenciam os trabalhos realizados, conscientemente desenvolvidos como experimentação. (p. 118)

Estes e outros impressos como livros, periódicos, boletins e artigos de jornais destinados aos alunos/as das escolas normais, professores/as e público em geral, tiveram ampla circulação como meio de divulgação da educação renovada. Visando este objetivo, Ormindia Marques, como foi indicado anteriormente, assinou trabalhos relativos a sua pesquisa sobre o ensino da escrita, publicados em três âmbitos diferentes: duas publicações no periódico *Arquivos do Instituto de Educação*, sob o título de *Contribuição para o ensino da escrita na escola primária*; a publicação do livro *A escrita na escola primária*, integrado à *Coleção Bibliotheca de Educação*; e a publicação de uma série de cadernos de caligrafia, intitulada *Escrita Brasileira*.

Nesta seção, serão apresentadas e analisadas, em seus detalhes, cada uma destas publicações a fim de compreender a obra da autora em sua relação com os pressupostos da Escola Nova e o momento histórico em que se fez presente.

¹⁸ PINTO, Karina P. **Por uma nova cultura pedagógica**: prática de ensino como eixo da formação de professores primários do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932-1937). 2006. Tese (Doutorado em Educação, História, Política e Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica, 2006. São Paulo.

2.2.1 *Arquivos do Instituto de Educação*

Nos anos de 1934 e 1936, a partir do estudo desenvolvido por Ormindá Marques, antes descrito, são publicados os resultados daquela experiência no periódico *Arquivos do Instituto de Educação*. Segundo Sonia Lopes,

A revista, publicada anualmente por iniciativa do diretor geral da instituição, professor Lourenço Filho, destinava-se a divulgar os relatórios das atividades administrativas e relatos de práticas pedagógicas e culturais, contando com a colaboração de professores dos vários cursos mantidos pelo Instituto e alguns alunos da *Escola de Professores* que se dispunham a narrar experiências e pesquisas ali realizadas. (2005, p. 45)

Ao longo da gestão de Lourenço Filho como diretor do Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ) foi publicado o primeiro volume do periódico. Tal volume foi dividido em três números, publicados nos anos de 1934, 1936 e 1937¹⁹. É possível notar o contato próximo que Lourenço Filho teve com Ormindá Marques, sendo orientador do trabalho da professora.

Importa ressaltar que, conforme será apresentado com especial atenção nas próximas páginas, além de incluir a pesquisa de Ormindá Marques nos *Arquivos do Instituto de Educação*, Lourenço Filho foi o grande incentivador da produção de seu livro.

Lopes (2005) enfatiza um dado com relação à publicação dos Arquivos, que tinham a gráfica da Secretaria de Educação do Distrito Federal como responsável por sua impressão. Segundo a autora, “o periódico possuía divulgação e circulação garantidas em todo o país, pois era enviado gratuitamente a toda rede escolar do Distrito Federal, bem como às secretarias estaduais de educação” (p. 48). Tal indício sugere a possibilidade de repercussão das ideias propostas pela educadora nos programas de ensino em outros estados brasileiros, inclusive no Rio Grande do Sul, foco de atenção deste trabalho. O interesse de circulação dos Arquivos não somente no Distrito Federal, mas em todo o Brasil, se deve, em especial, à função de registro e divulgação da educação renovada.

Com relação ao relato das experiências realizadas na escola primária do Instituto de Educação, é ainda Lopes (2005) que afirma que a leitura dos artigos que compõem este impresso

¹⁹ Lopes (2005, p. 47) salienta que “o número referente ao ano de 1935 é inexistente, sendo eliminada da publicação de 1936 qualquer referência ao conflito político que resultou na demissão de Anísio Teixeira da Secretaria de Educação do Distrito Federal, em consequência das supostas ‘afinidades’ do educador com o levante comunista deflagrado em novembro de 1935”.

revela “uma certa urgência em demonstrar a utilidade dos novos métodos, que deveriam atender às transformações por que vinha passando a sociedade” (p. 54-55). Nesse sentido, a autora salienta a relevância dos artigos publicados por Ormindia Marques sob o título de *Contribuição para o ensino da escrita na escola primária* nos números um e dois do primeiro volume dos *Arquivos do Instituto de Educação*, respectivamente nos anos de 1934 e 1936, ambos localizados em pesquisa realizada no Centro de Memória Institucional do Instituto Superior de Ensino do Rio de Janeiro (CEMI/ISERJ).

O texto da primeira publicação²⁰ é organizado da seguinte forma:

I – O Problema

1. A caligrafia em nossa época
2. Importância da boa escrita
3. A caligrafia nas escolas do Distrito Federal

II – Resultados de observação e experimentação

1. O problema na Escola Primária do Instituto de Educação
2. Uma experimentação com caligrafia muscular
3. Resultados

Ao apresentar “o problema”, Ormindia Marques reflete sobre sua grande preocupação em relação ao ensino da escrita, em especial frente às mudanças que envolviam escola e sociedade. As causas apontadas por ela para a decadência da qualidade da escrita das crianças são indicadas no primeiro item. Em seguida, a autora destaca a importância da boa escrita com base em três argumentos, a saber:

- a) Como meio de comunicação exige legibilidade, isto é, clareza, uniformidade na inclinação, nas ligações e nos espaçamentos, permitindo leitura fácil e rápida.
[...]
 - b) A escrita exige rapidez, velocidade, para que possa atender às exigências da vida moderna, em que o fator tempo é capital.
[...]
 - c) Pela disposição elegante, e certa liberdade da execução, a escrita, ainda hoje, concorre para a educação artística, e como tal, deve ser encarada na escola.
- (MARQUES, 1934, p. 5-6)

²⁰ Não foi possível localizar o primeiro número do periódico na íntegra, apenas o texto de Ormindia Marques em uma separata dos *Arquivos do Instituto de Educação* – v. 1, n. 1.

Finalizando esta seção, discute o ensino da caligrafia nas escolas do Distrito Federal, as mudanças com relação às exigências e à dedicação dos estudantes. Trata também da influência das pesquisas realizadas no exterior, em especial nos Estados Unidos, nas práticas de ensino no Brasil, salientando, por fim, o interesse em experimentar os sistemas de caligrafia muscular na Escola Primária do Instituto de Educação.

Na segunda seção, Orminda discute, inicialmente, o problema do ensino da escrita na escola primária do Instituto de Educação, salientando os objetivos que as professoras esperavam que fossem alcançados pelos alunos: “a) escrever claro, legível; b) escrever com rapidez, com velocidade, não desprezando a boa disposição e correção dos trabalhos” (MARQUES, 1934, p. 10). Para isso, ressalta que se fez necessário observar escritas, ver escrever, e passa a apresentar a experimentação com caligrafia muscular desenvolvida por ela em conjunto com professoras da instituição. Boa parte do que Orminda Marques apresenta sobre a experiência foi, mais tarde, inserido no livro *A escrita na escola primária*, que é minuciosamente apresentado nas páginas seguintes. No entanto, importa mencionar que já nesta publicação a autora demonstra sua adesão ao movimento da Escola Nova, por exemplo quando enfatiza a importância da motivação no ensino:

De modo que a todos os exercícios de caligrafia é indispensável a repetição, o treino, mas, como em qualquer outra aprendizagem, a repetição *com interesse*. Só ao professor cabe a responsabilidade do saber interessar o aluno. Aos exercícios de classe, deve ele saber dar o interesse de um verdadeiro jogo ou desporto [...]. [grifo da autora] (MARQUES, 1934, p. 16)

Com base nestes argumentos, a autora propõe atividades de jogo, música, produção de cartazes, pois defende que “se aprende, fazendo com necessidade” (MARQUES, 1934, p. 18). Orminda finaliza este item apresentando as medidas de qualidade e de velocidade da escrita, destinadas a verificar os progressos dos alunos.

Por fim, a autora assinala os resultados da experimentação, obtidos a partir de inquéritos junto a professores da Escola Primária do Instituto de Educação e de outras instituições, bem como a partir de trabalhos realizados por alunos. Neste sentido, Lopes (2005) ressalta um importante dado com relação à repercussão das proposições de Orminda:

Submetida à apreciação das professoras da rede escolar do Distrito Federal, a proposta da caligrafia muscular não foi bem aceita, levando em conta que das 83 professoras consultadas,

apenas 9,64% declararam que seus alunos melhoraram em clareza e objetividade, após oito meses letivos de treino. Cerca de 78,32% declararam preferir o tipo vertical porque é mais fácil de ensinar, embora a pesquisadora revele que destas, cerca de 70% utilizavam habitualmente a letra inclinada. (p. 58)

Orminda conclui o artigo publicado em 1934 afirmando que os resultados das observações apontavam para a necessidade de cuidado com o ensino da escrita e salientando que o número de observações era insuficiente para apontar conclusões definitivas como, por exemplo, qual o melhor tipo de escrita a ser adotado nas escolas primárias.

Já na publicação de 1936, Orminda destaca que são apresentados resultados da continuidade da experiência dos anos de 1934 e 1935. O texto é menor que o publicado no primeiro número, considerando que não é retomada a discussão sobre caligrafia e ensino da escrita no período em questão e nas escolas do Distrito Federal. Desta maneira, é apresentada, somente, a experimentação nestes anos complementares, com ênfase nos progressos em relação à qualidade e velocidade da escrita.

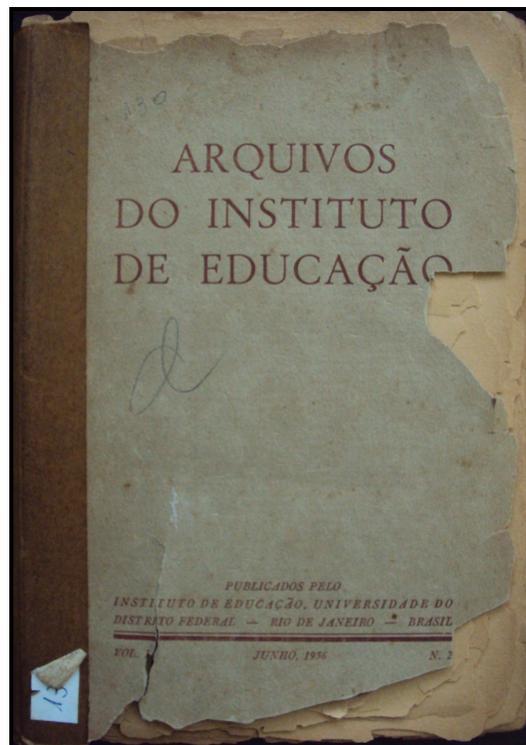


Figura 2: Capa do periódico Arquivos do Instituto de Educação – v. 1, n. 2 (1936).

A partir da experimentação desenvolvida nos três anos, de 1933, 1934 e 1935, a autora, que se refere ao grupo de professores que a auxiliou na pesquisa, afirma já se sentirem autorizados a formular algumas conclusões, a saber:

- 1) O ensino da escrita pode e deve ser considerado, na escola primária, como um problema de educação;
- 2) O ensino da escrita precisa de sistematização educativa, isto é, de graduação, seriação e sentido funcional;
- 3) A aprendizagem da escrita, baseada de início na imitação, pode e deve, já nessa fase, ter adaptação funcional, isto é, deve despertar e manter o interesse natural da criança que começa a escrever;
- 4) Porque, baseada de início, na imitação, a escrita escolar deve partir de um tipo de letra preestabelecido; o modelo ou alfabeto escolhido não deverá ser considerado, porém, como tipo rígido e absoluto;
- 5) A sistematização educativa da escrita depende mais dos processos e de sua motivação que da adoção de um tipo de letra;
- 6) De todos os processos geralmente conhecidos, o denominado sistema muscular, que tem por base o ritmo, é o que parece atender de modo mais completo às exigências dos objetivos atuais da escrita;
- 7) Esse sistema admite perfeitas condições de higiene e eficiência do trabalho, como permite também que cada indivíduo chegue a um tipo pessoal de escrita, naturalmente adaptado ao seu ritmo próprio;
- 8) A escrita cursiva, inclinada para a direita – ligada, simples, sem talhe – é a mais natural, mais legível, de execução mais rápida, e que maiores possibilidades de variação individual permite, dentro de boas normas de escrita socializada;
- 9) Os princípios gerais da psicologia da aprendizagem e da fisiologia do trabalho muscular podem e devem ser adaptados ao ensino da escrita, e o sistema muscular está fundamentalmente baseado neles.

(MARQUES, 1936a, p. 237)

É possível mencionar algumas considerações a partir do excerto, tais como: o importante estatuto que o ensino da escrita assume, ou seja, há uma desnaturalização deste ensino que não pode ser feito de qualquer forma, e por esse motivo, exige sistematização educativa; a eficiência do trabalho como uma preocupação característica da época, já que a escola deveria acompanhar as mudanças na sociedade; a possibilidade de variação individual na escrita, que aponta para a noção de indivíduo do liberalismo, que fundamenta o movimento da Escola Nova; a apropriação dos saberes médicos na educação por meio do estreitamento da relação entre o pensamento científico e a prática pedagógica.

Assim, é com base nessas conclusões que o livro *A escrita na escola primária* é organizado e publicado por Ormindia Marques, também no ano de 1936, desenvolvendo e ampliando a discussão proposta nas duas publicações que o antecederam. Seu intuito:

sistematizar e divulgar a experiência, possibilitando a formação de professores no âmbito do ensino da escrita.

2.2.2 *A escrita na escola primária*

Com a finalidade de divulgação dos preceitos da educação renovada, o livro *A escrita na escola primária* foi publicado pela primeira vez em 1936, com uma segunda edição em 1950. Integrou a coleção *Bibliotheca de Educação*, organizada por M. B. Lourenço Filho, grande incentivador do trabalho de Orminda.

O livro teve sua origem em um estudo desenvolvido com o auxílio de discentes e docentes, além do próprio diretor do Instituto de Educação do Distrito Federal, o Prof. Lourenço Filho²¹.

A apresentação tipográfica do livro é caracterizada como encadernação em brochura de formato pequeno, medindo 14cm x 19cm, e com 176 páginas²². A capa apresenta, inicialmente, o nome da autora e logo abaixo o título da obra. Em seguida, junto ao nome da editora *Melhoramentos*, a respectiva marca tipográfica, descrita por Monarcha como:

um círculo ornamentado por três estrelas e encimado por uma cruz sobre a qual se apóia uma ave. Algo críptica, essa simbologia representa a terra de Santa Cruz iluminada pelo Cruzeiro do Sul e pela ave da sabedoria: o corvo, segundo o lendário germânico. Finalmente, a marca tipográfica é circundada por uma divisa em latim: *Praeceptorum ineptis discruciantur ingenia puerorum*. (1997, p. 41)

Ao final da capa localiza-se o nome da coleção: *Bibliotheca de Educação*; seguida pelo número do volume em algarismos romanos: XXVI. Na folha de rosto, juntamente com o nome da coleção, no topo da página, tem destaque o nome do seu organizador: Dr. Lourenço Filho. Além disso, a folha de rosto apresenta ainda informações referentes à Orminda Marques, autora da

²¹ Dado curioso apontado por Carlos Monarcha (1997) a partir das obras anunciadas nos livros da coleção e no catálogo *O que é Bibliotheca de Educação*, é que algumas destas obras não foram publicadas, dentre elas *Como ensinar calligraphia*, de autoria de Orminda Marques.

²² Tive acesso a um exemplar da segunda edição da obra, de 1950, que contém 169 páginas e, diferente do exemplar da primeira edição, apresenta o índice no início, antes do prefácio. Outras diferenças com relação à apresentação tipográfica não podem ser destacadas com precisão, pois o exemplar manuseado da segunda edição é uma reprodução. No entanto, a partir da leitura do texto, é possível inferir que seu formato é maior quanto ao tamanho, o que explica a diferença no número de páginas.

obra: Diretora da Escola Primária do Instituto de Educação, Distrito Federal – Assistente de Prática de Ensino na Escola de Educação, do mesmo Instituto. A contracapa contém uma listagem de títulos já publicados e a serem publicados pela *Bibliotheca de Educação* com seus respectivos preços – como indicado na contracapa, o preço do livro *A escrita na escola primária* era de 10\$000. Importa destacar, ainda, que a tiragem da primeira edição, de acordo com levantamento realizado por Monarcha (1997, p. 53), foi de 3.000 exemplares.

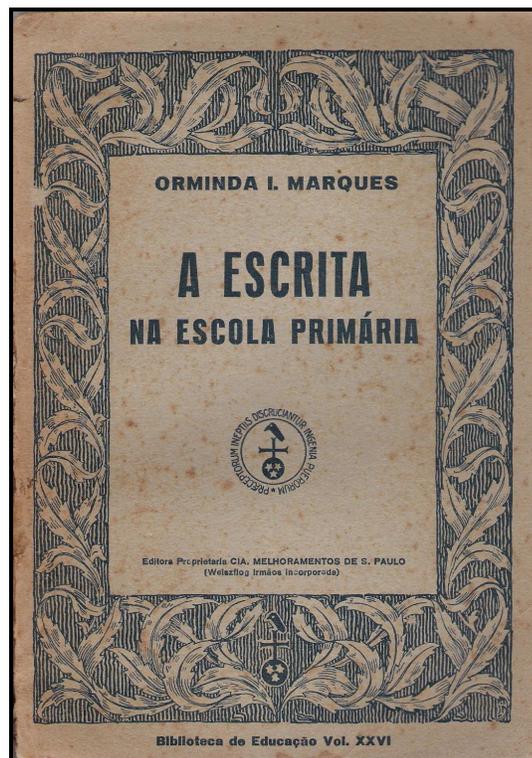


Figura 3: Capa do livro *A escrita na escola primária*, de Orminda Marques (1936).

A obra conta com um prefácio escrito por Lourenço Filho intitulado *A escrita e a escola renovada*, no qual ele apresenta uma breve explanação da mudança de concepção do ensino da escrita a partir do escolanovismo e, em seguida, destaca o trabalho desenvolvido por Orminda Marques na elaboração do livro, que teve por base esses novos preceitos para a educação. Sobre isso, Lourenço Filho (1936, p. 5) ainda afirma que a autora tinha uma “grande vantagem sobre outros estudiosos do assunto: a de não ser calígrafa... Sua atenção por isso mesmo, não esteve dirigida tão somente para o produto da aprendizagem, mas para o aprendiz, para a criança”. O

educador demonstra, assim, sua convicção nos postulados do escolanovismo, em especial na centralidade da criança no ensino.

Com apenas duas páginas, a seção seguinte da primeira edição foi intitulada Advertência, na qual a autora apresenta brevemente o estudo e agradece àqueles que contribuíram para o seu desenvolvimento, seja através da experimentação e da aplicação do método no ensino da escrita, seja através da revisão e da composição de músicas para os exercícios, ou ainda, como é o caso do Prof. Lourenço Filho, através da orientação do trabalho. Já na Apresentação destacam-se os seguintes dados: o período de três anos de experimentação no Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ), a fundamentação em outros estudos sobre o ensino da escrita e a sistematização de um plano para este ensino na escola primária.

A obra é composta por cinco capítulos, cada um com seus subcapítulos, a saber:

Capítulo I – A escrita na escola primária

1. A escrita na escola de nossos dias
2. Papel das técnicas fundamentais. Importância da boa escrita
3. A aprendizagem e seus princípios básicos
4. Adaptação dos princípios da aprendizagem ao ensino da escrita.

Capítulo II – A escrita e seu desenvolvimento

1. Histórico da escrita
2. Histórico do ensino da escrita
3. Os processos para o ensino da escrita

Capítulo III – Uma experimentação com o ensino da escrita muscular

1. A caligrafia nas escolas do Distrito Federal
2. O problema na Escola Primária do Instituto de Educação
3. Os primeiros ensaios da experimentação

Capítulo IV – Desenvolvimento de um programa

Considerações gerais

- 1º ano
- 2º ano
- 3º ano
- 4º e 5º anos

Capítulo V – Verificação do rendimento do ensino

1. Necessidade de avaliação objetiva
2. Medida da qualidade
3. Medida da velocidade
4. Medida conjunta da qualidade e da velocidade
5. Como utilizar a medida no trabalho diário da escola.

Pode-se observar, neste sumário da obra, que a autora inicia o texto situando seu objeto de atenção, a escrita na escola primária, e, em seguida, recuperar a história da escrita e de seu ensino. Em continuidade, aborda a experimentação conduzida por ela na Escola Primária do Instituto de Educação, contextualizando o problema de pesquisa e seus experimentos propriamente ditos. Em seguida, apresenta o programa desenvolvido nessa escola primária, com os objetivos e as propostas para cada ano escolar. Por fim, indica os meios de verificar o rendimento do ensino da escrita. Trata-se, portanto, de uma rica obra para estudo das concepções acerca do ensino da escrita até esse período de transição que viveu a escola, no Brasil, nos anos 30.

Segundo a autora (MARQUES, 1936b), neste momento da chegada da modernidade à sociedade, havia alguns aspectos que, tanto na escola primária quanto na vida social, contribuíssem para a restrição do tempo e da atenção devida ao problema da escrita. Primeiramente, a falta de tempo na vida social e o surgimento de novos meios mecânicos de escrita, características da modernidade e do progresso da humanidade. Estes, impossibilitavam o exercício da caligrafia, afastando as crianças da prática da boa letra. Além disso, somava-se a mudança da função da escola primária, que deixara de ser um lugar onde se ensinava a ler, escrever e contar e passara a ser um centro de cultura e socialização, também contribuindo para a redução do exercício repetitivo da escrita, pois havia muito mais que ensinar. Considerava ainda o rápido aumento da população e a falta de prédios escolares, levando a que o dia escolar fosse reduzido a três horas e as escolas passassem a funcionar em até três turnos.

Outra preocupação de Ormindá era a exigência profissional de uma boa letra, em especial no magistério, pois ensinar a escrever deveria basear-se na imitação e, por isso, o professor tinha um grande valor nesse ensino, já que servia como exemplo para seus alunos. A autora faz referência a observações feitas na *Seção de Prática de Ensino* da Escola de Educação do Instituto de Educação da Universidade do Distrito Federal (RJ) onde atuava. Tais observações “levaram a direção dessa escola a oferecer um curso de escrita aos professorandos de 1934 e 1935”. Afirma

que “não lhes ficaram dúvidas de que o problema da escrita é um dos problemas de aperfeiçoamento, que o professorando deve dominar, para chegar a ser um professor primário eficiente” (MARQUES, 1936b, p. 14).

Vale ressaltar que nesta obra a autora compara a escola tradicional, que trabalhava a leitura, a escrita e o cálculo sem sentido para a criança, com a escola nova, que priorizava o caráter funcional dessas habilidades. A partir dos ideais escolanovistas, há a mudança dos objetivos do ensino da caligrafia, pois “exige-se da escola, para uma vida mais moderna, escrita também mais moderna” (MARQUESb, 1936, p.18). Concebia essa escrita moderna como escrita clara, legível e feita rapidamente. A autora ainda contrasta esses dois momentos do ensino da escrita ao afirmar que, antes, para aprender, bastava repetir, ao passo que no momento em que ela se encontrava refletindo sobre o ensino da escrita, eram cruciais a motivação e o aproveitamento dos interesses naturais das crianças, através do jogo, da definição de objetivos e de projetos de trabalho. Para a autora, “a motivação, isto é, a colocação do aprendiz em situação de desejar a própria atividade de aprender é da maior importância” (MARQUES, 1936b, p. 22), tal como está propugnado nos pressupostos da Escola Ativa.

A partir de seus experimentos no Instituto de Educação do Distrito Federal, a diretora Ormindia Marques apresenta a *caligrafia muscular* como o processo que parece atender de modo mais completo às exigências dos objetivos por ela definidos para a aprendizagem da escrita, admitindo perfeitas condições de higiene e eficiência do trabalho e permitindo um tipo pessoal de escrita. Em sua perspectiva, tal processo, baseado nos princípios gerais da psicologia da aprendizagem e da fisiologia do trabalho muscular, tinha relação direta com o ritmo. Importa destacar que, como referido por Ormindia Marques,

Caligrafia parecida já fora ensaiada antes da *caligrafia muscular*, na maioria das escolas americanas, [...] e em São Paulo, através do trabalho adaptado por Horácio M. Lane (American Book Company – New York – ‘Novo Sistema de Caligrafia’, 1894). Ainda em São Paulo, 1926, por iniciativa do professor Alfred Anderson, deão do curso comercial do Mackenzie College, é experimentada a caligrafia muscular, segundo a seriação de Lister. (1936b, p. 63-64)

Entretanto, o trabalho de Ormindia Marques obteve maior destaque, pois além de pôr em discussão a técnica de escrita mais adequada, preocupou-se com a alfabetização das massas, incorporando princípios da Escola Nova. Nas palavras da autora,

Escola renovada não significa abandono das técnicas fundamentais da escola primária, e a escrita tem nela uma importância que nunca será demais salientar, tanto em relação ao valor estético, hábitos de ordem e asseio e educação social, como também em relação à disciplina mental [...]. (MARQUES, 1936b, p. 81)

Orminda, para além da defesa da escrita caligráfica, desenvolve um programa para o seu ensino com orientações para cada ano, exemplos de exercícios e sugestões de atividades, elaborado com base na seriação dos exercícios proposta pelo modelo de Lister²³, que tinha por objetivo desenvolver a inclinação, espessura e leveza das linhas, além da preocupação em fazer com que o principiante praticasse determinados exercícios preparatórios antes de iniciar propriamente a escrita. Entretanto, em seu programa, Orminda destaca que utiliza o alfabeto de Palmer²⁴ por considerá-lo mais simples e mais natural. Para o desenvolvimento do programa que apresenta, defende, como mencionado anteriormente, a funcionalidade da escrita, ou seja, as propostas deveriam ter uma finalidade significativa para as crianças como forma de motivá-las, reforçando a oposição da escola nova à escola tradicional, sendo esta última frequentemente associada à caligrafia de repetição.

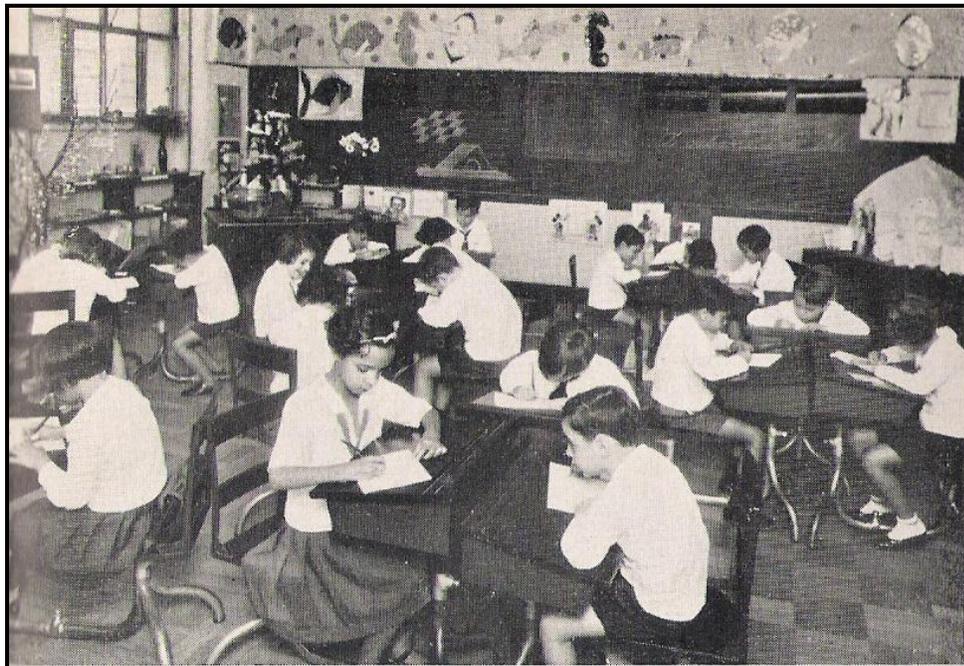
Desse modo, segundo Orminda, os exercícios de caligrafia não seriam mais vistos pelos alunos como atividades monótonas, pois deveria existir uma relação entre o interesse da criança e o prazer da escrita, ainda que utilizando a imitação. Entretanto, a autora não deixou de preocupar-se com a posição das crianças para a escrita, expressa nas imagens abaixo, inseridas em sua obra já na primeira edição. Nestas imagens, notam-se, ainda, alguns dos princípios da Escola Nova postos em uso: as crianças sentadas em grupo, os ricos materiais expostos em sala de aula (quadros, cartazes e trabalhos de alunos/as), as atividades no quadro e a presença de uma mini-biblioteca.

²³ “Lister desenvolveu o sistema de caligrafia muscular a partir de sua experiência como professor da Escola Normal do Brooklin, Nova Iorque. Visando aperfeiçoar a escrita, Lister elaborou uma seriação de exercícios, composta de cinco traçados: a) linhas inclinadas, muito juntas, tomando duas pautas do papel comum, contando-se 1.2, 1.2, ...; b) ovais, na mesma inclinação do exercício anterior, primeiramente da esquerda para a direita, depois da direita para a esquerda; c) ovais, em série de seis ou oito; d) curvas; e) alças. Os exercícios tinham por finalidade desenvolver inclinação, espessura e leveza das linhas. Depois de otimizada a técnica motriz, aprendiam os alunos e alunas a fazer letras isoladas e, finalmente, ligações.” (VIDAL, 1998, p. 3).

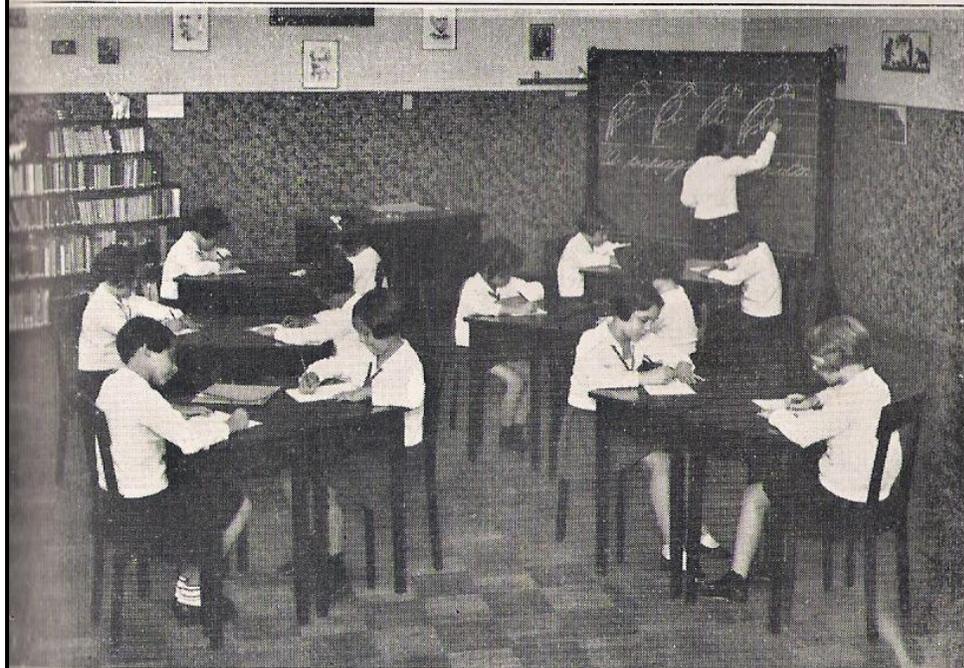
²⁴ Segundo Stephanou e Bastos, *O Método Palmer de Caligrafia Comercial*, desenvolvido em 1888 e patenteado em 1894, consiste em uma “série de lições fáceis de escrita corrida por movimento muscular, com letra cursiva, simples e sem sombra, para uso das Escolas públicas ou particulares que requerem um método de escrita corrente bem clara [...]” (PALMER, s/d *apud* STEPHANOU; BASTOS, 2008, p. 7).



Figura 4: Boa posição para a escrita (MARQUES, 1936b, s.p.).



Alunos da Escola Primária do Instituto de Educação (1.º ano), primeiros ensaios de escrita. Notem-se os defeitos de posição.



Alunos da Escola Primária do Instituto de Educação, em aula de escrita. A posição tende a normalizar-se.

Figura 5: Adequação da posição para a escrita (MARQUES, 1936b, s.p.).

Orminda Marques inclui em seu livro, como referido anteriormente, um programa para o ensino da escrita, acompanhado de orientações para cada ano, exemplos de exercícios e sugestões de atividades. Para o primeiro dos cinco anos em que o aprendizado da escrita se efetivaria, a educadora propunha que a escrita deveria se desenvolver através da simples imitação, não sendo desligada da leitura. Além disso, destacava a importância dos exercícios preparatórios para a escrita como forma de aprimorar a coordenação motora. Um exemplo encontra-se abaixo.

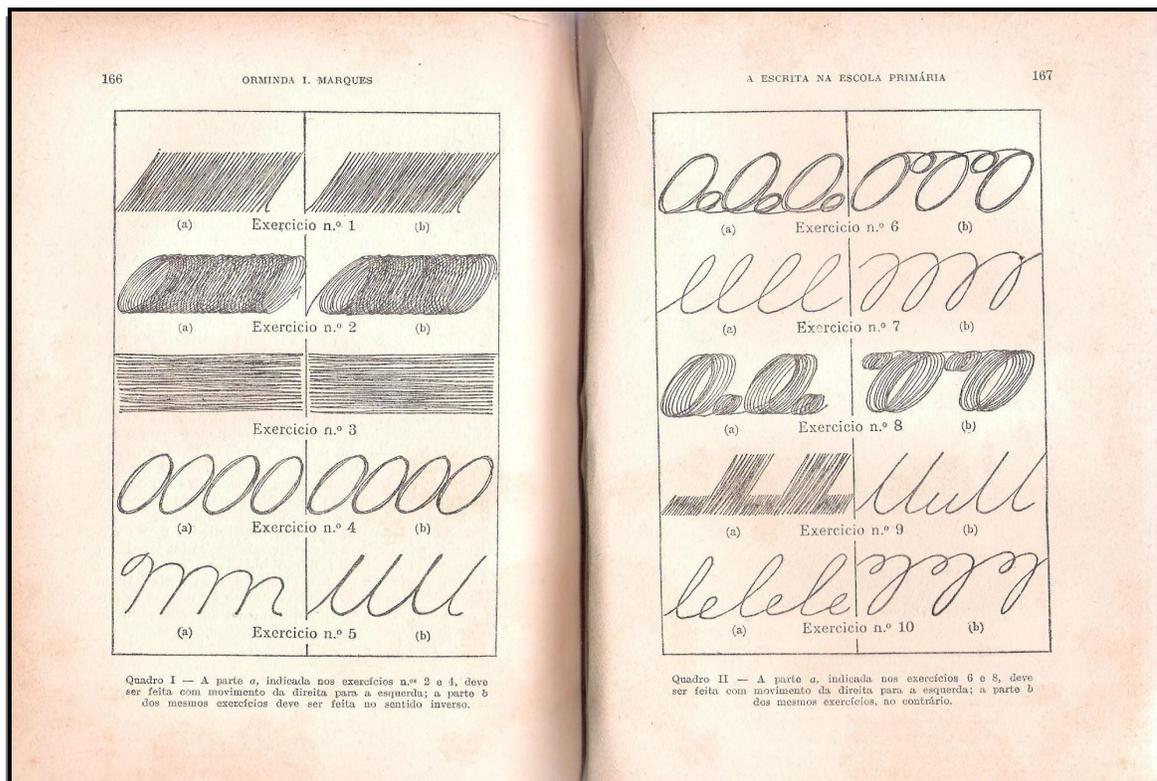


Figura 6: Exercícios preparatórios (MARQUES, 1936b, p. 166-167).

O tipo de exercício utilizado para o treino da habilidade motora, que se mantinha até o terceiro ano, levava à construção de desenhos simples, bastante próximos do universo infantil, como o traçado de barcos, coelhos, peixes, gatos, etc. Uma técnica para a realização de tais exercícios era a utilização de canções, palmas e contagem para marcar o ritmo da escrita, de acordo com os interesses e necessidades de cada ano. Segundo Braga (2008b), Orminda recomendava esta prática porque acreditava que “a música contribuiria para que a criança incorporasse o ritmo do pulso e, pela repetição do ritmo, ela chegaria ao automatismo, ao

controle do movimento e, conseqüentemente, à velocidade” (p.143). Como exemplo da atividade descrita, segue-se um desenho sugerido no livro de Ormindá, acompanhado de uma música:

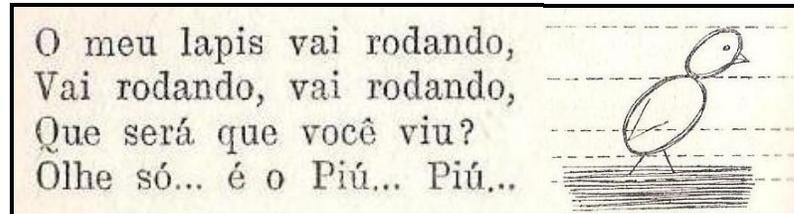


Figura 7: Exercício para o 1º ano (MARQUES, 1936b, p. 100).

Vale ressaltar o papel do jogo e das brincadeiras nas atividades, pois somente com a motivação dos alunos haveria êxito na aprendizagem, ou seja, na medida em que as crianças demonstrassem interesse pelas tarefas de escrita e percebessem sua utilidade para a vida, aprenderiam mais.

Ao final do primeiro ano, a criança iniciava a formação das letras, ainda sem preocupação com a perfeição absoluta. Nesse momento, as letras deveriam ser divididas em grupos, para estudo de acordo com sua forma e traçado, como apresentado na figura abaixo. Segundo a autora, ainda não haveria preocupação com a velocidade, que deveria ser desenvolvida naturalmente, com a qualidade da escrita.

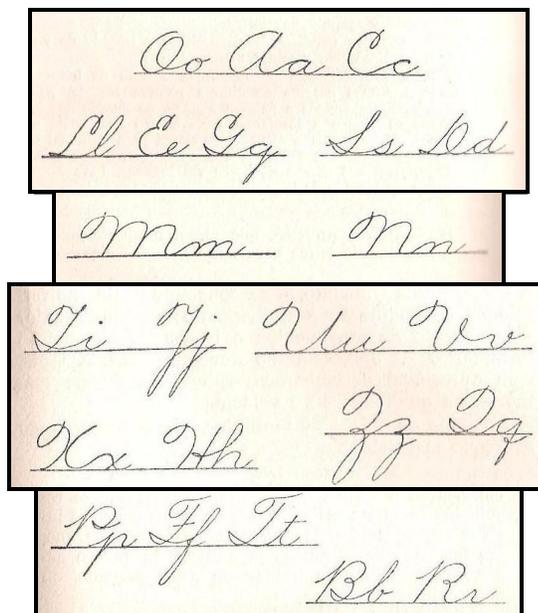


Figura 8: Grupos para iniciação do traçado das letras (MARQUES, 1936b, p. 104-105).

Ao longo do segundo ano o aluno deveria adquirir boa atitude com os trabalhos escritos no que diz respeito à sua apresentação, desenvolver letra de tamanho normal, aperfeiçoar a forma e obter uniformidade de inclinação e alinhamento, além de maior desembaraço de movimentos e leveza de traços. O exemplo abaixo consiste em um exercício proposto para o segundo ano:

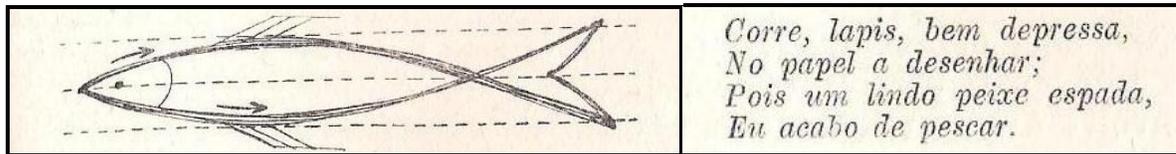


Figura 9: Exercício para o 2º ano (MARQUES, 1936b, p. 109).

No terceiro ano, assim como no segundo, a criança desenvolveria boa atitude para com os trabalhos escritos, complementar, assim, seu estágio de desenvolvimento em relação à forma fundamental das letras no que diz respeito à regularidade em tamanho, inclinação e alinhamento, desenvolvendo posição adequada do corpo, da caneta e da inclinação do papel. A partir da segunda fase deste período era recomendado o uso da pena. Além disso, o aluno deveria habituar-se às boas normas de apresentação do trabalho escrito com relação às margens, parágrafos e cabeçalho. O aluno também deveria escrever com desembaraço e leveza de traços. A seguir, exemplo de exercício sugerido pela autora para o terceiro ano:

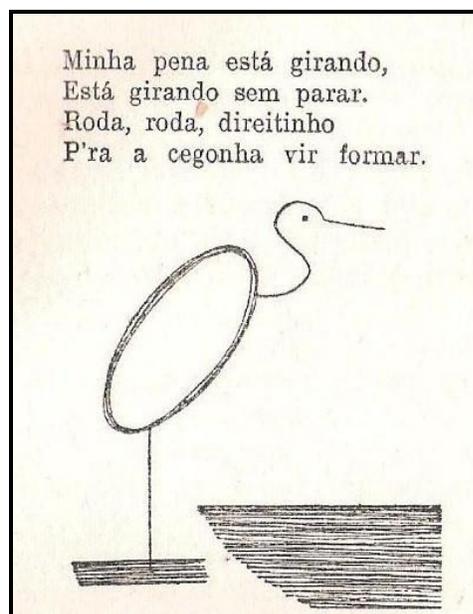


Figura 10: Exercício para o 3º ano (MARQUES, 1936b, p. 118).

No quarto e no quinto ano, a técnica deveria alcançar o mais alto nível de aperfeiçoamento possível, obtendo maior leveza e velocidade da escrita, sem prejuízo das qualidades já obtidas, em especial a legibilidade, tendo maior controle, eficiência e economia de movimentos. Somente após percorrer esses momentos, o aluno poderia dar ao traçado um estilo pessoal, característica valorizada por Ormindia e proporcionada pela metodologia do sistema muscular, uma vez que o processo de aquisição da escrita não se limitava à imitação de um modelo específico. Importa destacar que a autora propunha em sua obra também atividades dinâmicas e coletivas de elaboração de convites, cartazes e dramatizações, como a exemplificada abaixo:

<p>PLANO PARA UMA DRAMATIZAÇÃO A SER DESENVOLVIDO PELOS ALUNOS DE 4.º OU DE 5.º ANO.</p> <p>Tema — «À caligrafia em nossa escola».</p> <p>1.ª cena — À saída da escola, alunos de diversas turmas conversam. A aluna A, do 2.º ano, diz estar muito triste por ter naquele dia alcançado apenas grau 20, em escrita. Outros, mais alegres, dizem ter alcançado 40, 50... Acercando-se da aluna A, uma das colegas do 5.º ano pergunta-lhe se ela não pratica os exercícios em casa. A responde-lhe que não, que só trabalha em classe. Esta aluna do 5.º ano convence A de que aquele resultado provém da falta de exercícios, e que ela, embora no 5.º ano costuma treinar em casa. Despedem-se ruidosas.</p> <p>2.ª cena — A aluna A aparece estudando em casa. Sentada junto a uma mesinha, cantando, treina um dos exercícios que já fez na escola. Critica os resultados que vai obtendo. Mostra-se mais satisfeita. Sente-se cansada. Adormece. Sonha.</p> <p>3.ª cena — (Dansa) Aparecem em cena letras mal traçadas, representadas por crianças que trazem às costas, ao peito ou nas mãos, cartazes com letras, sem proporção, irregulares na inclinação, umas voltadas para a esquerda, outras quase verticais. A dança é mal ritmada, como se reproduzisse a falta de ritmo de quem escreve mal.</p> <p>4.ª cena — Aparece a aluna A na classe; toda turma em aula de caligrafia. Depois que a professora dá a aula, a aluna A, muito satisfeita, chama sua atenção para o resultado que acaba de obter. Aluna e professora vão à «escala», e julgam o trabalho. A aluna lembra a nota da véspera. Conta-lhe o sonho e diz que ela desejaria naquela noite ter um outro sonho... Apona e diz: «Como aquele...»</p> <p>5.ª cena — Entram crianças, trazendo cartazes com letras perfeitamente desenhadas.</p> <p>(Convem que os pequenos cartazes sejam em papel preto, tendo as letras desenhadas a giz ou a tinta branca).</p>	 <p>Escola Primária do Instituto de Educação — Dramatização composta pelos próprios alunos, a propósito dos exercícios de escrita. (Cena III).</p> <p>Outro aspecto da dramatização acima referida. Os alunos exprimem por uma dança, em ritmo certo, a compreensão dos exercícios em que tomaram parte. (Cena V).</p>
--	---

Figura 11: Plano para dramatização para o 4º e 5º ano (MARQUES, 1936b, p. 149).

No livro, Ormindia ainda reservou um capítulo para expor diferentes formas de verificar o rendimento do ensino da escrita, tais como: através da medida da qualidade, da medida da velocidade e da medida conjunta da qualidade e da velocidade. Propôs que se organizasse uma

escala provisória em cada classe, com escritas colhidas dos alunos e dispostas em ordem ascendente de qualidade, a ser exposta em uma folha de cartolina na sala de aula.

Além desse recurso, sugeria a aplicação de pequenos testes para apurar a velocidade (contar o número de letras escritas de um trecho e dividir o total por dois), a qualidade (escrever um trecho o melhor possível em tempo indeterminado e comparar com a classe) e a velocidade em combinação com a qualidade (escrever em tempo determinado tão depressa quanto possível, mas tão bem quanto possível). A educadora afirmava que, freqüentemente, havia perda da qualidade com a escrita muito rápida, mas que cada indivíduo poderia chegar a escrever bem e rápido em tipo normal e pessoal de letra. Com isso, ela reiterava sua posição de que nos anos iniciais da escola primária a preocupação dos professores deveria ser com a qualidade da escrita, devendo o educador cuidar da velocidade de forma gradativa, sendo ela conquistada plenamente quando o aluno desenvolvesse seu estilo pessoal na escrita.

É certo que não deve haver insistência em relação à rapidez da escrita, em os primeiros anos da escola primária, antes do aluno ter conquistado a formação do hábito de escrever. A rapidez no escrever deve ser moderadamente desenvolvida enquanto são firmados os fatores de que essencialmente depende sua qualidade: ritmo dos movimentos, inclinação e tamanho das letras, ligação destas e de seus elementos. A posição correta do corpo e o uso de material adequado importam também na rapidez. (MARQUES, 1936b, p. 158)

É possível constatar que o livro escrito por Ormindá Marques, a partir de minucioso estudo empírico desenvolvido pela autora junto às crianças das classes de ensino primário no Instituto de Educação do Distrito Federal, constitui um manual pedagógico para o ensino da escrita, especificamente da bela letra, no sentido moderno que assumiu frente às necessidades da sociedade em transformação. O trabalho apresenta-se fundamentado teoricamente²⁵, demonstrando atenção às preocupações da época no campo pedagógico e o engajamento da autora nesse sentido, que se deve, também, a sua atuação na formação de professores/as na Escola de Educação. Contou com a aprovação de Lourenço Filho, que elegeu este texto para integrar, como livro, a Coleção *Biblioteca de Educação*, antes referida, alçando o estudo de Ormindá como uma obra a constar dentre aquelas imprescindíveis à formação de professores, âmbito no qual a escrita apresentou-se como aprendizado imperativo da educação escolar, para

²⁵ São citados os autores: AGUAYO, DOTRENS, FREEMAN, LISTER, MONROE, dentre outros. Ormindá, em sua *advertência* ao apresentar a obra, destaca o Professor Lourenço Filho como “orientador e animador” do trabalho, de quem ela afirma ter recebido “preciosas indicações bibliográficas” (MARQUES, 1936b, p. 8).

que pudesse auxiliar na preparação de professores aptos a enfrentarem esse problema da educação que era a escrita.

2.2.3 *Escrita Brasileira*

Em decorrência dos experimentos com caligrafia muscular desenvolvidos no Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ), Ormindia Marques editou e publicou, entre os anos de 1940 e 1960, duas coleções de cadernos de caligrafia: *Brincando com o lápis* e *Escrita Brasileira*.

Na contracapa dos cadernos da coleção *Escrita Brasileira*, encontra-se a referência à primeira: “para a utilização em jardins de infância, ou em classes de adaptação de escolas primárias, compôs a autora um caderno fora da série propriamente de escrita, com exercícios de ritmo apenas figurados, sob o título *Brincando com o lápis*”. No entanto, tais cadernos não foram localizados no decorrer da pesquisa para esta dissertação. Assim, a atenção é voltada para a coleção *Escrita Brasileira*, localizada no acervo histórico da Biblioteca Setorial da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Figura 12: Capa do caderno nº 1 da coleção *Escrita Brasileira*, de Ormindia Marques (1953).

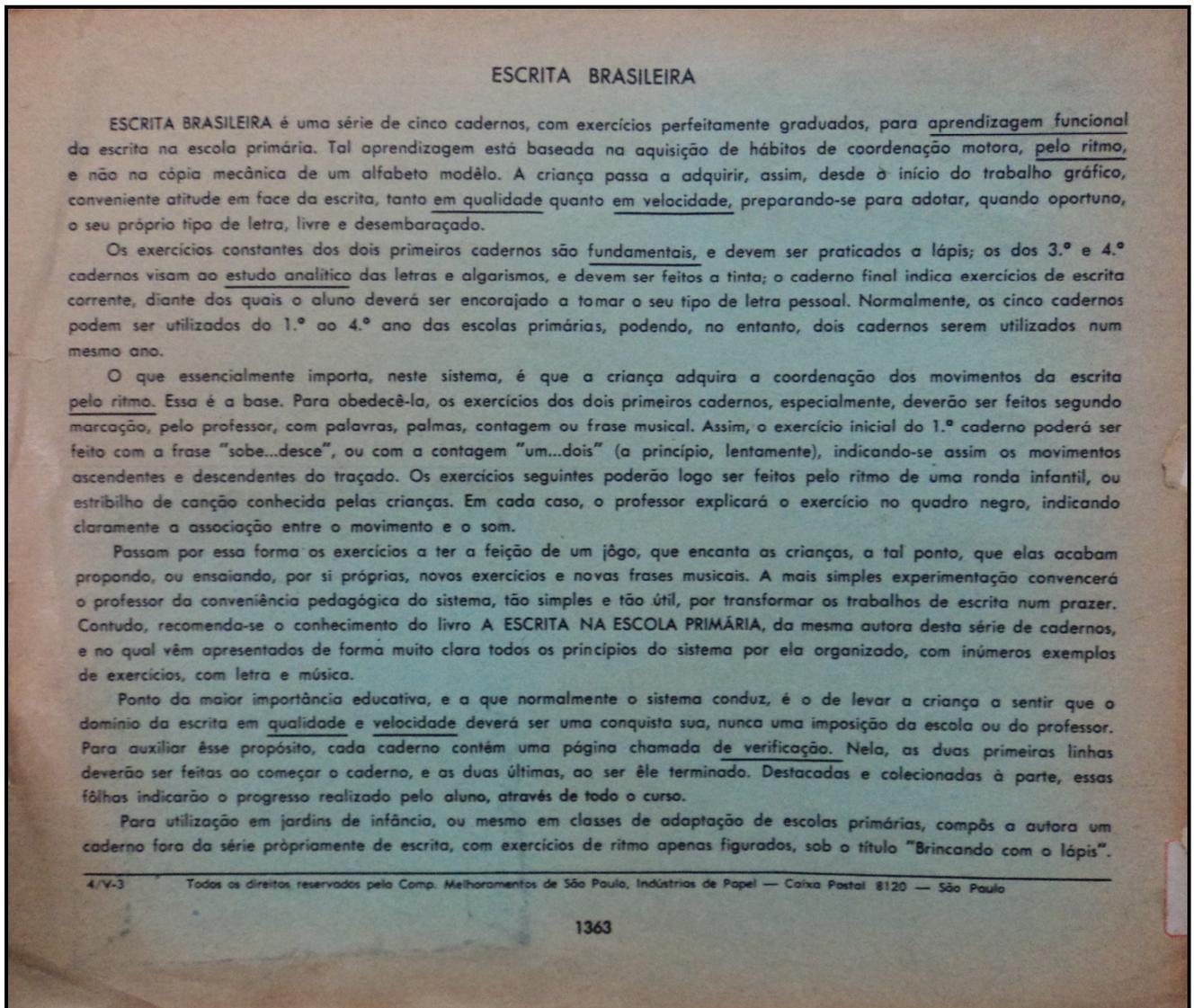


Figura 13: Contracapa do caderno nº 3 da coleção *Escrita Brasileira*, de Ormindia Marques (1953c).

A coleção, editada pela *Melhoramentos*, consiste, como está impresso nas capas dos volumes, em uma “série de cinco cadernos rigorosamente graduados”. Este dado, destacado na capa juntamente com o título da coleção e o nome da autora, indica a importância da informação, que é desenvolvida na contracapa, evidenciando a definição que Braga (2008a) propõe para a capa e a contracapa como “espaço privilegiado para a explicação pedagógica do trabalho” (p. 167). Neste sentido, é explicitado que o objetivo da coleção é a aprendizagem funcional da escrita na escola primária, enfatizando aspectos tratados no livro *A escrita na escola primária*, apresentados anteriormente, com relação ao rompimento com exercícios de cópia, priorizando atividades para a aquisição da coordenação motora através do ritmo com vistas a uma escrita de

qualidade e velocidade. Assim, os exercícios dos cadernos, indicados para estudantes do 1º ao 5º ano da escola primária, são propostos da seguinte forma:

Os exercícios constantes dos dois primeiros cadernos são fundamentais, e devem ser praticados a lápis; os dos 3º e 4º cadernos visam ao estudo analítico das letras e algarismos, e devem ser feitos a tinta; o caderno final indica exercícios de escrita corrente, diante dos quais o aluno deverá ser encorajado a tomar o seu tipo de letra pessoal. [grifos da autora] (MARQUES, 1953c, s.p.)

Além disso, ressaltando a importância do ritmo, base do sistema elaborado por Ormindá, como meio para a aquisição da coordenação dos movimentos da escrita, a autora defende a utilização de músicas, palmas e contagem, segundo marcação pelo professor, na realização dos exercícios. Segundo ela,

Passam por essa forma os exercícios a ter a feição de um jogo, que encanta as crianças, a tal ponto, que elas acabam propondo, ou ensaiando, por si próprias, novos exercícios e novas frases musicais. A mais simples experimentação convencerá o professor da conveniência pedagógica do sistema, tão simples e tão útil, por transformar os trabalhos de escrita em prazer. (MARQUES, 1953c, s.p.)

A preocupação da autora com a motivação da criança através da valorização do jogo com a intenção de tornar prazerosas as atividades, torna evidente, assim como no livro *A escrita na escola primária*, as aproximações entre o trabalho de Ormindá Marques e os preceitos do movimento da Escola Nova. Importa salientar que na contracapa dos cadernos, a autora recomenda o conhecimento do livro acima citado, pois naquele encontram-se apresentados os princípios do sistema proposto, com os já referidos exemplos de exercícios, atividades e letras de músicas.

Por fim, a autora ressalta que o “ponto da maior importância educativa, e a que normalmente o sistema conduz, é o de levar a criança a sentir que o domínio da escrita em qualidade e velocidade deverá ser uma conquista sua, nunca uma imposição da escola ou do professor” [grifos da autora] (MARQUES, 1953c, s.p.). Tal afirmação se apresenta muito próxima ao principal preceito da escola renovada: a centralidade do aluno e sua participação ativa no processo educativo. Como auxílio a esse propósito, a autora propõe um exercício de escrita na primeira página de cada caderno, chamada por ela de “página de verificação”. Nesta, é apresentada a frase “Minha terra é o Brasil”, nos dois primeiros volumes, e “Minha amada terra é

o Brasil” nos volumes seguintes. Ao final da página encontra-se o seguinte dizer: “Página de verificação: As três primeiras linhas desta página devem ser escritas ao ser começado o caderno; as três últimas ao ser ele terminado”. Segundo a autora, este exercício indicaria o progresso realizado pelo aluno ao longo do curso.

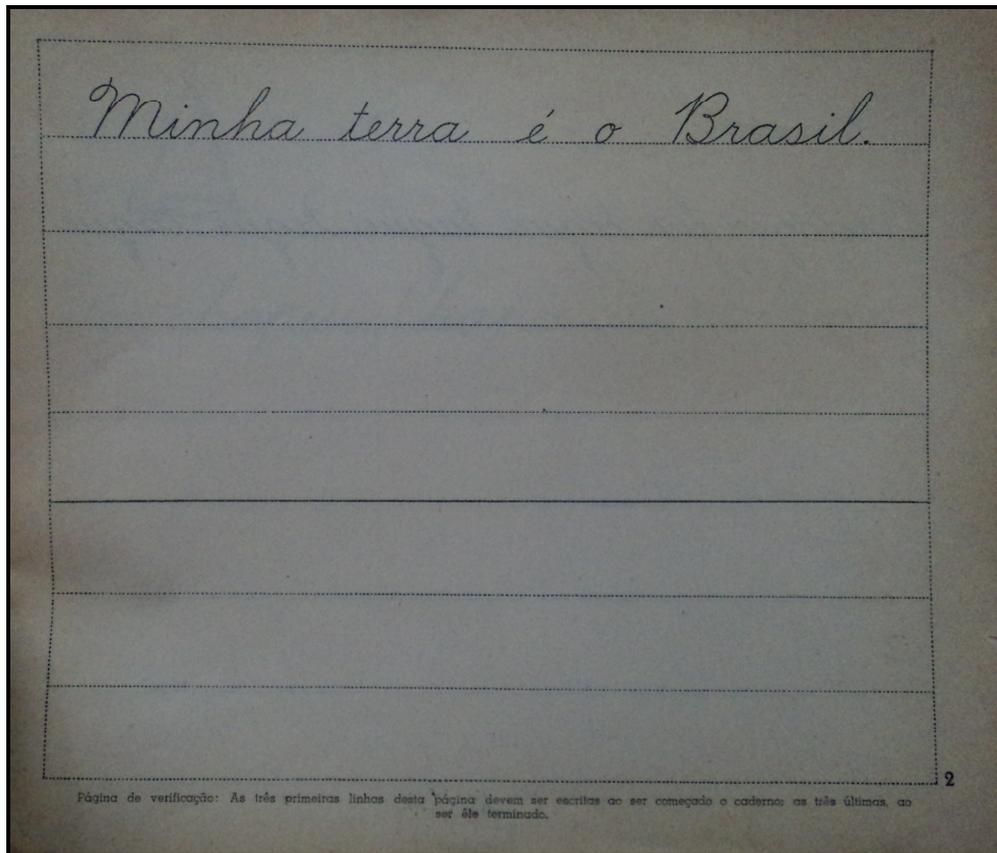


Figura 14: Página de verificação (MARQUES, 1953b, p 2).

Com relação à coleção, de modo geral, as capas dos cinco cadernos são praticamente iguais, mudando apenas o número do volume, os cadernos se alternam entre 14 e 16 páginas, se apresentam em formato paisagem e papel-jornal e, segundo Braga (2008a), cada exemplar era vendido por Cr\$ 2,00. Vale destacar ainda que, de acordo com Vidal (1998), a primeira edição da série, em 1944, teve tiragem de 11 mil exemplares e alcançou em 1952 a tiragem de 250 mil exemplares.

Para Braga (2008a), diversos fatores podem ter contribuído para esse aumento da tiragem, tais como: a indicação da Secretaria Geral de Educação e Cultura através de uma resolução intitulada *Providências sobre o ensino de caligrafia nas escolas primárias*, de 1952, para a

utilização da metodologia desenvolvida por Ormindá Marques nas escolas municipais do Distrito Federal; o problema do analfabetismo, que se mantinha como uma preocupação dos educadores; a vendagem de outras coleções de cadernos de caligrafia.

Os exercícios da série contêm atividades de escrita variadas. Considerando seu caráter de graduação, as atividades de escrita apresentadas nos cadernos têm início com a cópia de letras e palavras, passando para a cópia de frases simples, com a repetição de palavras, chegando a frases mais complexas. Os exercícios preparatórios propostos por Ormindá Marques neste o livro, aparecem nos cadernos da série *Escrita Brasileira* do primeiro ao quarto volume. Segue abaixo a reprodução de uma página do primeiro caderno:

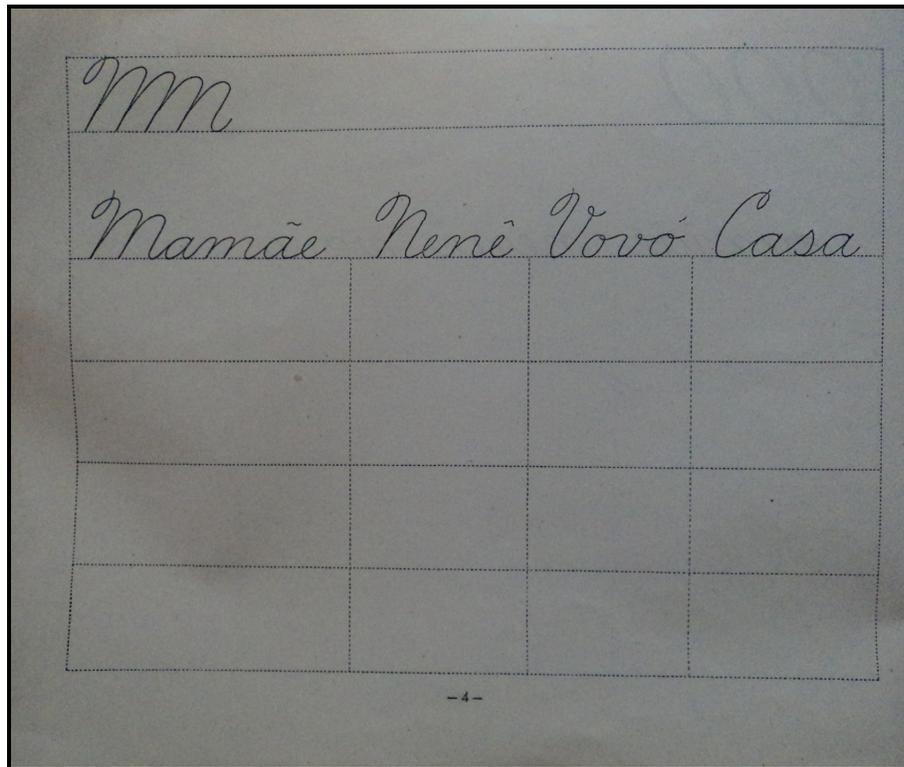


Figura 15: Exercício de escrita para o 1º ano (MARQUES, 1953a, p. 4).

Nota-se na página reproduzida acima que, além do exercício preparatório para o treino do traçado das letras “m”, “n”, “v” e “c” em maiúscula, há uma divisão das linhas em colunas, servindo como uma delimitação do espaço a ser preenchido pela palavra, ou seja, determinando o tamanho das letras e palavras a serem traçadas pelo aluno. Esta característica se mantém em todo

o primeiro caderno, inclusive na última página, que consiste no traçado de números, dispostos na forma de cálculos simples de adição e subtração.

A autora inicia o segundo caderno da série com pequenas frases que apresentam a repetição de palavras, como: *O relógio faz tique-taque, tique-taque; A bola saiu rodando, rodando.* Em seguida, os exercícios passam a se apresentar com frases simples, baseados no traçado de letras do mesmo grupo, segundo organização proposta no livro *A escrita na escola primária*, anteriormente apresentados, como se pode verificar na figura abaixo:

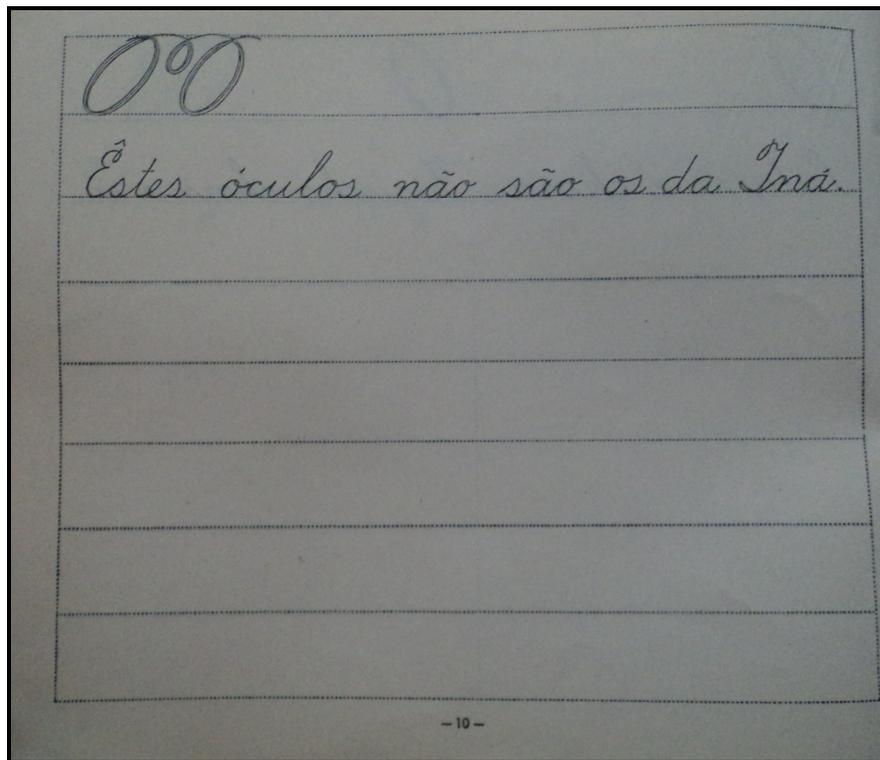


Figura 16: Exercício de escrita para o 2º ano (MARQUES, 1953b, p. 10).

Nos volumes três e quarto da série *Escrita Brasileira*, em cada página, três linhas de exercícios preparatórios demandam a repetição do traçado das letras. Supõe-se que tal prática se deve à intenção de fixar e aperfeiçoar o traçado da letra no que diz respeito à regularidade em tamanho, inclinação e alinhamento.

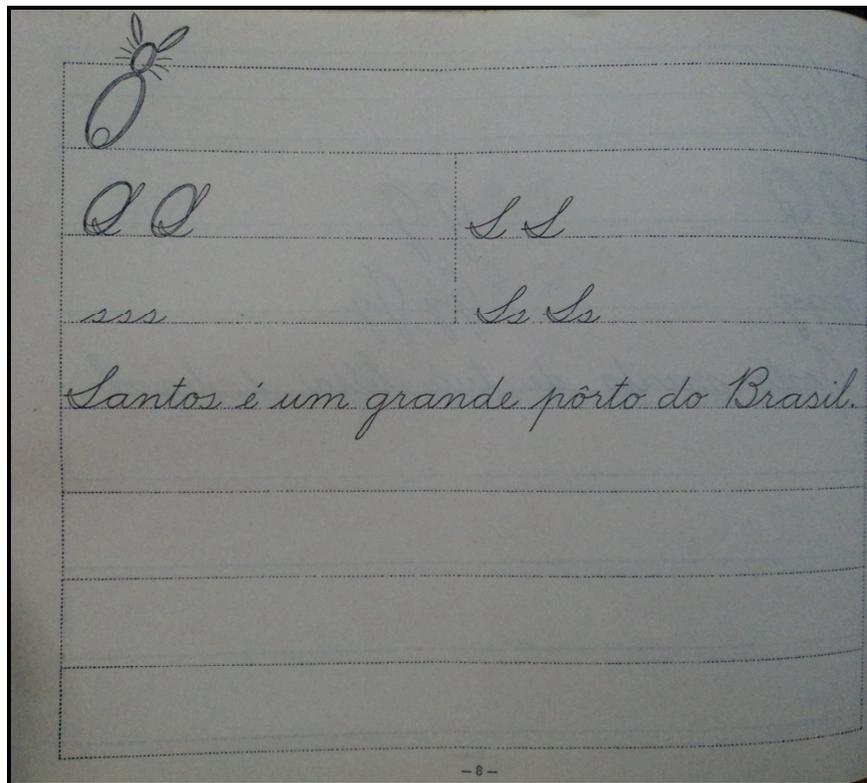


Figura 17: Exercício de escrita para o 3º ano (MARQUES, 1953c, p. 8).

É possível notar, também, a mudança do caráter das frases a serem copiadas. Se nos cadernos um e dois as frases estão relacionadas ao universo infantil, nestes cadernos elas se apresentam com um caráter marcadamente moralista e nacionalista²⁶, que expressa o ideário de uma época. Exemplos dessa afirmação são frases como: *Leia muito, mas leia bons livros; Economizemos hoje para termos amanhã; Devemos escrever legível e rápido; Ordem e Progresso – lema da nossa Bandeira; Paz no futuro e glória no passado!; Riquezas não faltam aos filhos do Brasil.* Além disso, são recorrentes frases relacionadas a aspectos históricos e geográficos do Brasil, tais como: *Cristóvão Colombo descobriu a América; Isabel, a Redentora, assinou a Lei Áurea; Belo Horizonte é a capital de Minas Gerais; A ilha Fiscal fica na baía de Guanabara.*

Ao final do quarto caderno, a autora propõe que o aluno passe sentenças apresentadas com a letra mecanográfica para sua letra corrente. Tal exercício, intitulado verificação da qualidade, aponta para a preocupação com o conhecimento e contato por parte dos educandos com

²⁶ Sobre essa questão ver artigo de Grazziotin e Gastaud (2010) no qual as autoras analisam o conjunto de trinta e duas frases apresentadas no caderno de caligrafia de uma aluna da 4ª série e as classificam em três categorias: frases cívicas, frases moralizantes e frases neutras.

diferentes tipos de letra para decodificação, desafio possível no cotidiano. Importa destacar que as sentenças a serem copiadas tratam também da preocupação com a boa letra: “Não basta procurarmos fazer nossos trabalhos certos. É preciso que nos preocupemos em apresentá-los com o melhor aspecto possível. Uma boa letra tem grande importância. Cuidemos de nossa escrita, para que possamos escrever depressa e bem” (MARQUES, 1955, p. 15). Segue abaixo reprodução da página para verificação da qualidade da escrita:

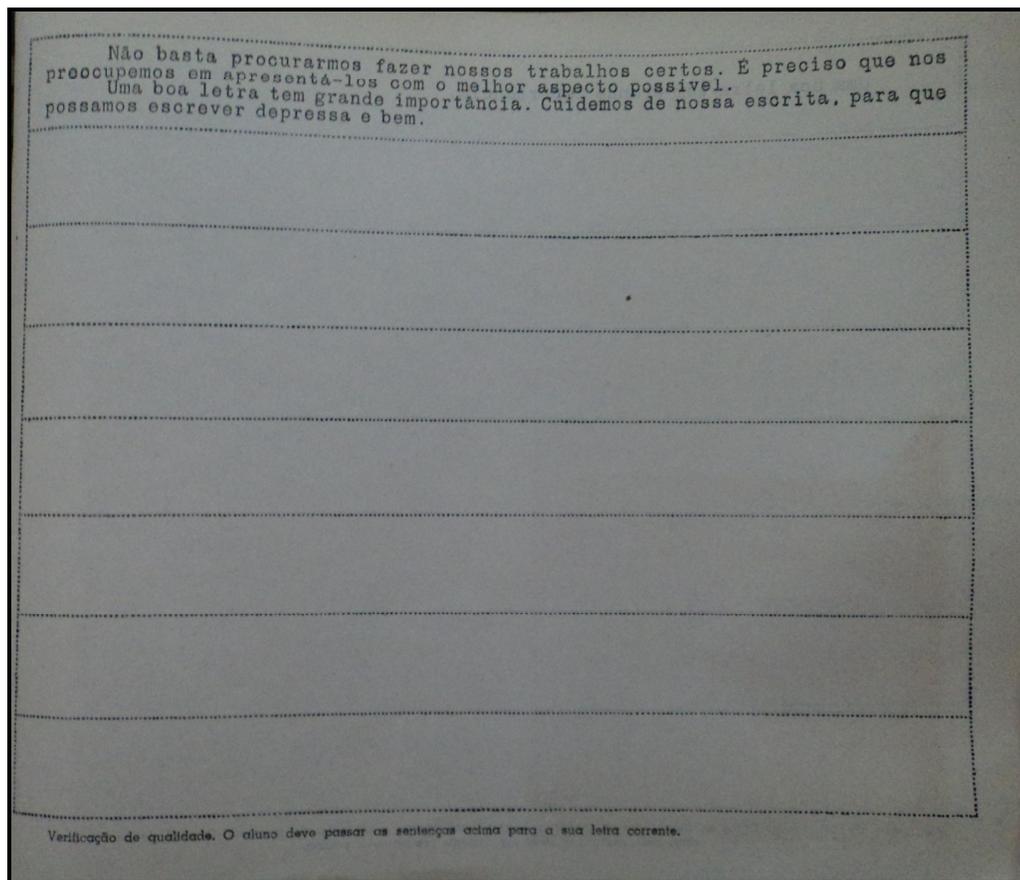


Figura 18: Exercício de escrita para o 4º ano (MARQUES, 1955, s.p.).

O quinto caderno da série apresenta em especial frases e citações para a cópia que tratam o nacionalismo e o patriotismo. São exemplos desses exercícios frases como: *Bandeira do Brasil, envolve-nos nas tuas promessas deslumbrantes!*, de Fernando Magalhães; *O Brasil espera que cada um cumpra seu dever – palavras de Almirante Barroso*. Segue abaixo a reprodução de um exercício com a finalidade de exemplificar as atividades propostas para o quinto ano:

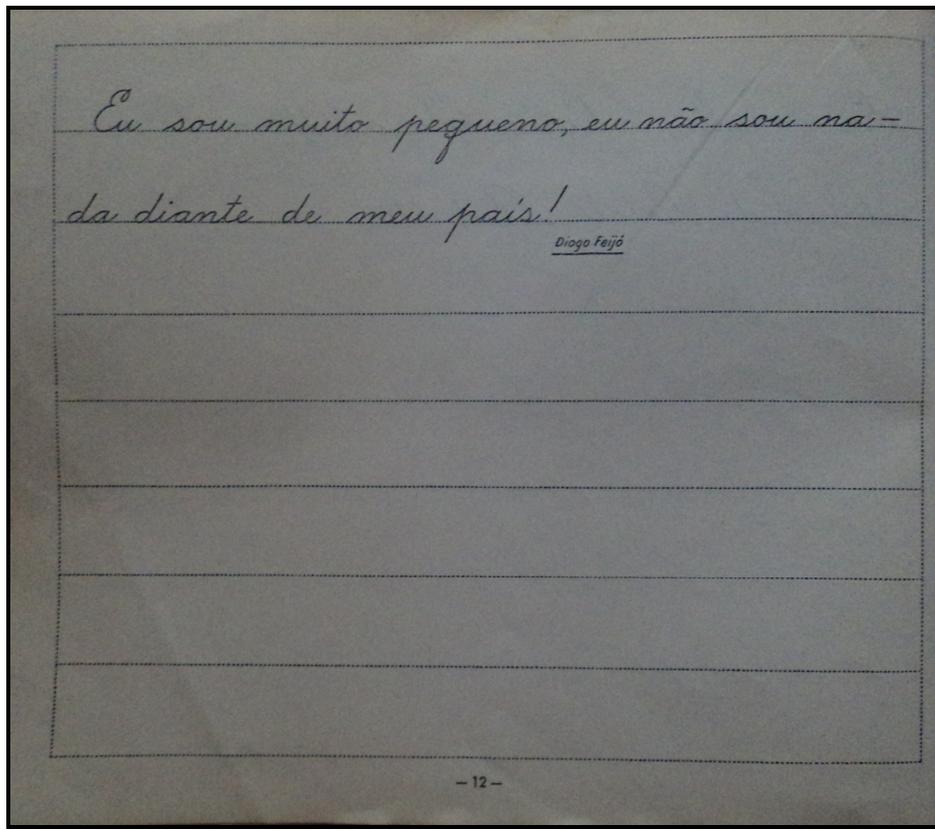


Figura 19: Exercício de escrita para o 5º ano (MARQUES, 1952, p. 12).

Segundo Braga (2008a), a análise das frases que compõem os cadernos da série *Escrita Brasileira* indica que a autora incorpora o discurso de civismo e patriotismo nos exercícios da coleção, pois desejava “não só fomentar o sentimento nacionalista, mas também corresponder ao que se esperava como contribuição da escola: construir a identidade do cidadão brasileiro” (p. 169). Desta maneira, a proposta de trabalho se mostra adequada às exigências de seu tempo, considerando-se o contexto de modernização e o papel da escola neste processo de civilizar a sociedade.

Enfim, é possível constatar que, para além da cópia pela repetição, o trabalho proposto por Orminda Marques a partir da elaboração da coleção *Escrita Brasileira*, fundamentada nos princípios pedagógicos expostos no livro *A escrita na escola primária*, apresenta aspectos diversos que contribuíram para a sua importância na história do ensino da caligrafia. A autora trata de conteúdos de diferentes disciplinas, tais como português, matemática, história e geografia, ensinados através do treino do traçado da letra.

Além disso, contribui para a valorização de sua produção o fato de esta ter sua origem em uma pesquisa científica, realizada no Instituto de Educação do Distrito Federal e divulgada em âmbito nacional através da já referida publicação *A escrita na escola primária*. A coleção representa um instrumento prático de aplicação e propagação da metodologia proposta por Ormindia Marques que possibilitaria, talvez, o desejo expresso pela autora na conclusão de sua principal obra:

A cooperação dos colegas, multiplicando esta experiência, adaptada às condições de cada local ou região, e verificada de modo objetivo, fornecerá os meios para que, de futuro, pesquisadores mais hábeis possam fixar uma escrita conveniente às nossas crianças – um tipo de escrita que possa ser chamada de *escrita brasileira*. [grifo da autora] (MARQUES, 1936, p. 165)

2.3 Considerações

A seção que aqui se encerra tratou basicamente da relação entre os preceitos do movimento da Escola Nova, em especial a partir do pensamento de Lourenço Filho, com as formulações de Ormindia Marques sobre o ensino da escrita. O movimento que revisou as finalidades da educação e dos métodos pedagógicos contribuiu para grandes mudanças na educação brasileira a partir dos anos 30 do século XX. Tais mudanças afetaram, evidentemente, o ensino da escrita nas escolas primárias, foco de atenção deste trabalho.

Preocupado com as questões educacionais que envolvem a psicologia, Lourenço Filho enfatiza a importância da motivação para a aprendizagem. A busca pelo interesse das crianças, a possibilidade de uma educação centrada no aluno e não mais no professor, são algumas das contribuições do educador. O estudo da boa escrita coordenado por Ormindia Marques no Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ) foi fundamentado nestes princípios, o que justifica a relevância de sua produção.

Em duas breves publicações no periódico *Arquivos do Instituto*, Ormindia ensaia o que viria a ser sua principal obra: *A escrita na escola primária*. Neste tão importante livro para a história do ensino da escrita no Brasil, como já defendido ao longo deste trabalho, Ormindia apresenta os resultados de sua experimentação. O livro, no entanto, não consiste apenas em um relato de experiência. A educadora trata do histórico do ensino da escrita, dos processos que o

fundamentam, aborda os diferentes tipos de escrita, de letra, de método, defendendo aquele que considera ser o mais apropriado para o ensino escolar na época. Ao apresentar propostas de exercícios e atividades que envolvessem o jogo, a brincadeira, a música para coordenar os movimentos caligráficos através do ritmo, Ormindia inovou. Assim, seu livro consiste em um observatório privilegiado para o estudo dos preceitos da Escola Nova aplicados à prática pedagógica. E Ormindia Marques foi ainda mais longe ao publicar uma coleção de cadernos de caligrafia baseada neste estudo e em suas proposições.

Pensar as publicações nos *Arquivos do Instituto* e o livro *A escrita na escola primária* como leituras destinadas aos normalistas e ao professorado já em atividade, assim como a coleção *Escrita Brasileira* como um material para aplicação prática do método nas escolas suscita reflexões sobre o circuito que envolve o impresso. Conceitos como os de produção, circulação e apropriação do impresso serão discutidos na seção seguinte, com base nos estudos de historiadores como Roger Chartier e Robert Darnton.

Considerando o contexto de produção de Ormindia Marques, abordado anteriormente, a próxima seção tratará de aspectos relacionados a sua circulação, em especial no Rio Grande do Sul, e sua apropriação por parte do público leitor.

3. Repercussões da obra de Ormindia Marques: circulação e apropriação do texto

Como afirmou-se anteriormente, as publicações impressas tiveram grande importância no contexto de divulgação dos pressupostos da Escola Nova no Brasil. Visando a formação docente, os impressos apresentavam os ideais da educação renovada aplicados às diferentes disciplinas. Sob esse aspecto, Marta Carvalho salienta que

O impresso-ferramenta projeta-se como uma maneira incisiva e direta de lidar com a prática do professor no dia-a-dia da sala de aula, transformando-a, já que pretende operar no interior do movimento mesmo de apropriação dos preceitos escolanovistas nas práticas docentes. Propõe-se como um modo de articular a leitura a uma situação “real de vida e de experiência”, pretendendo que o professor perceba no que reside, concretamente, a necessidade e a possibilidade de transformação de suas práticas. (2001, p. 84-85)

Sob esse aspecto, fica evidente a importância do impresso educacional na formação continuada e na autoformação de professores. A proliferação dessas publicações está relacionada à necessidade de possibilitar ao professorado o acesso ao conhecimento pedagógico, de forma sintetizada, com estudos atualizados e relatos de experiências. Por esse motivo, o estudo destes materiais, como proposto nesta dissertação, tem a intenção de contribuir para uma história das práticas de leitura de professores a partir da obra de Ormindia Marques.

Nesse contexto, destacam-se as publicações referentes ao ensino da linguagem que utilizam a autora como referência para tratar do ensino da escrita e da caligrafia no ensino primário. Após a apresentação, no capítulo anterior, do contexto de sua produção e das proposições contidas em sua obra, interessa tratar aqui de sua circulação e apropriação. Indício disso é a identificação de referências ao trabalho de Ormindia em impressos destinados à formação de professores. Além disso, contribui para a circulação das proposições elaboradas pela educadora, a presença destes textos que a tomam como referência em importantes publicações, como coleções pedagógicas, periódicos educacionais e comunicados de orientação ao professorado. Interessa aqui a relação entre caligrafia, ensino da escrita e a obra de Ormindia Marques, entre as décadas de 30 e 60 do século XX, especialmente no Rio Grande do Sul.

Portanto, foram selecionados para análise nesta seção: três manuais de linguagem, quatro artigos publicados na *Revista do Ensino/RS* e dois Comunicados do Centro de Orientações e Pesquisa Educacionais (CPOE/RS). Desse modo, por sua expressividade, circulação e presença junto aos professores foram tomados como objetos de atenção, na perspectiva de identificar o tema da escrita na escola. E, no decorrer da pesquisa empírica, foram selecionados aqueles artigos da *Revista do Ensino/RS* e os Comunicados do CPOE/RS, ambos instrumentos vinculados à Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, que mais explicitamente tratam das questões em jogo na dissertação. Vale lembrar que os órgãos mencionados foram responsáveis pela difusão dos preceitos escolanovistas no Estado.

Robert Darnton (2010) propõe que o livro seja visto como um meio de comunicação, inserido, portanto, em um circuito de comunicação que passa pelo escritor, editor ou livreiro, impressor, distribuidor, vendedor e leitor. Na medida do possível, serão tratados aqui, com relação aos documentos de pesquisa, aspectos envolvidos neste processo, tais como: os objetivos dos autores, as formas tipográficas e as práticas de leitura. Enfim, nesta seção da dissertação, juntamente com a apresentação dos documentos que compõem o corpus empírico desta pesquisa, serão tecidas reflexões em torno dos conceitos de produção, circulação e apropriação, com inspiração nos estudos de Roger Chartier, tomando como objeto central a obra de Orminda Marques.

3.1 Manuais de Linguagem

Os manuais pedagógicos e, neste caso, em especial aqueles voltados ao ensino da linguagem, assumiram, no período em estudo, além dos periódicos e comunicados oficiais, a forma de livros destinados à formação docente, com a intenção de desenvolver temas propostos nos currículos dos cursos de formação, tais como pedagogia, didática, metodologia e prática de ensino. De acordo com Vivian Silva (2003),

esse gênero assume uma posição muito peculiar na literatura educacional [...], pois, ao reunir e sistematizar conteúdos tipicamente escolares, propõe-se a tratar de maneira sucinta e acessível o que há de “essencial” em termos de educação, favorecendo assim um primeiro contato do leitor com essas questões. (p. 30)

Considerando a propagação desse tipo de publicação no Brasil, é imprescindível tomá-lo como documento para a compreensão do ensino da escrita nesse contexto de crescente interesse na divulgação de práticas pedagógicas. Neste tópico, são apresentados três manuais de linguagem que tratam do ensino da escrita e da caligrafia, por contarem com a obra de Ormindia Marques como uma de suas referências, com a intenção de evidenciar as repercussões de suas proposições para este ensino. Assim, os manuais são expostos a partir de uma caracterização geral dos autores, de sua apresentação tipográfica, de dados referentes às edições e aos anos de publicação de cada manual, passando para a apresentação do texto referente ao ensino da escrita, com destaque para as aproximações com as proposições de Ormindia.

O primeiro livro a ser apresentado intitula-se *Metodologia da Linguagem: para uso das escolas normais e institutos de educação* (1949), de J. Bundin, professor catedrático do Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ), conforme destaque na folha de rosto do livro.

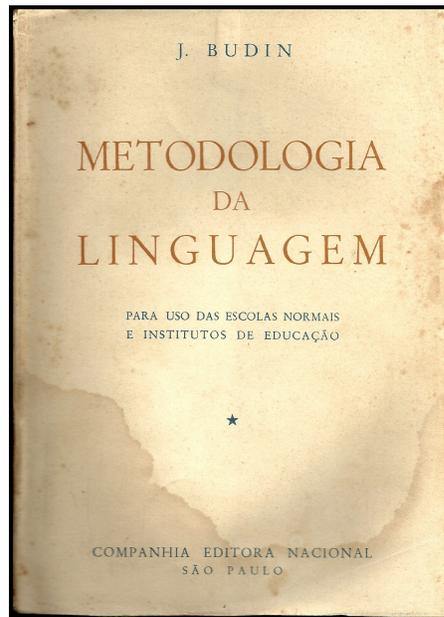


Figura 20: Capa do livro *Metodologia da Linguagem*, de J. Bundin (1949).

O exemplar aqui apresentado consiste na primeira edição do livro, publicado pela Companhia Editora Nacional, e traz no verso da folha de rosto a indicação de ser o exemplar número 1768. Tendo em vista o fato de que o livro não possui um prefácio, apresentação ou introdução, são poucas as informações que se pode obter a respeito da obra. A apresentação

tipográfica do livro é caracterizada como encadernação em brochura de formato pequeno, medindo 14cm x 19,5cm, e com 168 páginas. O livro é organizado por unidades didáticas para a 2ª e a 3ª série normal, segundo o Programa de Metodologia da Linguagem do Curso Normal do Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ) apresentado no início da publicação com a mesma organização do índice geral da obra. São sete unidades, sendo as seis primeiras para a 2ª série normal e a última para a 3ª série normal:

Unidade I – A linguagem

Unidade II – A criança e a linguagem

Unidade III – Fundamentos metodológicos do ensino da linguagem

Unidade IV – O ensino da leitura e da escrita

Unidade V – O ensino da composição

Unidade VI – O ensino da ortografia e da gramática

Unidade VII – Literatura infantil

Na unidade que aborda o ensino da leitura e da escrita, destaca-se para este estudo a seção intitulada *A escrita e a caligrafia*, na qual Bundin apresenta as finalidades da caligrafia, um ligeiro histórico e os processos de ensino. O autor trata a escrita e a caligrafia como um meio de expressão, refletindo acerca dos aspectos psicológicos e fisiológicos que envolvem tal prática. Importa destacar a nota do autor afirmando que “a parte relativa à caligrafia foi baseada nas aulas e no livro de ORMINDA MARQUES, grande estudiosa e especialista no assunto” [destaque do autor] (BUNDIN, 1949. p. 96), considerando ainda que o livro *A escrita na escola primária*, da autora acima citada, é referido na listagem de “livros a consultar” apresentada pelo autor ao final da seção. Na argumentação exposta pelo autor sobre o ensino da escrita e da caligrafia, é possível identificar citações de trechos do livro de Ormindia Marques, destacados entre aspas, embora sem indicação de referência no corpo do texto.

Bundin (1949) salienta, inicialmente, o papel do professor em relação a sua tarefa de ensinar a escrever. Segundo ele, e mais uma vez fazendo uso das palavras de Ormindia, a importância do problema da escrita está relacionada ao professor, ou seja, a má escrita do professor reflete na escrita do aluno. Assim, o autor destaca, acompanhadas de comentários, as três principais finalidades da caligrafia, ou boa escrita, integralmente como aquelas apontadas nos trabalhos de Ormindia Marques, a saber:

a) “Como meio de comunicação exige legibilidade”.

O seu objetivo é o registro de algo a ser lido, daí o dever de prestar-se a uma leitura rápida.

b) “Exige velocidade para atender às exigências da vida moderna”.

De acordo com a época, a pessoa que escreve não pode perder tempo, mas é preciso que possua tal habilidade que a rapidez da escrita não prejudique a do pensamento.

c) “Pela disposição elegante e certa liberdade de execução, a escrita, ainda hoje, concorre para a educação artística”.

Aliás, podemos apresentar como objetivo geral da escrita – “desenvolver, na criança, a habilidade de registrar automaticamente, por meio de sinais gráficos, as suas reações de linguagem”.

(BUNDIN, 1949, p. 95)

Em outras palavras, o autor afirma que “a escrita deve ser considerada uma *aprendizagem motriz ou uma habilidade*, mas nem por isso deixa de *estar ligada ao pensamento e à sensibilidade*” [grifos do autor] (BUNDIN, 1949, p. 95). Por esse motivo, assim como Orminda Marques, Bundin opõe a repetição, tida como uma prática do passado, à motivação, através da necessidade de escrita, entendida também como a funcionalidade desta prática, essencial para que a criança tenha interesse pelas atividades escolares. Ainda nesse sentido, o autor constata o desinteresse dos alunos pelo hábito da escrita, pois a identificam como uma atividade artificial, imposta pelo meio social.

Na sequência, ainda na seção *A escrita e a caligrafia*, Bundin apresenta um breve histórico do ensino da escrita no qual diferencia a escrita cursiva ou corrente e os modelos tipográficos, tratando em detalhes da escrita cursiva, seus tipos e variações quanto à inclinação e ao talhe. Em seguida, passa a tratar dos processos de ensino, onde se nota a referência ao trabalho de Orminda, apresentando os processos empíricos de simples cópia, os processos baseados na transferência dos movimentos da escrita, os processos baseados na eficácia de um tipo de letra por si só e os processos baseados nos princípios gerais da psicologia da aprendizagem. Neste último é que se insere o sistema muscular de Freeman, defendido por Orminda como o mais apropriado para o ensino da escrita. Apesar de não defender explicitamente este sistema como o ideal, como o faz Orminda, Bundin dedica um maior espaço no texto para apresentá-lo, partindo da definição do que é a caligrafia muscular, ou seja, “escrita cursiva, inclinada, sem talhe simples, ligada por traços obtidas por tração e não por pressão” (BUNDIN, 1949, p. 99). Em um parágrafo, o autor apresenta, a partir de sua interpretação, os princípios deste sistema:

O seu fundamento é o *ritmo*, coordenador dos movimentos musculares, donde a contagem, o canto, a declamação de frases e o metrônomo. Realiza-se uma série de exercícios

fundamentais: traçados de linhas inclinadas, retas ou ovais, usadas em desenhos esquematizados, cuja graduação se faz de maneira adequada às diferentes fases da aprendizagem. Existe cópia, porém com o fito de ser inteligentemente imitada. A motivação é a melhor possível, visto que se realiza em torno de assuntos vitais para o aluno. Faz-se a auto-crítica e a própria criança acompanha seu progresso. A posição do corpo deve ser correta, com o papel inclinado para a esquerda num ângulo de cerca de 30°. Não se exige velocidade no começo: ela surge gradualmente. [grifo do autor] (BUNDIN, 1949, p. 99)

Torna-se evidente, a partir do excerto acima, a centralidade do ritmo, da motivação e da graduação no ensino como princípios que fundamentam o sistema muscular, elaborado por Freeman e aplicado e defendido no Brasil por Ormindá Marques. Por fim, Bundin trata brevemente das escalas de mensuração dos progressos dos alunos, assim como dos materiais a serem utilizados em cada ano do ensino primário. O autor destaca ainda, assim como Ormindá, a importância das dramatizações, dos jogos e dos desenhos para a eficiência dos processos de ensino da escrita, porém, não se detém a tratar do tema com maior profundidade.

Portanto, é possível apontar alguns aspectos centrais no texto de Bundin que indicam, efetivamente, a apropriação das propostas de Ormindá Marques sobre o ensino da escrita. Destacam-se, fundamentalmente, os seguintes pontos: o papel do professor como exemplo de boa escrita; a legibilidade, a velocidade e a elegância como os objetivos a serem alcançados no ensino da caligrafia; a importância da motivação nos exercícios, em oposição à repetição, e nesse sentido, a valorização de atividades que envolvam o desenho, o jogo e a dramatização; a preocupação com os aspectos psicológicos e fisiológicos que envolvem a prática da escrita e da caligrafia, diretamente relacionados ao sistema muscular, no qual o ritmo é fundamental; e a recomendação da utilização de escalas para medir os progressos da escrita dos alunos.

O segundo manual de ensino de linguagem destinado aos professores, destacado para análise, intitula-se *Metodologia da Linguagem* (1951), de Orlando Leal Carneiro, professor catedrático de Metodologia da Linguagem do Instituto de Educação, Chefe de Distrito Educacional da Prefeitura do Distrito Federal e Professor de Pedagogia na Universidade Católica, segundo dados que compõem a folha de rosto da publicação.

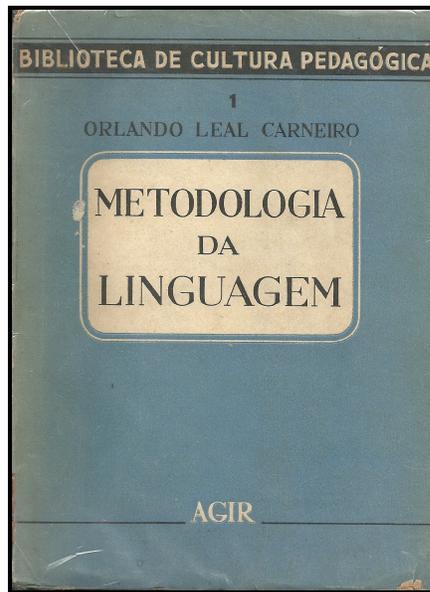


Figura 21: Capa do livro *Metodologia da Linguagem*, de Orlando Leal Carneiro (1951).

O livro é o primeiro volume da coleção *Biblioteca de Cultura Pedagógica*, que conforme texto que consta na aba da capa, “pretende ser de grande utilidade para os alunos dos cursos normais, dos cursos de Pedagogia das faculdades de filosofia e mesmo para os que já são professores e desejam aperfeiçoar-se” (CARNEIRO, 1951, s.p.). Caracterizado como brochura de formato pequeno, medindo 14cm x 19,5cm, o exemplar apresentado neste trabalho corresponde à primeira edição da obra que possui 300 páginas²⁷ e conta com um breve prefácio assinado por Theobaldo Miranda Santos, no qual destaca-se a seguinte afirmação: “O domínio da linguagem constitui o objetivo máximo da educação intelectual. Aprender a falar e escrever a língua materna, com correção, clareza e elegância, deve ser a tarefa principal do ensino escolar.” (SANTOS, 1951, p. 9). Nota-se, portanto, o status conferido ao ensino da linguagem, com particular atenção neste estudo para o ensino da escrita.

O manual é organizado da seguinte forma:

I Parte – Fundamentos filosóficos da linguagem

Unidade I – Linguagem

II Parte – Fundamentos psicológicos da linguagem infantil

Unidade II – A criança e a linguagem

²⁷ Tive acesso a um exemplar da 3ª edição deste livro, publicada no ano de 1959, que contém 327 páginas. Apesar de se tratar de uma edição “revista e melhorada”, de uma edição para a outra, não foi possível identificar mudanças no que diz respeito ao texto referente ao ensino da escrita.

III Parte – Objetivos e fundamentos históricos do ensino da linguagem

Unidade III – O ensino da linguagem

IV Parte – Fundamentos psicológicos do ensino da linguagem

Unidade IV – sem título

V Parte – Fundamentos metodológicos do ensino da linguagem

Unidade V – sem título

Unidade VI – O ensino da leitura e da escrita

Unidade VII – O ensino da elocução e da composição

Unidade VIII – A literatura na escola

Unidade IX – O ensino da ortografia e da gramática

Unidade X – Técnicas de medida objetiva da aprendizagem da linguagem

Unidade XI – A linguagem nos programas das escolas primárias do Distrito Federal

Cada unidade é dividida em subtítulos e em sua estrutura o autor apresenta o tema a ser discutido, seguido de um resumo, uma ou mais citações para leitura, questões como temas para discussão e exercícios. Para apresentação nesta dissertação, destacam-se os subtítulos pertencentes à sexta unidade, referente ao ensino da escrita: *evolução do ensino da escrita; os novos métodos do ensino da escrita; organização teórica do ensino da escrita*.

O autor inicia o texto sobre a *evolução do ensino da escrita* apresentando sua trajetória em um breve histórico. Ressalta que a escrita nasceu da imitação e por isso os primeiros processos de ensino desta prática, que se reduzia ao ensino da caligrafia, foram baseados na cópia.

Além de ser incluído como referência na bibliografia do manual, o livro de Ormindia Marques, *A escrita na escola primária*, é citado no corpo do texto. É possível identificar três citações de Ormindia Marques para leitura dos professores, sendo a primeira delas sobre a importância da boa letra da professora para o ensino em sala de aula, de modo a enfatizar que a caligrafia era uma disciplina exigida na antiga Escola Normal. Deste modo, Carneiro (1951), através de excerto do texto de Ormindia, aponta para a necessidade da formação dos professores para o ensino da escrita, não somente baseado em metodologia, mas a partir do exercício da boa letra.

Em seguida, o autor apresenta *os novos métodos do ensino da escrita*, classificando-os entre americanos (Palmer e Freeman) e europeus (Sütterlin, Hulliger, Kuhlmann, Bridges e Simon). No texto são sintetizados os princípios e características de cada um destes métodos. Contudo, interessa aqui atentar para os métodos americanos. Considerando os métodos de Palmer e Freeman como os mais conhecidos entre os métodos americanos, Carneiro (1951) ressalta que

Ambos, partindo da mesma base, constituem o sistema de escrita muscular, desenvolvido em “A escrita na escola primária” da Prof.^a Ormindia Marques, que aplicou o processo de Freeman na escola primária do Instituto de Educação. Em seu livro, o processo muscular está classificado entre aqueles que aplicam os princípios gerais da psicologia da aprendizagem. (p. 169-170)

O autor caracteriza o método de Freeman basicamente pela letra inclinada, talhe simples, ligação por tração e o ritmo para coordenar os movimentos musculares, dependendo da harmonia desses movimentos a legibilidade e a rapidez da escrita. Da preocupação com o ritmo derivam os exercícios com músicas e declamação. Além disso, Carneiro assinala a graduação dos exercícios a partir de “traçados de linhas retas, inclinadas ou ovais, aplicados em desenhos esquematizados” (p. 170), não condenando os modelos, pois “o que é essencial é a cópia *inteligente* dos modelos” [grifo do autor] (*Ibid.*).

Diferentemente de Ormindia Marques, que após apresentar os métodos, defende o muscular como mais apropriado para o ensino primário, Carneiro (1951, p. 173) não elege um dos métodos, embora insira em seu livro excertos de Ormindia Marques que caracterizam e defendem a caligrafia muscular.

O autor ainda assinala duas fases da *organização teórica do ensino da escrita*, a saber: a preparação, que envolve a educação da vista, da mão e dos dedos, através de exercícios preparatórios e jogos, e a execução, que abrange a posição correta do corpo, o manejo da pena, a posição do papel, o tipo de letra, o enlace das letras e o material de escrita.

Por fim, Carneiro trata da mensuração da escrita, através dos critérios de velocidade e qualidade. Para tal, aponta, como Ormindia, as principais escalas de medição destes aspectos e ressalta que não se deve sacrificar a qualidade da escrita em favor da velocidade. Assim, o autor conclui a seção sobre escrita com mais uma citação de Ormindia Marques, sobre o uso de escalas, em que ela discute a necessidade de levar os alunos a julgarem seu próprio trabalho a partir da

sugestão de que os professores colham amostras de escritas de seus alunos com a finalidade de elaborar uma escala que estimule o trabalho dos alunos.

Enfim, na obra de Carneiro, a apropriação de Orminda pode ser sintetizada por meio dos seguintes aspectos: a importância da boa letra dos professores, adquirida através do exercício e não somente do estudo teórico; a descrição do sistema muscular, apoiada na defesa de Orminda Marques, caracterizado pela coordenação dos movimentos por meio do ritmo, do que dependem a legibilidade e a rapidez da escrita; a recomendação de exercícios preparatórios e jogos na fase inicial do ensino; a utilização de escalas para medir a qualidade e a velocidade da escrita e a proposta de elaboração de uma escala provisória com amostras de escrita dos alunos.

O terceiro manual examinado intitula-se *Metodologia do Ensino Primário: contendo a matéria dos 2º e 3º anos do Curso Normal* (1963), de Afro do Amaral Fontoura. Este livro é outro indício da repercussão e apropriação do livro *A escrita na escola primária*, de Orminda Marques, pois o mesmo consta na bibliografia sobre metodologia da escrita.

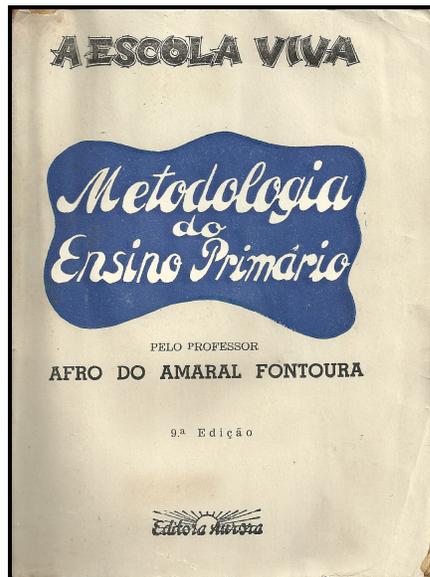


Figura 22: Capa do livro *Metodologia do Ensino Primário*, de Afro do Amaral Fontoura (1963).

O livro caracteriza-se por brochura de formato pequeno, medindo 13,5cm x 18,5cm, com o total de 460 páginas. O exemplar apresentado neste trabalho corresponde à 9ª edição da

publicação²⁸ e ao 3º volume da coleção *Biblioteca Didática Brasileira*²⁹, dirigida pelo próprio Amaral Fontoura que assina dez volumes desta coleção, sobre a qual o autor afirma na introdução deste volume a pretensão de que os “livros não sejam apenas compêndios didáticos para os alunos estudarem, mas sim um roteiro de renovação educacional” (FONTOURA, 1963, s.p.). Fica evidente a relação do autor com o movimento da Escola Nova, reforçada também em sua dedicatória, conforme imagem abaixo:

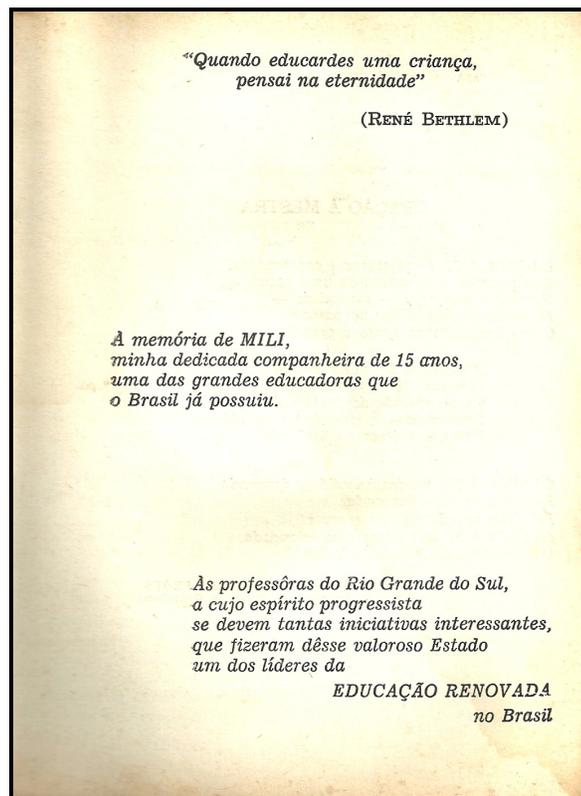


Figura 23: Dedicatória de Afro do Amaral Fontoura.

²⁸ Na apresentação de suas obras, o autor informa o ano de cada edição do livro *Metodologia do Ensino Primário*, a saber: 1ª edição – 1951; 2ª edição – 1957; 3ª edição – 1957; 4ª edição – 1958; 5ª edição – 1959; 6ª edição – 1961; 7ª edição – 1961; 8ª edição – 1962; 9ª edição – 1963. Nota-se a proximidade entre as edições, inclusive com mais de uma edição em alguns anos, o que aponta para uma possível demanda crescente pela publicação.

²⁹ Os títulos de autoria de Afro do Amaral Fontoura que integram esta coleção são: Volume 1º: *Fundamentos de Educação* (1949; 1952; 1954; 1957; 1960; 1963); Volume 2º: *Sociologia Educacional* (1951; 1953; 1954; 1956; 1957; 1959; 1960; 1962; 1963); Volume 3º: *Metodologia do Ensino Primário* (1955; 1957; 1957; 1958; 1959; 1961; 1961; 1962; 1963); Volume 4º: *Psicologia Geral* (1957; 1958; 1960; 1962; 1962; 1963); Volume 5º: *Psicologia Educacional* (1958; 1959; 1961; 1961; 1963); Volume 6º: *Didática Especial da 1ª Série* (1958; 1963); Volume 7º: *Prática de Ensino* (1960; 1962; 1963); Volume 8º: *O Planejamento no Ensino Primário* (1958; 1963); Volume 9º: *Didática Geral* (1961; 1963); Volume 10º: *Manual de Testes* (1960). Cabe salientar que esses dados referem-se ao período até a publicação da 9ª edição do livro *Metodologia do Ensino Primário* (1963), onde constam tais informações.

O livro é organizado da seguinte maneira:

Parte I – Metodologia da Linguagem

Capítulo I – Metodologia da Leitura

Capítulo II – A escrita

Capítulo III – Composição – Gramática – Literatura

Parte II – Metodologia da Matemática

Capítulo IV – Metodologia da Matemática

Parte III – Metodologia das Ciências Sociais

Capítulo V – As Ciências Sociais e sua significação

Capítulo VI – Metodologia da Geografia

Capítulo VII – Metodologia da História

Capítulo VIII – As outras Ciências Sociais

Parte IV – Metodologia das Ciências Naturais

Capítulo IX – Metodologia das Ciências Naturais

Parte V – Metodologia dos Trabalhos Manuais e do Desenho

Capítulo X – Metodologia dos Trabalhos Manuais e do Desenho

Evidentemente, o foco de interesse desta dissertação é direcionado para o capítulo II, que trata da escrita. Nele, o autor apresenta três tópicos: *história e conceito*; *fundamentos metodológicos*; *direção da aprendizagem da escrita*. No primeiro tópico, assim como os autores anteriormente apresentados, Fontoura traça um histórico do ensino da escrita, com suas mudanças e evolução através do tempo. No entanto, interessa aqui apresentar os tópicos *fundamentos metodológicos* e *direção da aprendizagem da escrita*.

Inicialmente o autor aponta os objetivos do ensino da escrita, a saber: legibilidade, rapidez e hábitos de ordem e limpeza. Além disso, diferencia os tipos de escrita – cursiva e tipográfica – e os tipos de letra – vertical e inclinada – refletindo sobre as vantagens de cada uma. Destaca-se a apresentação dos processos de ensino, onde é possível identificar referências ao livro de Ormindia Marques, classificados pelo autor como: processos empíricos (baseados na simples cópia), processos de transferência de movimentos e processos baseados na psicologia da aprendizagem. A preferência por este último processo fica evidente não somente através do maior espaço dedicado a sua descrição, mas também através das críticas aos outros processos, momento em

que se vale da citação da própria Orminda. Desse modo, é possível notar o valor atribuído à autora como autoridade legitimada sobre o tema. Exemplo disso é a “nota prática nº 14” intitulada *Aprendizagem da escrita*, na qual Fontoura salienta:

A professora Orminda Marques escreveu uma obra sobre “A Escrita na Escola Primária” que esgota o assunto, contando, inclusive, a experiência que realizou sobre esse problema, no Instituto de Educação do Rio (Editora Melhoramentos; São Paulo, 1936). Nesse livro se encontra também a série de gravuras mostrando como se desenvolve o “método Freeman”, antes do início da escrita propriamente dita (exercícios de coordenação muscular). (1963, p. 122)

O autor apresenta o método de Freeman, incluído entre os processos baseados na psicologia da aprendizagem e ressalta o ritmo como a base fundamental do método. Segundo ele, “toda aprendizagem da escrita deve ser baseada no ritmo dos movimentos *musculares*, que devem ser coordenados e harmônicos, para permitirem uma letra agradável, legível, com um talhe certo e sempre igual” (FONTOURA, 1963, p. 123), por isso o nome de *método muscular*. Destaca, portanto, o ritmo e defende que os exercícios preparatórios de escrita devem estar acompanhados da declamação e do canto, exemplificados na figura abaixo:

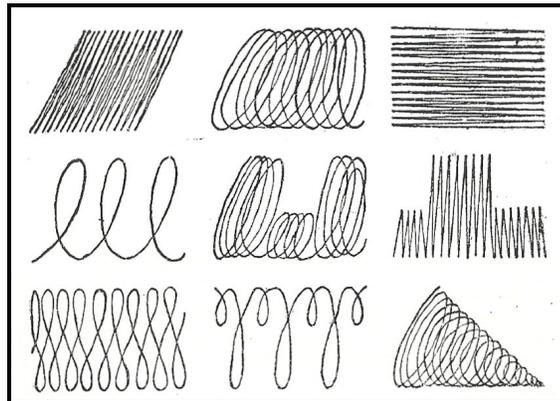


Figura 24: Exercícios para aprendizagem da escrita (FONTOURA, 1963, p. 124).

Fontoura (1963) aponta ainda a utilização de modelos de letras, palavras e frases após o treino inicial de ritmo, mas com a ressalva de que essa prática sirva “não para copiarem servilmente, mas para adquirirem boa letra e boa disposição de escrita, à vista do modelo” (p. 124). O objetivo final é que, com essas bases, cada aluno possa adquirir seu tipo pessoal de letra,

adaptado ao seu ritmo, mais uma vez sinalizando a aproximação de seu texto com as proposições de Orminda Marques.

Com relação à direção da aprendizagem da escrita, o autor ressalta a importância da motivação, já na fase inicial de sua aprendizagem, valendo-se o professor de atividades com música, declamação e teatro, e também, após esta aquisição, quando a criança já está escrevendo. De acordo com Fontoura (1963), “não se deve mandar o aluno escrever somente para treinar a escrita: deve-se despertar nele o desejo, o interesse de escrever *alguma coisa* e, sobretudo de *escrever para um fim*” [grifos do autor] (p. 126). Trata-se do que o autor chama de “escrita em situação real”, ou seja, propor exercícios de escrita de cartas, cartazes, convites, relatórios, etc, a fim de dar funcionalidade à escrita, para que nas instituições escolares, como afirma o autor, o aluno tenha “oportunidade de usar a escrita como nós, adultos, a usamos, isto é, como *instrumento* para atingir determinado objetivo” [grifo do autor] (FONTOURA, 1963, p. 144).

O autor baseia-se em Orminda Marques para detalhar como deve ser o ensino da escrita em cada série do ensino primário. Como dito anteriormente, na apresentação do livro de Orminda Marques, o ensino é graduado e os alunos devem desenvolver os objetivos gerais da escrita ao longo dos três primeiros anos para que, nos dois últimos, estejam aptos a desenvolver a rapidez da escrita sem prejuízo das qualidades já obtidas. Considerando a legibilidade e a rapidez como objetivos fundamentais, Fontoura (1963, p. 128) refere-se à Orminda ao apontar o número de letras que o aluno deve escrever normalmente por minuto, números que auxiliam os professores a medir a velocidade de escrita dos alunos: 1ª série – 40 letras por minuto; 2ª série – 50 letras por minuto; 3ª série – 60 letras por minuto; 4ª série – 70 letras por minuto; 5ª série – 80 letras por minuto. Neste sentido e ainda baseado no trabalho de Orminda Marques, o autor sugere o “termômetro de letras” para a avaliação da escrita. Propõe que o professor organize amostras de escritas de alunos em uma escala de 0 a 10, de uma escrita ilegível a uma escrita ótima, representando cada grau da escala avanços com relação à aquisição dos objetivos do ensino da escrita. O autor exemplifica esta proposição com a figura abaixo:

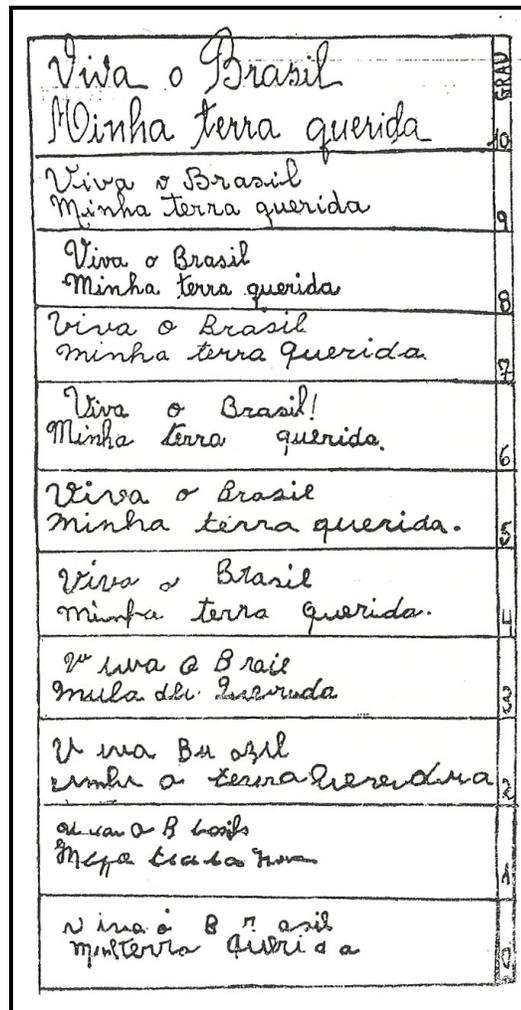


Figura 25: “Termômetro de letras” (FONTOURA, 1963, p. 142).

Segundo o autor, o valor pedagógico deste exercício é que possibilita ao aluno a autocrítica, já que ele mesmo pode verificar, ao comparar sua escrita aos modelos, em qual grau da escala se encontra sua escrita e, portanto, “dá ao aluno consciência de si mesmo, desenvolve a capacidade de julgar, estimula-lhe o desejo de progredir” (FONTOURA, 1963, p. 143). Nas palavras de Ormindia, é “preciso habituar o aluno, desde os primeiros exercícios, a julgar seu próprio trabalho e esforço” (MARQUES, 1936, p. 161), e por isso, a educadora propõe a organização de uma escala provisória com amostras de escrita das crianças a fim de “estimular o trabalho dos alunos” (*Ibid.*).

Ao final do tópico referente à *direção da aprendizagem da escrita*, o autor aponta alguns problemas com relação ao ensino da escrita, dos quais importa destacar, a fim de conclusão, a questão “deve haver aula de caligrafia?” por meio da qual reforça a importância da motivação nas

atividades de escrita. Neste sentido, afirma que “não há *aprendizagem* sem haver *motivação*. E que não há nenhuma *motivação* em encher páginas de caligrafia, repetindo muitas vezes uma mesma frase” [grifos do autor] (FONTOURA, 1963, p. 146). Deste modo, defende que “a ‘aula de caligrafia’ deve ser substituída pelos exercícios normais regulares, de linguagem e de todas as outras matérias. Todo trabalho escrito é fonte de exercícios para a letra, podendo ser considerado exercício de caligrafia” (*Ibid.*).

Ao longo do texto do manual de autoria de Fontoura, é possível identificar a incorporação dos pressupostos apresentados por Ormindia Marques no livro *A escrita na escola primária* em diversos aspectos, a saber: por meio da apresentação da legibilidade, da rapidez e dos hábitos de ordem e limpeza como os objetivos do ensino da escrita; da preferência pelo sistema muscular, expressa através de maior detalhamento em contrapartida às críticas aos demais processos para o ensino da escrita, referindo Ormindia como autoridade sobre o assunto; a importância do ritmo para a execução de movimentos coordenados e harmônicos que permitam o alcance aos objetivos propostos para a boa escrita; a recomendação de exercícios preparatórios acompanhados de declamação e canto que, juntamente com o teatro, contribuem para a motivação das crianças para as atividades de escrita; a preocupação com a funcionalidade da escrita, o que o autor trata por “escrita em situação real”, ou seja, atividades que vão além da simples cópia, desprovida de sentido; o ensino graduado ao longo dos anos, com o aprimoramento da técnica e o desenvolvimento de estilo pessoal na escrita; por fim, a importância da medida da qualidade e da velocidade da escrita e a sugestão de utilização de um “termômetro de letras” que corresponde à escala provisória proposta por Ormindia.

Fica evidente, a partir da descrição dos manuais de linguagem mencionados, que a preocupação central de seus autores é possibilitar aos leitores o acesso à fundamentação teórica que embasa os estudos sobre o ensino da escrita. As referências ao trabalho organizado e divulgado por Ormindia Marques são, de modo geral, relativos aos processos de ensino e à defesa do sistema muscular, apresentando os objetivos a serem alcançados no ensino da escrita. Além disso, destacam-se os princípios da Escola Nova aplicados a essa prática, tais como a motivação, a valorização dos interesses da criança e sua centralidade no processo de ensino-aprendizagem.

No entanto, a análise destes manuais suscita reflexões no âmbito dos estudos sobre o livro e sobre a leitura. Importa frisar que o próprio ponto de partida para a seleção dos manuais anteriormente apresentados, ou seja, a identificação da obra *A escrita na escola primária*, de

Ormindá Marques, como referência para estes estudos, é um indício da circulação e da apropriação de tal obra. Isto porque a referência a Ormindá em manuais de autoria de outros educadores aponta para o fato de que tais educadores foram leitores da obra que é objeto central deste trabalho e, por essa razão, fica evidente a apropriação das proposições da autora nos textos contidos nos manuais.

Alguns aspectos identificados nestes documentos merecem destaque em um estudo que tem a intenção de contribuir para uma história das práticas de leitura de professores. Os manuais, de modo geral, caracterizam-se pela função de instruir professores em formação e professores já formados. Por esse motivo, apresentam de modo sistematizado os objetivos, os fundamentos e a avaliação do ensino, e neste caso específico, do ensino da escrita. Segundo Silva (2003), “selecionando o que há de ‘essencial’ para a profissão docente, eles [os manuais pedagógicos] exercem a autoridade de ensinar o que se tem por mais legítimo na área, fundamentando as práticas ‘ideais’ para o professorado” (p. 46).

Deve-se atentar também para o fato de os três manuais apresentados neste estudo pertencerem a coleções pedagógicas. A organização de coleções era uma prática comum da época e tinha o objetivo de divulgar preceitos sobre a educação. Assim, tanto os autores quanto as obras eram legitimados por sua inclusão nestas coleções, ampliando, portanto, a circulação de seus textos.

Outro fator que pode ser observado na apresentação anteriormente exposta dos manuais de linguagem refere-se às características materiais dos escritos. Da apresentação tipográfica destaca-se o formato pequeno dos livros, que devem ser utilizados para estudo e consulta. A utilização de títulos e subtítulos ao longo do texto para delimitar assuntos e temáticas, sínteses, notas práticas, excertos para leitura, questões para reflexão instituem um protocolo de leitura, ou seja, “estratégias usadas pelo próprio texto, que deseja produzir efeitos, ditar uma postura, obrigar o leitor” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 38). Tal aspecto é explicitado em diversas citações extraídas dos manuais para este trabalho nas quais é possível visualizar grifos dos autores. Por meio deste recurso o leitor é conduzido pelo autor que sinaliza e destaca aquilo que considera mais importante no texto.

É necessário, por fim, salientar aqui que a análise destes manuais sob o ponto de vista dos estudos sobre práticas de leitura pode e deve ser aplicada à análise do livro de Ormindá Marques, *A escrita na escola primária*, por tratar-se de um manual que apresenta características

semelhantes aos manuais apresentados nesta seção. No entanto, embora se apresentem em formato diferente, estes e outros aspectos serão identificados, também, nos documentos tratados a seguir.

3.2 *Revista do Ensino/RS*

Conforme afirmado anteriormente, a *Revista do Ensino/RS* consiste em um importante documento da história da educação no Rio Grande do Sul por seu papel na propagação do ideário da Escola Nova no Estado. Destinado ao professorado, o periódico tinha como característica a publicação de artigos visando à divulgação de pensamentos e projetos desenvolvidos nesse âmbito para a formação de professores.

Segundo Maria Helena C. Bastos (2005), “no elenco de artigos da *Revista do Ensino* voltados ao preparo intelectual e técnico do professor, há um conjunto cuja finalidade era prescrever modos de atuação didática do professor – artigos que prescreviam minudentemente o quê ensinar e como ensinar” (p. 239). Entre os temas dessas orientações se encontra a linguagem e nesse âmbito o foco de interesse deste trabalho: a escrita e a caligrafia.

Em pesquisa realizada no Acervo Histórico da Biblioteca Setorial da Faculdade de Educação da UFRGS, no período delimitado para este estudo – as décadas de 30 a 60 do século XX – foi possível localizar quatro artigos que fazem referência ao trabalho desenvolvido por Orminda Marques, seja no corpo do texto, seja na inclusão de sua obra na bibliografia dos artigos. A seguir serão apresentados em detalhe cada um desses artigos a fim de contribuir para a análise da circulação e apropriação da obra.

No artigo *Preparando para Ler* (mar./1956), de Arlette Pinto de Oliveira e Silva, assistente de Metodologia da Linguagem na Escola Guatemala (DF), que consta no número 36 da *Revista do Ensino/RS*, o ensino da escrita está destacado no subtítulo *Exercícios caligráficos baseados no ritmo*. Ao final do artigo identifica-se a indicação do livro *A escrita na escola primária*, de Orminda Marques, sob a forma de bibliografia aconselhável.

O objetivo do texto é apontar sugestões de exercícios caligráficos ritmados, que devem corresponder ao tempo máximo de 20 minutos de duração. Há nas proposições a valorização do jogo e da brincadeira, além de atividades dramatizadas. O roteiro do trabalho segue a condução

do professor, inicialmente com a apresentação da situação e memorização da quadra, através do canto. Em seguida, alunos e professores devem fazer a marcação do ritmo com palmas. Após isso, recomenda que o professor faça o movimento no ar e de costas para as crianças, à frente delas, para que possam reproduzi-lo igualmente. O passo seguinte deve ser o traçado no quadro, feito pelo professor, do movimento de escrita e depois o traçado pelos alunos, também no quadro, finalizando com o traçado, em conjunto, no papel. A autora destaca, em nota no corpo do texto, uma referência à Ormindá: “para maiores detalhes sobre a aplicação do ritmo ao movimento caligráfico será de interesse consultar o livro de autoria da professora Ormindá Marques e intitulado: *A escrita na Escola Primária*” (SILVA, 1956, p. 16).

Silva classifica os três tipos de movimentos caligráficos, os quais são: movimento do pêndulo, movimento de subida e descida e traçado de ovais, conforme figura a seguir:

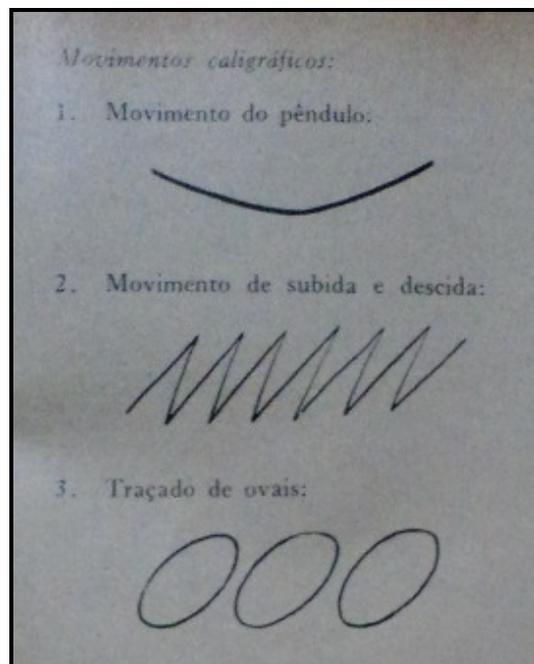


Figura 26: Movimentos caligráficos (SILVA, 1956, p. 17).

Deste modo, passa a apresentar as sugestões de atividades com cada tipo de movimento, acompanhadas de música ou contagem para marcação do ritmo, a partir de propostas muito semelhantes àquelas apresentadas por Ormindá Marques no livro *A escrita na escola primária*. Abaixo são destacados exemplos de atividades cada um desses tipos:

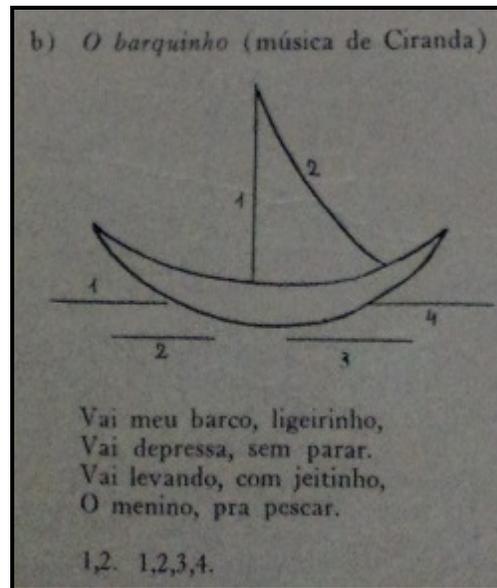


Figura 27: Atividade com o movimento do pêndulo (SILVA, 1956, p. 17).

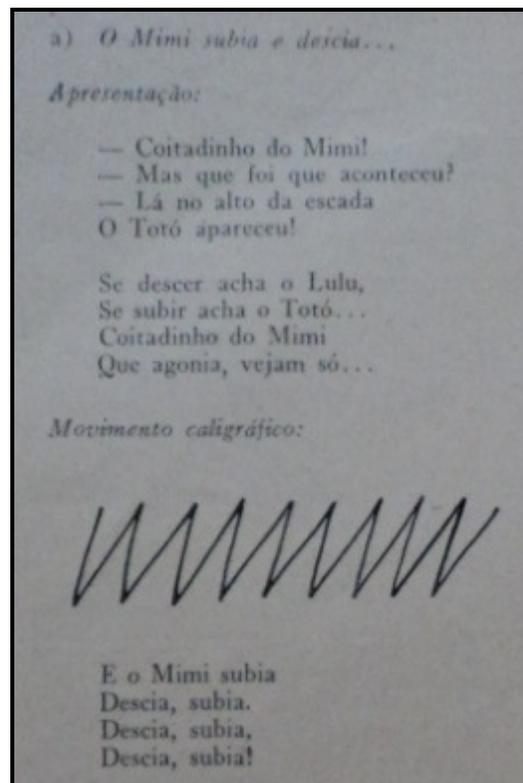


Figura 28: Atividade com o movimento de subida e descida (SILVA, 1956, p. 18).

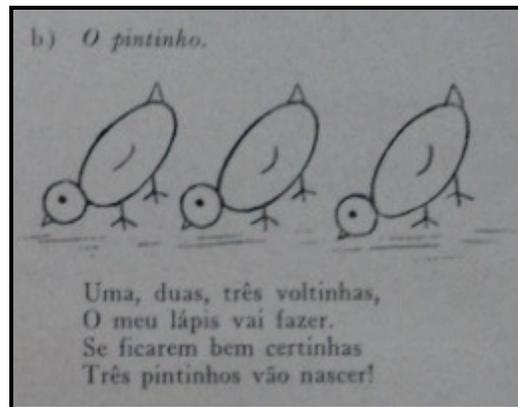


Figura 29: Atividade com o traçado de ovais (SILVA, 1956, p. 18).

Na conclusão do artigo, a autora reforça a importância da motivação e da busca pelo interesse da criança nas atividades a fim de tornar a escola um espaço agradável e a aprendizagem um objetivo desejável. Nesse sentido, os jogos, as músicas, as brincadeiras, as dramatizações, enfim, a ludicidade contribui para que tais propósitos sejam alcançados.

É possível, portanto, a partir das atividades propostas, reafirmar a estreita relação do artigo com as proposições de Orminda Marques no livro *A escrita na escola primária*. A elaboração de exercícios caligráficos com músicas, contagem, jogos, brincadeiras, apontam para a importância do ritmo e, conseqüentemente, da caligrafia muscular. Nesse sentido, a experiência desenvolvida e divulgada por Orminda é referência fundamental. A utilização destes recursos lúdicos no ensino da escrita é um dos grandes méritos da obra por consistir na aplicação prática dos pressupostos da Escola Nova e o fato de repercutir nas propostas de outros educadores é também um indício de apropriação de seu texto.

Ainda no número 36 da *Revista do Ensino/RS*, consta o artigo *A caligrafia na escola* (mar./1956), de Afrânio Coutinho, catedrático do Colégio Pedro II (RJ). O autor inicia este artigo refletindo sobre a decadência geral do ensino, tópico em questão na época, para o que acrescenta “a ausência de atenção ao problema da caligrafia na escola primária” (COUTINHO, 1956, p. 69). A discussão segue na direção de apontar o abandono do cuidado especial, anteriormente dado às técnicas fundamentais do ensino – ler, escrever e contar. O autor exemplifica a situação e indica os baixos índices de aprovação no exame de admissão ginasial no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, instituição na qual era catedrático. Segundo ele, de 450 candidatos, apenas cerca de 70 eram aprovados e entre as falhas mais comuns se destacavam aquelas referentes à escrita,

evidenciando uma despreocupação com características de uma boa escrita que tanto orgulhavam os professores em outros tempos:

a caligrafia, a boa apresentação da página escrita, a limpeza, a clareza, a uniformidade, o respeito pelas normas formais do trabalho escrito (margens, espaços, ligações, inclinações regulares, etc.), tudo o que empresta beleza à página, além de torná-la de leitura fácil e rápida. (COUTINHO, 1956, p. 69)

A crítica é direcionada aos programas de ensino primário do Distrito Federal, mas também ao fato de poucos estados brasileiros desenvolverem um programa sistemático direcionado ao ensino da escrita, com exceção, segundo o autor, dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina. Por esse motivo, na opinião de Coutinho, que defende a oferta de aulas especiais de caligrafia, descarta-se o aprendizado da escrita no Brasil e se escreve cada vez pior. Sua defesa pelo ensino da caligrafia deve-se ao fato de considera a escrita um meio de comunicação, como se encontra bem formulado no excerto abaixo:

[...] a escrita, sobre ser um meio de expressão individual, é um instrumento de socialização poderoso e indispensável à criança. Sem esquecer que é também um fator de educação artística e de bom-gosto e um meio de disciplina mental. A má escrita revela má higiene do trabalho intelectual, disse Hulliger, citado pela professora Orminda Marques no excelente trabalho sobre o assunto há tempos publicado. (COUTINHO, 1956, p. 69)

A hipótese do autor é que a progressiva desvalorização da boa escrita se deve ao fato de, antes, ter havido um certo exagero com relação ao aprendizado da caligrafia. Por meio de atividades de cópia, o exercício baseava-se simplesmente em escrever bonito, sem motivação ou sentido funcional, sendo, portanto, antes um fim que um meio. O autor refere-se à adoção da letra script, que procurava imitar a letra tipográfica, nos Estados Unidos por volta do ano de 1921 em decorrência dos avanços da imprensa no período. Segundo ele, essa mudança provocou dificuldades para a leitura de bilhetes manuscritos, por exemplo, e afirma que em decorrência disso a escrita cursiva foi reintroduzida no ensino. O autor afirma ainda que isso que ele denomina “moda americana” foi introduzida também no Brasil e a aponta como responsável pela quebra de padrão na caligrafia escolar em geral.

Nessa direção, o autor faz nova referência a Orminda Marques, ressalta que a professora, já em 1935, mostrou no estudo desenvolvido no Distrito Federal que havia uma decadência na

escrita, e segundo ele, desde então, com uma sensível piora. Assim como Orminda, Coutinho afirma que o problema tem sua origem nos professores, que devem dominar a boa escrita para que tenham eficiência no seu ensino. O autor ressalta ainda que a escola nova não se opõe a essa técnica e salienta que o que é contrário à boa letra não é o ensino moderno, mas sim a pressa com que se processa a educação.

Em referência à Orminda Marques, o autor reforça o valor da escrita como instrumento e meio de comunicação, o que confere grande importância à aquisição dessa habilidade. E conclui, portanto, a opção pelo sistema muscular para o desenvolvimento desse ensino, mais uma vez referindo-se (e recomendando) ao livro *A escrita na escola primária* enfatizando os aspectos centrais da obra.

Em seu livrinho tão útil e recomendável a todo o professorado primário do país, conclui a professora Orminda Marques que o ensino da escrita na escola primária é um problema de educação. Após afirmar esse ponto de vista, mostra como o ensino da escrita precisa de sistematização educativa e sentido funcional. Ele deve estar na dependência de motivação e de processos adequados a criar em cada indivíduo um tipo pessoal de escrita, adaptado ao seu ritmo próprio, ao ritmo de sua personalidade. E a seu ver, o melhor sistema é o chamado muscular, em que se combina a boa postura, a boa posição do papel para se obter boa escrita. [...] Esse sistema produz, como o melhor tipo de letra, a cursiva, corrente, inclinada para a direita, ligada, simples, sem talhe. É a mais natural, mais legível, mais rápida, e que proporciona maiores possibilidades de variação individual dentro da socialização. (COUTINHO, 1956, p. 68).

Importa destacar, a partir do excerto acima, a referência do autor ao livro de Orminda Marques. O tratamento dado pelo autor à obra *A escrita na escola primária* por meio do termo “livrinho” poderia sugerir ironia ou até mesmo menosprezo. No entanto, por tomá-lo como referência fundamental de seu artigo e considerá-lo “tão útil e recomendável”, Afrânio Coutinho reafirma seu valor. Além disso, pode-se inferir que ao tratá-lo como um “livrinho”, o autor estaria sinalizando sua função de manual/guia para o ensino da escrita que deveria acompanhar o professor(ando).

No número 98 da *Revista do Ensino/RS*, o artigo *Escrita na escola primária* (s.m./1964), de Adélia de Campos Carregal, professora de Prática de Ensino do Instituto de Educação - GB, aponta, de modo geral, alguns aspectos importantes do ensino da escrita. Importa apresentar as idéias aí propostas, pois na bibliografia de seu artigo consta o livro *A escrita na escola primária*, de autoria de Orminda Marques.

Sem negar o valor da boa letra, o artigo aponta algumas das mudanças que o ensino da escrita sofreu com o passar dos anos: “se antes havia uma preocupação exagerada quanto à perfeição com que a criança deveria traçar letras, hoje já nos interessam mais a clareza, a imaginação e o interesse que a criança demonstra pela expressão escrita” (CARREGAL, 1964, p. 22).

De acordo com a autora, a aprendizagem da escrita é um interesse natural das crianças que chegam às escolas com o desejo de saber ler e escrever. Assim, é responsabilidade da professora aproveitar essa motivação para atingir o principal objetivo desse ensino que consiste em escrever corretamente, com clareza, precisão, naturalidade e bom gosto. É salientada, ainda, a importância do período preparatório que inicialmente se baseia na imitação, pois a autora lembra que em suas vidas as crianças têm oportunidades de observarem o uso da escrita e sua utilidade, provavelmente tentando imitar os movimentos. Nesse período, sugere-se atividades para a obtenção da coordenação visomotora, como:

desenho, pintura, recorte, modelagem e dobradura, alinhavo, enfição e costura, trabalhos com madeira, quebra-cabeça e exercícios de encaixe, cópia de figuras, traçado de linha acompanhando labirinto, exercícios ritmados no quadro ou no papel, cantando alto, o movimento da esquerda para a direita, que é treinado em exercícios em que se seguem direções e unem-se pontinhos. Também neste período devem as crianças serem levadas a adquirir uma posição correta e confortável para a escrita. (CARREGAL, 1964, p. 22)

Considerando esse estágio preparatório, a autora distingue três fases no progresso da criança com relação à escrita:

- 1) escreve, imitando na carteira, os movimentos que a professora executa no quadro-negro (cópia dirigida).
 - 2) cópia do quadro-negro, porque já memorizou os movimentos que deve executar, mas não a forma da letra em si.
 - 3) escrita independente – já memorizou a forma da letra e o seu traçado – escreve então sozinha.
- (CARREGAL, 1964, p. 22)

Carregal ressalta que a repetição pura e mecânica não produz efeitos reais a fim de atingir os objetivos do ensino da escrita. Embora o treino sistemático seja necessário, deve ser incentivado através de atividades de jogo e brincadeira para que a criança deseje praticar a

escrita. Nesse sentido, as aulas destinadas a esse treino devem ser curtas – 10 a 20 minutos no máximo – podendo inclusive ser propostas com trabalho em grupo.

Concluindo o artigo, a autora passa a refletir acerca dos debates que envolvem a escolha do tipo de letra que deve ser usado no início da aprendizagem da escrita. Apesar de destacar que os partidários da letra cursiva a defendam por considerarem que a criança quando do ingresso na escola primária já tem maturidade para escrever ligando letras, a autora parece defender o uso da letra “script”, empregada pelos americanos, indicando que é também empregada na maioria das escolas gaúchas. Por fim, enumera os aspectos que contribuem para sua recomendação, a saber: o fato de ser mais simples que a cursiva, pois não requer uma coordenação motora tão perfeita, e a sua forma ser mais familiar à criança, já que se assemelha à letra de imprensa usada em livros, anúncios e jornais.

Finalmente, no número 123 da *Revista do Ensino/RS*, o artigo *A escrita na escola primária* (s.m./1969), de Doris Ramos de Mota, Vera Paes Leite e Neusa Junqueira Armellini, professoras do Curso Primário de Aplicação da Escola Anexa, consiste no relato da técnica adotada no ensino da escrita com relação à passagem da letra “script” para a letra cursiva. De acordo com as autoras, o trabalho teve início em 1962 e foi fundamentado em estudos de Frank Freeman, Ormindia Marques e A. Anderson, tendo como base os postulados relativos à motivação e centralidade do aluno no processo de aprendizagem que caracterizam a Escola Nova. Importa salientar que dentre as referências bibliográficas do artigo em questão, consta o livro *A escrita na escola primária*, de Ormindia Marques. À primeira vista, destaca-se o caráter diferenciado da publicação do artigo no periódico, apresentado em colunas, com subtítulos, quadros com destaques, como pode ser visto na imagem abaixo:

A escrita na escola primária



DORIS RAMOS DA MOTA,
VERA PAES LEITE, NEUSA
JUNQUEIRA ARMELLINI —
Curso Primário de Aplicação
— Escola Anexa

I – INTRODUÇÃO

O presente trabalho relata a técnica que temos adotado no ensino da escrita, no que se refere à passagem da letra “script” para a letra cursiva. Foi iniciado em 1962, fundamentando-se em estudos realizados nos autores Frank N. Freeman, Orminda Marques e A. Anderson.

II – PRINCÍPIOS ORIENTADORES DA APRENDIZAGEM PRESENTES DURANTE A REALIZAÇÃO DO TRABALHO

- Tõda a aprendizagem é modificação de comportamento.
- Tõda a aprendizagem é auto-aprendizagem.
- A aprendizagem é um processo global, cumulativo, único e individual.
- Tõda a aprendizagem é motivada.
- Tõda a aprendizagem envolve atividade por parte daquele que aprende.
- Cada indivíduo aprende segundo seu ritmo próprio de aprendizagem.
- Tõda a aprendizagem melhor se efetiva quando se realiza em pequenas etapas.
- O aluno aprende melhor quando verifica imediatamente a sua resposta.

III – A ESCRITA E A CALIGRAFIA NA ESCOLA PRIMÁRIA

“A escola deve fornecer a cada indivíduo os meios de participar, plenamente, de acõrdu com as suas capacidades naturais, na vida social e econômica da civilização moderna, aparelhando-o, simultaneamente, para compreender e orientar-se dentro do ambiente em perpétua mudança, que caracteriza esta civilização.”

Anísio Teixeira

IV – O PORQUÊ DA REALIZAÇÃO DO NOSSO TRABALHO

Nossos alunos iniciam sua aprendizagem de escrita, utilizando-se da letra script. Justifica tal posição o fato da aprendizagem do “script” reduzir o esforço físico da criança, porque não apresenta os complexos movimentos e ligações da cursiva.

Ao chegarem ao nível de 3.º e 4.º

A escrita é um instrumento necessário para que o aluno possa participar efetivamente do mundo de hoje. É ela uma técnica valiosa, porque possibilita o enriquecimento das experiências de aprendizagem da criança, promovendo a sua auto-expressão e concorrendo para o seu processo de socialização.

Dentro do contexto da escrita, ocupa a caligrafia papel relevante. O ensino da caligrafia, nas escolas de nossos dias, se apresenta com um caráter funcional, fazendo parte ativa de todo o processo de aprendizagem.

A caligrafia visa atender às atuais exigências de clareza, legibilidade e rapidez, justificando-se a sua presença no currículo da Escola Primária, e exigindo especial atenção por parte do professor.

Figura 30: Página do artigo *A escrita na escola primária* (MOTA; LEITE; ARMELLINI, 1969, p. 16).

No texto, as autoras tratam a escrita como um instrumento essencial para que as crianças possam participar da vida social e enfatizam sua importância como meio de comunicação e

expressão. Nesse contexto, a caligrafia exerce papel relevante, pois “visa atender às exigências de clareza, legibilidade e rapidez, justificando a sua presença no currículo da Escola Primária, e exigindo especial atenção por parte do professor” (MOTA; LEITE; ARMELLINI, 1969, p. 16). Segundo as autoras, nas escolas a caligrafia constitui parte ativa de todo o processo de aprendizagem uma vez que apresenta o caráter funcional.

A justificativa do trabalho desenvolvido pelas autoras e apresentado neste artigo se deve à utilização da letra “script” no início da aprendizagem da escrita, pois esta não exige o esforço físico que, por sua vez, é exigido nos movimentos da letra cursiva. No entanto, o ensino da letra cursiva se faz necessário, pois, de acordo com as autoras, há uma imposição da família e da sociedade para seu uso, além de um grande interesse por parte das próprias crianças em aprender esse tipo de escrita. Nesse sentido, as autoras desenvolvem uma técnica adaptada ao contexto, com base nos autores já mencionados, e que consiste na passagem, no 3º ou 4º ano do ensino primário, da letra “script” para a letra cursiva.

Portanto, segundo Mota, Leite e Armellini, quanto aos alunos, os objetivos a partir desse trabalho consistiam em:

- desenvolver a habilidade de escrever a letra cursiva de maneira clara, legível e rápida;
- dominar a técnica da escrita da letra cursiva: aquisição de tamanho normal da letra; aperfeiçoamento da forma, uniformidade da inclinação e do espaçamento; maior desembaraço de movimentos e leveza de traços;
- formar atitudes higiênicas na realização dos trabalhos escritos: posição do corpo, do lápis, inclinação do papel;
- formar uma atitude de disponibilidade, gosto e interesse pela apresentação estética dos trabalhos escritos: margem, parágrafo, colocação de títulos, disposição elegante;
- desenvolver a capacidade de orientar a sua própria aprendizagem, esforçando-se por atingir os objetivos propostos, através de uma positiva autocompetição.

(1969, p. 17)

O desenvolvimento do trabalho abarcava a preparação do professor, por meio de fundamentação em bibliografia especializada, a elaboração de um plano de ação, a realização de exercícios específicos visando à obtenção do domínio dos movimentos e do traçado das letras e a preparação cuidadosa dos materiais para trabalho com os alunos. Isto porque o ensino da escrita estava baseado, em especial na fase inicial, na imitação, sendo imprescindível que a professora escrevesse bem, corretamente e de forma legível, servindo como exemplo e estímulo para que a criança desenvolvesse uma boa escrita.

O procedimento relativo à realização do trabalho da criança é apresentado pelas autoras, subdividido em seis momentos, minuciosamente explicados. O primeiro consiste no planejamento da atividade a partir dos interesses dos alunos e a apresentação de algumas normas, tais como a conservação do lápis bem apontado, o cuidado com a posição do corpo, do papel e do lápis e a recomendação de trabalhar com calma, atenção e disposição. Em seguida, é proposta uma série de atividades graduadas, que correspondem aos exercícios preparatórios recomendados por Ormindia Marques, seguindo o roteiro já apresentado em outros artigos anteriormente tratados: traçado pela professora no quadro, realização do movimento no ar com a marcação do ritmo acompanhada de música, reprodução do movimento no quadro e no ar por parte das crianças (duas a duas), realização do movimento várias vezes, pelas crianças, em folhas grandes com giz ou lápis coloridos.

Após esse trabalho inicial, a professora deveria escrever no quadro palavras em “script”, cobrindo-as e ligando as letras com giz colorido, evidenciando assim as relações entre a letra “script” e a cursiva. A partir disso, a criança perceberia que a letra deve ser clara e legível e o traçado e o movimento uniformes e corretos. Ademais, que o lápis só deve ser afastado do papel depois de escrita toda a palavra, acrescentando-se os pingos, traços e acentos. Perceberia, por fim, aspectos com relação ao tamanho das letras maiúsculas e minúsculas e o espaço que devem ocupar nas linhas. As autoras, ainda, sugeriam que tais normas fossem escritas em um cartaz a ser afixado na sala de aula.

Em um quarto momento o procedimento adotado nos exercícios preparatórios deveria ser desenvolvido com o traçado das letras, utilizando, inicialmente, a correspondência entre a letra “script” e a cursiva, passando para a repetição de uma mesma letra no quadro para que a criança sentisse o ritmo do movimento e das ligações. Partindo do traçado no ar, passando pelas folhas grandes com giz e chegando às folhas mimeografadas com um modelo a ser copiado, as autoras sugeriam que conforme as letras fossem sendo trabalhadas, um trabalho similar com sílabas fosse orientado. Outra sugestão consistia na produção de fichas com cada letra (maiúscula e minúscula) para a organização de um cartaz com o alfabeto a ser afixado na sala para futuras consultas. Esse trabalho, realizado com as letras agrupadas com base nos movimentos do seu traçado, seguia a mesma organização proposta por Ormindia Marques no livro *A escrita na escola primária* (Figura 8), como pode ser verificado na figura abaixo:

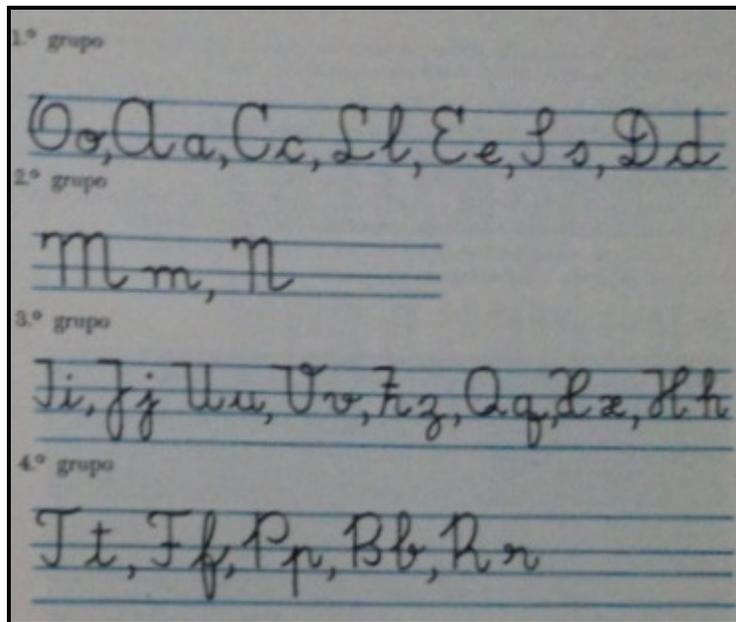


Figura 31: Grupos de letras por traçado (MOTA; LEITE; ARMELLINI, 1969, p. 19).

Conforme as crianças dominassem o traçado das letras, passariam a escrever palavras e frases, chegando, por fim a escrever com clareza, desembaraço e certa rapidez, a utilizar a escrita cursiva de modo funcional em situações como escrita do nome em placa a ser afixada na classe, escrita da data, do plano do dia, de frases ou pequenos textos até chegar à escrita de todos os trabalhos desenvolvidos em aula. Entretanto, as autoras ressaltavam que as atividades de caligrafia deveriam ser dosadas, pois consideravam que a qualidade da escrita é mais importante do que a quantidade.

Na conclusão do artigo as autoras apontam alguns princípios orientadores da técnica, tais como: alertar as crianças para que sigam as normas preestabelecidas, levando-as a avaliar seus trabalhos, orientar e verificar o trabalho de traçado das letras individualmente, considerando o ritmo de cada criança, daí que o aluno não deveria ser apressado e a professora deveria estimulá-lo e incentivá-lo a progredir. Sugeriam, inclusive, que a professora organizasse uma coleção de materiais das crianças para que elas mesmas pudessem avaliar seus avanços na aprendizagem da escrita cursiva. Além disso, as autoras destacavam que mesmo com o desenvolvimento da escrita de forma corrente, não dever-se-ia abandonar o exercício com as letras, permitindo à criança superar possíveis dificuldades.

Fica evidente, portanto, e as autoras reforçam tal ideia na conclusão do artigo, que a professora tem o papel de orientadora e estimuladora da aprendizagem dos alunos, devendo servir como exemplo de boa escrita.

A leitura do material acima descrito possibilita afirmar que, seguindo o propósito da *Revista do Ensino/RS*, os artigos nela publicados acerca do ensino da escrita, de modo geral, têm como finalidade divulgar práticas e experiências desenvolvidas nesse âmbito, com vistas à formação docente. Reflexões sobre a decadência da qualidade da escrita, o papel do professor, o melhor tipo de letra, sugestões de exercícios e atividades são uma constante nos diferentes números deste periódico.

Com relação às referências ao estudo desenvolvido por Ormindia Marques sobre o ensino da escrita na escola primária, destacam-se as aproximações com o sistema muscular, através do trabalho com o ritmo, utilizando músicas, contagem e jogos para a aquisição dos movimentos da escrita, além das semelhanças entre os objetivos a serem alcançados no ensino da escrita e o modo de verificar o progresso desse trabalho.

O ideário escolanovista é reforçado nas propostas direcionadas à prática pedagógica dos professores leitores da *Revista do Ensino/RS*. Como foi afirmado antes, os artigos desta revista visam à renovação das práticas educativas. Embora em seus artigos o periódico se reporte a proposições elaboradas nos anos 1930 pela professora Ormindia Marques, considerando este caso específico do ensino da escrita, vale lembrar que este tipo de impresso tem um caráter de novidade e de atualidade. Por essa razão, este é mais um indício da persistência no tempo das ideias, das práticas e das recomendações de Ormindia Marques, tomadas como atuais por décadas após sua elaboração.

Além disso, é visível nos artigos acima apresentados a ênfase dada a seus autores. Trata-se de autores professores, que com esse título assumem um caráter de autoridade no assunto, mas também evidenciam uma das grandes contribuições do movimento da Escola Nova, ou seja, a atuação do professorado no desenvolvimento de estudos e pesquisas, contribuindo para a valorização da educação como ciência. Há ainda a indicação da instituição a qual cada autor ou autora pertence e a preocupação em apresentar relatos de experiência como exemplo para os leitores.

Apesar de dois dos artigos dedicarem-se a refletir de forma mais abrangente os fundamentos do ensino da escrita, é possível identificar uma maior atenção aos aspectos práticos deste ensino.

Tomando como referência o livro *A escrita na escola primária*, é possível afirmar que a apropriação explícita nos documentos até aqui descritos apresenta-se de diferentes formas. Nos manuais e em parte dos artigos da *Revista do Ensino/RS* nota-se a repercussão da obra de Orminda Marques nas questões teóricas relativas ao ensino da escrita, em especial no que concerne aos objetivos, aos fundamentos, à avaliação.

Por outro lado, merecem destaque os dois artigos apresentados acima que possuem um caráter mais prático, fundamentando suas propostas nas sugestões de atividades e exercícios elaborados por Orminda que, associados ao sistema muscular, baseiam-se no ritmo.

Com relação à apresentação tipográfica deste material é relevante destacar alguns aspectos que são característicos dos periódicos da época. Evidentemente, a diagramação do texto neste suporte é diferente do suporte livro. O texto é disposto em colunas, apresenta quadros com destaques, há ainda a utilização de cores e imagens em alguns artigos. Estes recursos podem ser tratados como protocolos de leitura, pois como afirmado anteriormente com relação aos manuais pedagógicos, tais recursos guiam o leitor ao enfatizar palavras e ideias que o autor considera mais significativo para a compreensão do texto.

Ainda sob esse aspecto, se faz necessário salientar a importância do suporte na relação da leitura com um texto. De acordo com Chartier (1998), esta relação “depende, é claro, do texto lido, mas depende também do leitor, de suas competências e práticas, e da forma na qual ele encontra o texto lido ou ouvido” (p. 152). Nesse sentido, é pertinente refletir sobre o texto publicado em diferentes suportes, especificamente tratando da análise nesta dissertação das repercussões da obra de Orminda Marques.

Levando em conta o grande interesse de propagação do ideário da Escola Nova e a utilização, à época, dos impressos para este fim, importa considerar as diferentes formas de tais impressos e, conseqüentemente, as diferentes formas de recepção dos textos. Em outras palavras, a leitura de um texto é diferente dependendo do suporte no qual ele é oferecido ao leitor. A leitura de um texto em um manual pedagógico, por exemplo, poderia ser associada ao estudo aprofundado do tema e à formação do professor, enquanto a leitura de um texto em um periódico é mais objetiva e sintética, associada ao cotidiano pedagógico. Assim, tomando como texto

comum as proposições de Ormindia Marques, deve-se considerar os diferentes modos de ler este texto nos diferentes suportes em que se apresenta aos leitores, o que justifica o mérito do estudo de suas repercussões no tempo.

3.3 Comunicados do CPOE/RS

O Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul (CPOE/RS), vinculado à Secretaria de Educação e Cultura (SEC/RS), surgiu inserido no contexto de renovação educacional e de expansão da escolarização no Estado. Segundo Claudemir de Quadros,

os técnicos em educação do CPOE/RS preocuparam-se, principalmente, com a produção de um conhecimento especializado acerca dos estudantes e do processo de ensino-aprendizagem, alcançado por meio de estudos e pesquisas, e com o desenvolvimento profissional do magistério, que envolvia o planejamento, a coordenação e a avaliação do trabalho do professor, com vistas a alcançar a produção de uma força de trabalho disciplinada e mobilizada para efetivar a renovação educacional, na direção da implantação dos princípios escolanovistas. (2006, p. 124)

O autor afirma que para cumprir com tal finalidade, o CPOE/RS recorreu a diferentes meios, tais como “cursos, seminários, palestras, missões pedagógicas, subsídios de orientação, comunicados” (QUADROS, 2006, p. 125) e ainda assinala que “a escrita era objeto de atenção proeminente dos técnicos do Centro” (*Ibid.*, p. 269).

Motivada por esta pista lançada pelo autor, no presente estudo buscou-se localizar documentos do CPOE/RS que tratassem do ensino da escrita e que mencionassem o estudo desenvolvido por Ormindia Marques. Dentre os documentos do CPOE, destacam-se os Comunicados, que, de acordo com Quadros (2005),

chegavam aos professores com orientações de como proceder, por exemplo, em relação aos critérios e tipos de questões de verificação do rendimento da aprendizagem; atividades para estudos sociais e estudos naturais na escola primária; sugestões para o ensino de matemática, da linguagem e da ortografia; orientações para o planejamento escolar e para orientação educacional; instruções para organização e funcionamento da “hora pedagógica” e os objetivos gerais que deviam ser visados pelo professor nas comemorações do dia da criança. Mais do que simples orientações de como proceder, os Comunicados definiam os objetivos das atividades propostas, as normas para o desenvolvimento do trabalho, as atividades a serem

desenvolvidas, a bibliografia a ser utilizada, os exercícios a serem propostos e os critérios para a avaliação. No âmbito desses Comunicados, destaca-se, portanto, uma preocupação com o planejamento rigoroso do fazer docente, a ser feito racionalmente. (p. 40-41)

A seguir serão apresentados dois Comunicados publicados na *Revista do Ensino/RS* que atestam a circulação dos mesmos não somente através da SEC/RS, mas também veiculados neste importante periódico da época que circulava entre os professores de todo o Estado.

No número 91, ano 1963, da *Revista do Ensino/RS*, consta publicado o comunicado do CPOE/RS intitulado *A escrita* (abr./1963). Trata-se de um documento de orientação aos professores sobre os objetivos, os fundamentos, os exercícios e a avaliação recomendada com relação ao ensino da escrita que apresenta em sua bibliografia o livro *A escrita na escola primária*, de Ormindia Marques. Neste Comunicado, a escrita é concebida como meio de comunicação e de expressão. Sugere que a mesma seja incluída nos programas de ensino “adequados e bem adaptados ao nível de maturidade, à capacidade, aos interesses atuais e às necessidades de desenvolvimento dos alunos” (CPOE/RS, 1963, p. 2).

No mesmo Comunicado são apontados, pormenorizadamente, os objetivos do ensino da escrita, a saber:

- A. Aumentar e fortalecer o interesse pela escrita, levando ao conhecimento do aluno um determinado número de situações em que a mesma o ajude a alcançar os fins desejados.
 - B. Ajudar o aluno a vencer dificuldades na aprendizagem da escrita, estudando cuidadosamente a natureza e as causas das referidas dificuldades, dando a cada caso tratamento específico.
 - C. Estimular o aluno a fazer uso da escrita para solucionar suas próprias necessidades, quer como recurso que facilite a aprendizagem quer como meio de auto-expressão.
 - D. Favorecer a legibilidade, isto é clareza, uniformidade no traçado, de modo a facilitar a leitura, porque, escrita também é meio de comunicação.
 - E. Desenvolver rapidez, considerando as exigências da vida moderna.
 - F. Proporcionar ao aluno atividades que o levem à formação de hábitos e habilidades relativas a uma disposição elegante e a uma apresentação cuidadosa de títulos e textos, o que virá concorrer para a sua educação estética.
- (CPOE/RS, 1963, p. 2)

A aprendizagem da escrita deveria, sobretudo, orientar-se pelo interesse do aluno pelo trabalho, interesse pela ação, pelo domínio de uma nova técnica, pela comunicação de suas ideias e pelo belo, ou seja, pela apresentação estética dos trabalhos. Para isso, são sugeridas atividades

que envolvam o jogo, situações que favoreçam o contato do aluno com o escrito e situações que provoquem no educando o desejo de expressão por escrito.

Além disso, o Comunicado do CPOE/RS de 1963 ressalta a importância do acompanhamento constante dos progressos dos alunos, de forma individual, através da comparação de suas escritas no desenvolvimento do trabalho, e salienta que a prática da escrita seguindo esses preceitos deve ser sistemática e contínua.

Os exercícios de escrita são classificados em três tipos: preparatórios, de desenvolvimento da escrita e corretivos da escrita. No que diz respeito aos exercícios preparatórios, há o objetivo de desenvolver as habilidades manuais na criança. Para isso, são propostos exercícios de ginástica, exercícios de corte, colagem, modelagem, traçado, alinhavo, etc. e exercícios de desenho que se constituem em um ótimo exercício muscular. Ao tratar dos exercícios de desenvolvimento da escrita, o Comunicado explicita a preferência pelo uso da letra “script” na fase inicial da aprendizagem da escrita e aponta suas vantagens:

- 1) as letras são de forma mais simples;
 - 2) emprega, com pequenas diferenças, o mesmo alfabeto que as crianças encontram na leitura;
 - 3) proporciona satisfação aos alunos que aprendem a expressar ideias sobre o papel com maior rapidez;
 - 4) há menor tensão dos olhos, diminuindo a possibilidade de cansaço físico;
 - 5) estimula o espírito criador, porque facilita a expressão escrita;
 - 6) tende a criar segurança emocional por sua clareza;
 - 7) está adaptado ao desenvolvimento muscular e motor da criança.
- (CPOE/RS, 1963, p. 4)

Já para os alunos mais avançados, é recomendado o ensino da letra cursiva, momento no qual se deve atentar para a legibilidade, a clareza e a uniformidade do traçado. Ademais, o Comunicado registra a preocupação com o material a ser utilizado pela criança e com a sua posição ao escrever, salientando ainda deficiências em escrita e sugestões de exercícios corretivos, tais como: a escrita espelhada, as disgrafias ou troca de letras e a escrita com a mão esquerda, devendo, nessa última situação, o professor ter certeza de que a criança é canhota, não forçando, nesse caso, o uso da mão direita.

Por fim, o Comunicado trata da avaliação da escrita, levando em conta a correção da escrita, a regularidade, uniformidade e proporção do traçado das letras, a legibilidade e o respeito às normas de organização da escrita (respeito às margens, parágrafos, distribuição na folha, etc.).

Assim como defendido por Ormindia Marques, este Comunicado afirma que nos anos iniciais a preocupação maior é com a qualidade da escrita, devendo somente a partir do terceiro ano do ensino primário ser desenvolvida, progressivamente, a rapidez na escrita, sem prejuízo da clareza, da legibilidade e da boa apresentação já adquiridas e consideradas indispensáveis à boa escrita.

Com relação ao Comunicado do CPOE/RS acima apresentado, é possível salientar aspectos que apontam para apropriações do texto de Ormindia Marques, tais como: concepção da escrita como meio de comunicação e expressão; objetivos do ensino da escrita correspondentes à legibilidade, rapidez e elegância; valorização dos interesses dos alunos por meio de sugestões de atividades de jogo e situações que favoreçam o contato do aluno com o escrito e que provoquem o desejo de expressão por escrito; acompanhamento dos progressos de forma individual através da comparação de suas escritas no desenvolvimento do trabalho; proposição de exercícios preparatórios para o treino dos movimentos musculares; avaliação da escrita com relação à legibilidade e, progressivamente, à rapidez na escrita.

No número 114 da *Revista do Ensino/RS* consta o Comunicado do CPOE/RS intitulado *Orientações bibliográficas para o ensino primário – II* (s.m./1967). Apesar de se tratar de uma listagem de títulos de livros, importa destacar esse Comunicado devido à recomendação do livro de Ormindia Marques, *A escrita na escola primária*, entre as obras indicadas para o professorado. Tal indicação confere certo valor à obra, lembrando que o CPOE/RS era um órgão da Secretaria de Educação e Cultura do Estado. Além disso, importa salientar que em nota explicativa informa-se que o que orientou a organização dessa listagem foi a praticidade, ou seja, foram incluídos os livros de aquisição mais fácil.

Com o intuito de orientar os professores quanto à prática pedagógica, os Comunicados do CPOE/RS são sucintos. Os dois exemplos destacados neste trabalho têm objetivos diferentes. O primeiro comunicado apresenta, em linhas gerais, orientações sobre o ensino da escrita no ensino primário, considerando objetivos, fundamentos, sugestões de exercícios e atividades e avaliação. Com exceção da recomendação do uso da letra “script” nos dois primeiros anos, as proposições são muito semelhantes àquelas elaboradas por Ormindia Marques nos anos 30. Contudo, o segundo comunicado trata somente de orientações bibliográficas, recomendando o livro *A escrita na escola primária* ao professorado.

A contribuição desse Comunicado reside na informação que consta na nota explicativa que afirma que os livros que integram tal listagem foram selecionados por terem maior

disponibilidade de aquisição. Este dado é outro indício de que o livro de Ormindia circulou no Brasil por um amplo período, nesse caso, por cerca de 30 anos após sua primeira publicação, considerando que o comunicado foi publicado na *Revista do Ensino/RS* em 1967, ou pelo menos que se encontrava disponível em bibliotecas de consulta do professorado à época.

Importa salientar a forte influência do movimento da Escola Nova, não somente na formação do CPOE/RS, mas também nos preceitos por ele divulgados entre os professores. Os comunicados emitidos por este órgão consistiam em recomendações do que deveria ser adotado nas escolas com base em estudos desenvolvidos pelo Centro.

Ambos os comunicados apresentados neste estudo apontam, como já foi destacado anteriormente, para a circulação da obra de Ormindia Marques, assim como para sua apropriação por parte do público leitor. Entretanto, os comunicados, e em especial o primeiro apresentado neste trabalho, pode ser considerado um ponto de intersecção entre os manuais pedagógicos e os artigos publicados na *Revista do Ensino/RS*. Isto porque sua apresentação tipográfica é muito semelhante àquela característica de artigos, e principalmente nesse caso em que eles são publicados na *Revista do Ensino/RS*, com subtítulos, colunas, destaques. Porém, seu texto assemelha-se aos textos dos manuais pedagógicos, pois, de forma sintética, o comunicado trata dos objetivos, dos fundamentos, dos exercícios e da avaliação no ensino da escrita. Além disso, justamente o fato de terem sido publicados neste importante periódico da época, possibilitou uma maior divulgação dos conteúdos destes comunicados entre o professorado.

A amplitude do circuito de comunicação da obra de Ormindia Marques passa pelo contexto de produção de seu próprio texto. O ideário da Escola Nova permeia sua obra desde os primeiros ensaios, publicados nos *Arquivos do Instituto* até a coleção de cadernos *Escrita Brasileira* e, paralelamente a isso, evidencia-se a influência e a orientação de Lourenço Filho no seu trabalho. Toma-se, portanto, nesta dissertação, o livro *A escrita na escola primária* como fonte nuclear, que circulou entre os professores por décadas, que foi apropriado por outros educadores que, a partir de suas leituras do texto elaborado pela autora, produziram novos textos amplamente difundidos em diferentes suportes.

Considerações Finais

A fim de conclusão do trabalho se faz necessário retomar o percurso de pesquisa e as reflexões suscitadas neste processo. Tendo em vista o principal objetivo desta dissertação, ou seja, identificar repercussões da obra de Ormindia Marques no tempo, convém apresentar uma apreciação geral dos indícios que levaram a constatar a persistência da obra da autora pelo menos até meados dos anos 60, afirmação fundamentada nos documentos da pesquisa. Importa reforçar que tais documentos consistem nas publicações da educadora e publicações que a tomaram como referência, a saber, manuais de linguagem, periódicos educacionais e orientações ao professorado da rede pública de ensino.

O primeiro indício da repercussão das proposições de Ormindia identificado nesta pesquisa refere-se ao levantamento bibliográfico no qual foi possível verificar que diversos pesquisadores em história da educação têm se dedicado ao estudo do livro *A escrita na escola primária*. Nestes estudos a relevância do trabalho da educadora para a história da alfabetização no Brasil é associada, fundamentalmente, à incorporação dos preceitos da Escola Nova em sua obra.

Nesse sentido, tem destaque a proximidade de Ormindia Marques com Lourenço Filho, proximidade estabelecida, inicialmente, pelo trabalho conjunto no Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ) e aprofundada pelo interesse comum na difusão do ideário escolanovista. Lourenço Filho é o orientador e motivador do estudo da boa escrita desenvolvido pela educadora que origina suas publicações sobre o tema. Além disso, o fato de o livro *A escrita na escola primária* integrar a *Coleção Bibliotheca de Educação* organizada por Lourenço Filho conferiu uma indiscutível legitimidade à obra da autora.

A fim de estabelecer a relação entre estes educadores foi apresentado um panorama geral do movimento da Escola Nova a partir de seus princípios gerais, do contexto histórico que permitiu a introdução deste ideário na educação brasileira e os principais educadores que representaram este movimento. Ainda, foi realizado um estudo do livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, de autoria de Lourenço Filho, com a finalidade de identificar os pressupostos que fundamentaram a experimentação de Ormindia Marques e as proposições a partir dela elaboradas e publicadas.

Na análise da obra de Ormindá, que abrangeu duas publicações no periódico *Arquivos do Instituto de Educação*, o livro *A escrita na escola primária* e a coleção de cadernos *Escrita Brasileira*, fica evidente a influência de Lourenço Filho no que diz respeito à preocupação com as questões psicológicas que envolvem o ensino, neste caso o ensino da escrita, em especial quanto às proposições que tratam da motivação da criança e a utilização de jogos, brincadeiras, músicas e dramatização nos exercícios e atividades.

Considerando, portanto, o contexto de produção da obra de Ormindá Marques, este estudo deteve-se em refletir sobre seu circuito de comunicação. A partir dos documentos da pesquisa – manuais de linguagem, *Revista do Ensino/RS* e comunicados do CPOE/RS – foi possível identificar diversos indícios de repercussões das proposições da educadora no tempo. As aproximações podem ser sintetizadas da seguinte forma: referências ao sistema muscular por meio da recomendação do trabalho com o ritmo, utilizando o jogo, a música e a contagem para o desenvolvimento dos movimentos caligráficos; apresentação dos objetivos a serem alcançados no ensino da escrita – legibilidade e velocidade – e a verificação da aquisição destas características; ecos dos princípios da Escola Nova, em especial, na incorporação da motivação no ensino, na valorização dos interesses da criança e sua centralidade no processo de ensino-aprendizagem.

Os documentos da pesquisa foram selecionados por apresentarem como referência o livro *A escrita na escola primária*, que é também recomendado para os professores em um dos Comunicados do CPOE/RS pela maior facilidade de aquisição do livro ainda no final dos anos 60. Deste modo, fica evidente que tal impresso circulou e foi apropriado por diferentes educadores, leitores da obra, mas também autores. A importância dos autores se expressa na inclusão de referências a respeito dos cargos que ocupavam e das instituições as quais pertenciam. O fato de todos os autores serem professores atuantes explicita a preocupação em fazer da educação uma ciência, uma das grandes contribuições do movimento escolanovista.

Ademais, a inclusão de textos inspirados nas proposições elaboradas por Ormindá Marques e, conseqüentemente, a referência e a divulgação de seu nome em importantes publicações tais como a *Revista do Ensino/RS* e os Comunicados do CPOE/RS contribuem também para atribuir um sentido de verdade, portanto de legitimidade e autoridade aos estudos da autora no Rio Grande do Sul.

No entanto, o foco maior de análise nesta dissertação é direcionado às questões do âmbito dos estudos sobre o livro e a leitura. Nesse sentido, destaca-se ainda como fator para a circulação

dos preceitos publicados na obra de Ormindia Marques e que repercutiram nos documentos analisados neste trabalho a inclusão dos textos em empreendimentos editoriais, tais como coleções pedagógicas e periódicos educacionais. Tais publicações tiveram grande importância na época como instrumentos de divulgação do ideário da Escola Nova. Além disso, com a intenção de instruir o professorado (em formação ou já formado) nesse contexto de renovação, estas publicações apresentam de forma sistematizada os objetivos, fundamentos, modos de avaliar o ensino da escrita, sugestões de exercícios e atividades, relatos de experiência, etc.

Faz-se necessário ressaltar importantes aspectos com relação à materialidade dos impressos. Os manuais de linguagem se apresentam na forma de livros de formato pequeno, embora com significativo número de páginas, sem uso de cor e com raras ocorrências de imagens. Por outro lado, os artigos da *Revista do Ensino* e também os Comunicados do CPOE/RS, se apresentam em formato maior (A4), com os textos dispostos em colunas, utilizam quadros para destaque de ideias, além de cores e imagens. Soma-se a utilização de quadros para destaque de idéias, a organização dos textos em subtítulos para delimitação dos assuntos dos textos, a utilização de sínteses, notas, citações e questionamentos que instituem protocolos de leitura cuja finalidade é a de salientar para o leitor aquelas ideias consideradas mais relevantes pelo autor o que acaba por guiar a leitura do texto e, pelo menos em sua intenção, controlar os significados atribuídos aos textos pelos leitores, o que se considerava a correta e boa compreensão.

Considerando os estudos de Chartier acerca do tema, estes indícios são relevantes para a reflexão sobre os modos de ler e, conseqüentemente, sobre as apropriações destes textos impressos. Isto porque se considera que ao modificar o suporte do texto, modifica-se também a leitura deste texto. A leitura de um texto em manual, associado ao estudo, é certamente diferente da leitura de um texto em uma revista, associada à atualidade. Vale reafirmar que a utilização do estudo de Ormindia Marques como referência inclusive em publicações tidas como atuais é também indício de sua repercussão no tempo e da importância de suas formulações para o ensino da escrita.

As repercussões da obra de Ormindia Marques, no tempo, em diferentes manuais pedagógicos, nos artigos publicados na *Revista do Ensino/RS* e nos Comunicados do CPOE/RS reafirmam sua importância na história do ensino da escrita no Brasil e, especificamente tratado neste estudo, no Rio Grande do Sul. Viñao Frago (2001) lembra que toda leitura é uma interpretação “que se realiza a partir de um contexto diferente, por um leitor real que já não pode

intervir, em interação dinâmica, no processo de produção textual, mas que dá vida ao texto em cada específica e irrepetível recepção e apropriação do mesmo” (p. 16). Foi nesse sentido que se desenvolveu este estudo.

Referências

BASTOS, Maria Helena Camara. **A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): o novo e o nacional em revista**. Pelotas: Seiva, 2005.

BASTOS, Maria Helena Camara; CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. (Orgs.). **O curso de Lourenço Filho na Escola Normal do Ceará: 1922-1923: as normalistas e a pedagogia da Escola Nova**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

_____. **Álbum com Pequenos Trabalhos de Pedagogia: as normalistas da Escola Normal do Ceará e a pedagogia da Escola Nova (1923)**. Santa Maria, RS: Editora UNIFRA, 2011. (CD-ROM).

BASTOS, Maria Helena Camara; STEPHANOU, Maria. Traçar letras, palavras e números: caligrafar gestos da escrita e da vida. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Não me esqueça num canto qualquer**. Catálogo de exposição realizada por ocasião do III Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica, em Natal, 2008. (CD-ROM).

BRAGA, Rosa Maria de Souza. **Caligrafia em pauta: a legitimação de Ormindia Marques no campo educacional**. 2008. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008a. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=118121>. Acesso em: 12 dez. 2011.

_____. "A boa letra tem grande importância": Ormindia Marques e as prescrições sobre a escrita. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008b. p. 115-128.

BUNDIN, J. **Metodologia da Linguagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sergio Goes de Paula. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas; ASSIS, Raquel Martins de; LOURENÇO, Érika. Lourenço Filho, a Escola Nova e a Psicologia. In: LOURENÇO FILHO, M. B.. **Introdução ao Estudo da Escola Nova: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea**. 14. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

CARNEIRO, Orlando Leal. **Metodologia da Linguagem**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1951.

CARREGAL, Adélia de Campos. Escrita na escola primária. In: **Revista do Ensino**. Porto Alegre: SEC/RS, n. 98, 1964. p. 22-23.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A Escola Nova e o impresso: um estudo sobre estratégias editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.). **Modos de ler, formas de escrever: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 65-86.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Coord.). El tiempo de la cultura escrita: a modo de introducción. In: _____. **Historia de la cultura escrita: Del Proximo Oriente Antigo a la sociedad informatizada**. Gijón: Trea, 2002. p. 317-355.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. Introdução. In: _____. **História da Leitura no Mundo Ocidental**. v. 1. Coleção Múltiplas Escritas. Tradução de Fulvia M. L. Moretto (italiano), Guacira Marcondes Machado (francês) e José Antônio de Macedo Soares (inglês). Revisão técnica de Maria Thereza Fraga Rocco. São Paulo: Ática, 1998. p. 5-40.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Conversações com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992. P. 211-238.

COLOTTA, Pablo. Escritura y poder en la escuela nueva Argentina. In: CUCUZZA, Héctor Rubén (Dir.); PINEAU, Pablo (Codir.). **Para una escritura de la enseñanza de la lectura y escritura en Argentina: Del catecismo colonial a La Razón de Mi Vida**. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2002. p. 255-274.

COUTINHO, Afrânio. A caligrafia na escola. In: **Revista do Ensino**. Porto Alegre: SEC/RS, n. 36, mar./1956. p. 69-68.

CPOE/RS. Comunicado: A escrita. In: **Revista do Ensino**. Porto Alegre: SEC/RS, n. 91, abr./1963. p. 2-5/18.

_____. Comunicado: Orientações bibliográficas para o ensino primário (II). In: **Revista do Ensino**. Porto Alegre: SEC/RS, n. 114, 1967. p. 61-62/40.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. Tradução de Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DI GIORGI, Cristiano. **Escola Nova**. São Paulo: Ática, 1986.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Ensino da escrita e escolarização dos corpos: uma perspectiva histórica. In: _____. (Org.). **Modos de ler, formas de escrever**: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 30-46.

FONTOURA, Afro do Amaral. **Metodologia do Ensino Primário**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1963.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território plural**: a pesquisa em história da educação. São Paulo: Ática, 2010.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S.; GASTAUD, Carla. Nos traços de caligrafia, indícios de um tempo escolar. In: **História da Educação**. Pelotas: ASPHE/FaE/UFPel. v. 14, n. 30, jan./abr. 2010. p. 207-226.

LOPES, Sonia de Castro. Arquivos do Instituto de Educação: suporte de memória da Educação Nova no Distrito Federal (anos 1930). In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, n. 9, jan./jul. 2005. p. 43-72.

LOURENÇO FILHO, M. B.. A escrita e a escola renovada. In: MARQUES, Orminda I.. **A escrita na escola primária**. São Paulo: Melhoramentos, 1936. p. 3-6.

_____. **Introdução ao Estudo da Escola Nova**. São Paulo: Melhoramentos, 1930.

_____. **Introdução ao Estudo da Escola Nova**: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea. 14. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

MARQUES, Ormindá I.. Contribuição para o ensino da escrita na escola primária. In: **Separata dos Arquivos do Instituto de Educação**. Rio de Janeiro, v. 1. n. 1, jun. 1934. p. 3-35.

_____. Contribuição para o ensino da escrita nas escolas primárias. In: **Arquivos do Instituto de Educação**. Rio de Janeiro, v. 1. n. 2, jun. 1936a. p. 233-237.

_____. **A escrita na escola primária**. São Paulo: Melhoramentos, 1936b.

_____. **Escrita Brasileira**. v. 1. São Paulo: Melhoramentos, 1953a.

_____. **Escrita Brasileira**. v. 2. São Paulo: Melhoramentos, 1953b.

_____. **Escrita Brasileira**. v. 3. São Paulo: Melhoramentos, 1953c.

_____. **Escrita Brasileira**. v. 4. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

_____. **Escrita Brasileira**. v. 5. São Paulo: Melhoramentos, 1952.

MONARCHA, Carlos. **A reinvenção da cidade e da multidão**. Dimensões da modernidade brasileira: a Escola Nova. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

_____. Breve Resenha de Idéias Sobre “O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”. In: **Filosofia, Sociedade e Educação**. Marília/SP, v. 2 n. 2. 1998. p. 75-86.

_____. Lourenço Filho e a Bibliotheca de Educação (1927-1941). In: _____. (Org.). **Lourenço Filho: outros aspectos**, mesma obra. Campinas, SP: Mercado de Letras; Curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – Campus de Marília, 1997. p. 27-57.

MONTEIRO, Carolina. **Letra bonita, letra legível: uma mirada histórica à caligrafia como exercício escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Alfabetização e Modernidade no Brasil. In: **Leitura: teoria & prática**, Campinas, n. 32, dez. 1998. p.54-58

_____. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **Os sentidos da alfabetização**: São Paulo 1876-1994. São Paulo: UNESP: CONPED, 2000.

MOTA, Doris Ramos da; LEITE, Vera Paes; ARMELLINI, Neusa Junqueira. A escrita na escola primária. In: **Revista do Ensino**. Porto Alegre: SEC/RS, n. 123, 1969. p. 16-20/25.

NÓVOA, António. Por que História da Educação?. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Século XX. V. 3. 3. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009. p 9-13.

OSSANNA, Edgardo O.. El problema de la letra en la escritura: la escuela entrerriana a comienzos del siglo XX. In: CUCUZZA, Héctor Rubén (Dir.); PINEAU, Pablo (Codir.). **Para una escritura de la enseñanza de la lectura y escritura en Argentina**: Del catecismo colonial a La Razón de Mi Vida. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2002. p. 215-228.

PERES, Eliane. A Escola Ativa na visão de Adolphe Ferrière: Elementos para compreender a Escola Nova no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Séculos XX. V. 3. 3. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009. p. 114-128.

_____. O Ensino da Linguagem na Escola Pública Primária Gaúcha no Período da Renovação Pedagógica (1930-1950). In: PERES, Eliane; TAMBARA, Elomar (Orgs.). **Livros Escolares e Ensino da Leitura e da Escrita no Brasil (séculos XIX – XX)**. Pelotas: Seiva, 2003. p. 75-93.

QUADROS, Claudemir de. **Reforma, ciência e profissionalização da educação**: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul. 2006. 428 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SANTOS, Theobaldo Miranda. Prefácio. In: CARNEIRO, Orlando Leal. **Metodologia da Linguagem**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1951.

SILVA, Arlette Pinto de Oliveira e. Preparando para ler. In: **Revista do Ensino**. Porto Alegre: SEC/RS, n. 36, mar./1956. p. 16-19.

SILVA, Vivian Batista da. Uma história das leituras para professores: análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971). In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas/SP: Autores Associados. n. 6, jul./dez. 2003. p. 29-57.

STEPHANOU, Maria. **Tratar e Educar**: Discursos médicos nas primeiras décadas do século XX. Tese de doutorado. 2.v. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PPGEduc, 1999.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. Educar a Escrita: os sentidos da caligrafia na História da Educação. In: **14º Encontro Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação**. Pelotas: UFPel, 2008. (CD-ROM).

_____. História, Memória e História da Educação. In: _____. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Séculos XX. V. 3. 3. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009. p. 416-423.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **História dos métodos e materiais de ensino**: a escola nova e seus modos de uso. São Paulo: Cortez, 2010.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2007.

VIDAL, Diana Gonçalves. Da caligrafia à escrita: experiências escolanovistas com caligrafia muscular nos anos 30. In: **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, n. 1, v. 24, jan./jun. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000100009> Acesso em: 14 jan. 2011.

VIDAL, Diana Gonçalves; ESTEVES, Isabel de Lourdes. Modelos caligráficos concorrentes: as prescrições para a escrita na escola primária paulista (1910-1940). In: PERES, Eliane; TAMBARA, Elomar (Orgs.). **Livros Escolares e Ensino da Leitura e da Escrita no Brasil (séculos XIX – XX)**. Pelotas: Seiva, 2003. p. 117-138.

VIDAL, Diana Gonçalves; GVIRTZ, Silvina. História da Educação Comparada na América Latina: um caso para repensar algumas suposições (o ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar no Brasil e na Argentina, 1880-1940). In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **Pesquisa em História da Educação**: perspectivas de análise, objetos e fontes. Belo Horizonte: HG Edições, 1999. p. 69-86.

VIEIRA, Patrícia Machado. Discursos sobre escrita caligráfica em manuais de formação de professores (1930-1960). In: **16º Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. (CD-ROM)

VIÑAO FRAGO, Antonio. Del periódico a Internet: leer y escribir en los siglos XIX y XX. In: GÓMEZ, Antonio Castillo (Coord.). **Historia de la cultura escrita**: Del Proximo Oriente Antigo a la sociedad informatizada. Gijón: Trea, 2002a. p. 317-355.

_____. Por uma história da cultura escrita: observações e reflexões. In: **Cadernos do Projecto Museológico**. n. 77. Santarém: Escola Superior de Educação, mai./2001.

_____. **Sistemas educativos, culturas escolares y reformas:** continuidades y cambios. Madrid: Morata, 2002b.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor:** uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymar, 2009.